

**UNIVERSIDADE DO VALE DO RIO DOS SINOS - UNISINOS
UNIDADE ACADÊMICA DE PESQUISA E PÓS-GRADUAÇÃO
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO
NÍVEL MESTRADO**

MARIA FRANCISCA CANOVAS DE MOURA

**TELEJORNAL DOS 500 ANOS:
*Frames de Protesto e Violência***

SÃO LEOPOLDO

2001

MARIA FRANCISCA CANOVAS DE MOURA

TELEJORNAL DOS 500 ANOS:
Frames de Protesto e Violência

Dissertação apresentada como requisito parcial para a obtenção título de Mestre, pelo Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação da Universidade do Vale do Rio dos Sinos.

Orientador: Prof. Dr. Antônio Fausto Neto

São Leopoldo

2001

M929t Moura, Maria Francisca Canovas de.
Telejornal dos 500 Anos : frames de protesto e violência./
Maria Francisca Canovas de Moura. – 2001.
183 f. : il. ; 30 cm.

Dissertação (mestrado) – Universidade do Vale do Rio dos
Sinos, Programa de Pós-Graduação em Ciências da Comunicação,
2001.

"Orientador: Prof. Dr. Antônio Fausto Neto."

1. Telejornalismo – Brasil. 2. Comunicação de massa –
Aspectos sociais – Brasil. 3. Movimentos de protesto – Brasil. I. Título.

CDD 070.1950981
CDU 070:654.197(81)

Dedico esta dissertação a meus pais,
Cristina Canovas de Moura e
José Fernando Ehlers de Moura,
que sempre me incentivaram a estudar.

AGRADECIMENTOS

Agradeço ao Professor Antonio Fausto Neto pela orientação, acompanhamento e diálogo durante todo o percurso.

RESUMO

A dissertação “Telejornal dos 500 Anos: *Frames* de Protesto e Violência” consiste em uma leitura de matérias televisivas relativas ao protesto e à violência presentes nas comemorações dos 500 Anos de Descobrimento do Brasil. O objetivo inicial era pesquisar acerca do gênero telejornal, mas, à medida que se aprofundou o tema, observou-se que somente os telejornais das duas datas, 22 e 26 de abril de 2000, relativas respectivamente ao Descobrimento e à Primeira Missa Rezada no Brasil, eram insuficientes para entender o que havia ocorrido naquele momento histórico e naqueles *frames*. Buscou-se o auxílio da mídia impressa, observando-se a intertextualidade das mídias. A leitura da mídia impressa e dos telejornais possibilitou uma reconstituição do processo histórico do que ocorria no momento de contestação às comemorações pelos 500 anos. Através das matérias dos telejornais, analisaram-se seus roteiros de edição e neles as vozes, os textos e as imagens, procurando mostrar o papel da linguagem cinematográfica no texto da TV. Num segundo momento, extraíram-se as imagens consideradas mais significativas em termos de protesto e violência e fez-se uma leitura a partir de conceitos da linguagem cinematográfica, que se destacavam na estrutura da narrativa. Os conceitos permitiram nortear a análise integradora da informação televisiva, resgatando seu sentido como um todo.

Palavras-chave: Mídia. Telejornal. Comemoração 500 Anos de História do Brasil. Violência. Protesto. Imprensa. Linguagem cinematográfica. Notícia.

ABSTRACT

The master's thesis "Telejornal dos 500 Anos: Frames de Protesto e Violência" (Television News Broadcast of the 500 years of Discovery: frames of protest and violence) consists of an study of frames and instances of protest and violence broadcast on television during the celebration of 500 years of Discovery of Brazil. The initial aim of this study was to work only with the television news broadcast genre, but the television news instances broadcast on April 22 and 26 - the Discovery and the First Mass in Brazil, respectively – were insufficient to understand what happened in those specific events of celebration. Therefore, it was necessary to also examine the printed media and establish the intertextuality between these two genres. The reading of both the television and the printed media enabled the reconstruction of protest episodes during the celebration events. The television news articles were looked at from the point of view of the script, the editing and voices, the written text and its images with the intent of showing the role the cinematography language plays on the television text. On a second stage, just the most significant images of protest and violence were extracted and an analysis was made by means of the elements from cinematographic language which stood out the most in the narrative structure. The cinematographic language allowed a rather integrative analysis of television information in as much as it helped rescue its meaning as a whole.

Keywords: Media. 500 Years Brazil History. Violence. News. Protest. Cinematographic language. Press.

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 – Títulos do 1º Ato.....	70
Quadro 2 – Títulos do 2º Ato.....	72
Quadro 3 – Títulos do 3º Ato.....	72
Quadro 4 – Script TV Record.....	118
Quadro 5 – Script TV Bandeirantes I.....	123
Quadro 6 – Script TV RTP.....	128
Quadro 7 – Script TV BBC I.....	132
Quadro 8 - Script TV BBC II.....	135
Quadro 9 – Script TV Globo I.....	141
Quadro 10 – Script TV Globo II.....	144
Quadro 11 – Script TV Bandeirantes II.....	148

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 – Marcha (Jornal da Band).....	150
Figura 2 – Marcha (JN)	150
Figura 3 – Marcha (Jornal da Record).....	150
Figura 4 – Fechamento das Estradas (Jornal da Record).....	151
Figura 5 – Vestimenta (Jornal da RTP).....	153
Figura 6 – Faixa no Rio (Jornal da RTP)	154
Figura 7 – Faixa Primeira Missa (JN)	154
Figura 8 – Faixa Primeira Missa (JN)	155
Figura 9 – Discurso (JN)	157
Figura 10 – Demonstração de força (Jornal da Record).....	159
Figura 11 – Policiais (Jornal da RTP)	160
Figura 12 – Policiais (Jornal da Record)	160
Figura 13 – Bombas na estrada (Jornal da Band).....	161
Figura 14 – Balas na estrada (JN).....	162
Figura 15 – Ferimentos (Jornal da Record e Jornal da RTP)	163
Figura 16 – Ferimentos (JN).....	164
Figura 17 – Ferimentos (Jornal da Band)	164
Figura 18 – Enfrentamentos (JN)	165
Figura 19 – Enfrentamentos (JN)	166
Figura 20 – Enfrentamentos (Jornal RTP).....	167
Figura 21 – Enfrentamentos (BBC News).....	168
Figura 22 – Enfrentamentos (Jornal da Record).....	169
Figura 23 – Enfrentamentos (Jornal da RTP).....	169
Figura 24 – Enfrentamentos (Jornal da RTP).....	170
Figura 25 – Enfrentamentos (JN)	171

SUMÁRIO

1 INTRODUÇÃO	9
2 NATUREZA DA INFORMAÇÃO TELEVISIVA.....	14
3 PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDO NA TELEVISÃO	19
4 PAPEL DA IMAGEM CINEMATOGRAFICA NA CONSTRUÇÃO DO ACONTECIMENTO TELEVISIVO.....	36
5 AGENDA E COMEMORAÇÃO DOS 500 ANOS.....	56
6 VIOLÊNCIA E PROTESTO NA MÍDIA IMPRESSA	66
6.1 AGENDA DA MÍDIA IMPRESSA SOBRE AS COMEMORAÇÕES DOS 500 ANOS DE DESCOBRIMENTO E DA PRIMEIRA MISSA REZADA NO BRASIL	67
6.1.1 1º Ato: A Antevisão dos Protestos	68
6.1.2 2º Ato: Registros de Violência	71
6.1.3 3º Ato: O Dia Seguinte	72
6.1.4 1º Ato: Os Dias de Véspera	73
6.1.5 2º Ato: O Dia D	95
6.1.6 3º Ato: o dia seguinte	104
6.2 CAMPOS SOCIAIS E VOZES NA MÍDIA IMPRESSA	109
7 PROTESTO E VIOLÊNCIA NOS DIAS 22 E 26 DE ABRIL SOB A ÓTICA DOS TELEJORNAIS.....	111
7.1 FRAMES DOS TELEJORNAIS COM ELEMENTOS DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA	149
8 CONCLUSÃO.....	174
REFERÊNCIAS	178

1 INTRODUÇÃO

“Telejornal dos 500 Anos: *Frames* de Protesto e Violência” é o resultado de um processo de trabalho. Este percurso é registrado desde sua origem e o motivo de sua escolha até o momento de elaboração deste texto. Esse processo abarca desde a vivência profissional (por ter trabalhado mais de doze anos em televisão) e acadêmica (no magistério universitário na área de televisão e como aluna do curso de pós-graduação) da autora.

Antes de iniciar o Mestrado, foi escolhido, como foco de estudos, a TV. No primeiro semestre de disciplinas, definiu-se o gênero dentro da TV e o telejornal como campo de análise. Acreditava-se que esse poderia ser o gênero mais imparcial. No primeiro semestre do Mestrado, na disciplina “Texto e Intertexto” foi abordado o conceito de texto, percebendo-se que texto ia além da linguagem falada e escrita. Texto também compreenderia a imagem. O centro dessa disciplina dizia respeito à televisão e aos processos de construção da realidade. Nesse momento foi produzida a monografia “*Texto e Intertexto no Telejornalismo*”, na qual se procurou definir o texto no jornalismo, o conceito de acontecimento e de notícia, buscando aprofundar a prática de enunciação no telejornal. A partir daí, identificou-se o intertexto no telejornalismo, através da imagem.

No segundo semestre do Mestrado, na disciplina “Mídias, Sentido e Comunicação”, entre os tópicos abordados estavam o processo midiático televisivo e a configuração de estrutura, linguagem e gênero, chegando às estratégias e às táticas discursivas. Nessa disciplina foi desenvolvida a monografia “A Notícia Telejornalística e as Figuras do Simulacro”, na qual identificaram-se as figuras do simulacro, através do conceito de Omar Calabrese¹, em notícias telejornalísticas que tinham ido ao ar. Nesse momento, iniciou-se o exercício de definição e de descrição dos procedimentos a serem adotados para a análise de matérias telejornalísticas, fazendo-se a reconstrução de uma das “rotinas produtivas” do telejornal, o roteiro de edição. Ainda no segundo semestre, na disciplina “Comunicação, Mídia e Recepção” foi abordado o conceito de mediação e produção de sentido na Semiótica. Desenvolveu-se, a partir daí, a monografia “*A Produção de Sentido na Notícia Telejornalística*”, na qual se examinou o conceito de produção de sentido através de matérias de telejornais de TV aberta em diferentes faixas de horário, estudando tanto a questão de áudio como a de vídeo.

¹ CALABRESE, Omar. *A idade neobarroca*. Lisboa: Edições 70, 1987.

No terceiro semestre do Mestrado, na disciplina “Produção Midiática”, alguns temas abordados foram a lógica e a cultura nas profissões da comunicação, as interações das lógicas midiáticas com outras lógicas institucionais e sujeitos e identidades na produção comunicacional. Neste momento definiu-se o tema da dissertação: a comemoração dos 500 anos de descobrimento do Brasil. A monografia desenvolvida na disciplina teve como título “*Telejornal dos 500 Anos: Campos Sociais, Vozes e Leituras*”, quando então se analisou o evento dos 500 anos enquanto processo midiático e identificaram-se os campos sociais, vozes e leituras que duas matérias de telejornais, de TV aberta e TV por assinatura, fizeram do acontecimento. Ainda no terceiro semestre, na disciplina “Estudo dos Meios”, através do gênero da informação, desenvolveu-se a monografia “*Tempo e Espaço no Telejornal: as Manifestações nas Comemorações dos 500 Anos*”, identificando-se, em matérias de telejornais, o conflito que decorreu a partir das comemorações dos 500 anos, apresentando a construção do tempo e do espaço através de regras de enunciação. Assim procurou-se, ao longo do curso, estruturar reflexões convergentes para o objeto de estudo.

A preparação da dissertação, portanto, se dava concomitantemente ao momento em que se começava no Brasil a comemoração pelos 500 anos. Em abril de 2000, Fernando Henrique Cardoso, Presidente da República no Brasil, começou a questionar o feriado para a comemoração da missa dos 500 anos, dia 26 de abril, vindo a cancelar o feriado e sua participação no evento. As razões apontavam para um momento crítico: existia a possibilidade de ocorrerem manifestações. O quadro mostrava proibições, desencadeamento de incidentes, comemorações restritas.

No exame dos textos monográficos, foram percebidas características, problematizações, ângulos que foram consolidando a construção do objeto. Já naquele momento analisavam-se fragmentos de telejornais, procurando se aproximar de processos de descrição de linguagens, mesmo que em nível de articulação inicial, certas construções, possibilidades de compreensão que os telejornais foram tecendo a cerca dos acontecimentos a sua maneira. Tudo isso levou ao estudo da cobertura dos 500 anos da perspectiva do telejornalismo como lugar de fala, e da perspectiva da relevância histórica de duas datas significativas: 22 de abril, comemoração dos 500 anos de história do Brasil, e 26 de abril, comemoração da primeira missa rezada no Brasil. Em ambas as mídias estiveram presentes. Naqueles momentos eclodem acontecimentos colaterais, as manifestações, que foram apropriadas pelos telejornais.

O acesso ao material se deu numa condição em que há uma mistura de figura do espectador e do pesquisador. No dia 22 de abril de 2000, um sábado, foram gravados o Jornal da Record, o Jornal da Band, o Jornal Nacional, o Jornal da RTP (TV Portuguesa) e o da BBC (TV Inglesa). Estes dois últimos telejornais, foram gravados sem ter sido prevista a gravação. A autora estava zapeando para saber o que as emissoras poderiam apresentar sobre o acontecimento.

No dia 26 de abril, quarta-feira, como não houve o feriado, e a autora estava trabalhando, pediu para um colega fazer as gravações, conseguindo registrar somente três telejornais: Jornal Nacional, Jornal da Noite (Bandeirantes) e Jornal do SBT. Este último não trouxe nenhuma matéria sobre a missa.

Paralelamente, uma semana antes da gravação dos telejornais, no dia 14 de abril, iniciou-se a coleta de material que saía no jornal Correio do Povo, como subsídio para alguma informação que pudesse não estar clara com relação às comemorações. De 22 a 26 de abril, também foram separados materiais da Zero Hora e Folha de São Paulo. Mais tarde, explica-se adiante, foi preenchido o período com os jornais Zero Hora e Folha de São Paulo, de 14 à 21 de abril de 2000. O período completo dos dados relativos à mídia impressa vai de 14 a 26 de abril de 2000, com os jornais Correio do Povo, Zero Hora e Folha de São Paulo.

Aparentemente os objetivos pareciam estar claros. Num primeiro momento, parecia que o estudo iria voltar-se para a análise de discurso. Após um mês em completa imersão na bibliografia de telejornal e teoria da imagem, o caminho teria que ser outro. A imagem tinha uma riqueza de informação, que precisava de um método para análise daquela linguagem. Mas como analisar a informação televisiva? A resposta estava em sua origem, isto é, a origem da linguagem televisiva e de vídeo: no cinema. Mesmo percebendo as diferenças dessas duas mídias, TV e cinema, a linguagem cinematográfica permitiria resgatar elementos inerentes à informação televisiva, que vão além da análise do texto verbal. Estas convicções levaram a estruturar alguns capítulos que abordassem questões como: a informação televisiva (primeiro capítulo); a produção de sentido na TV (segundo capítulo) e a imagem cinematográfica na construção do acontecimento televisivo (terceiro capítulo). Neles examinaram-se alguns conceitos, como: quadro, marco, campo, fora de campo, perspectiva, profundidade de campo, planos e enquadramentos, movimentos de câmera e de lente, seqüência, ponto de vista, movimento, ritmo e segmento sonoro.

Tendo sido a comemoração dos 500 anos pautada pela mídia por mais de dois anos, são descritos os eventos que tomariam lugar dentro e fora do Brasil para a comemoração dos 500 anos. Esse é o tema do quarto capítulo: o registro jornalístico da comemoração dos 500 anos. Este procedimento se deve ao fato de poder mostrar registros os quais apontam para o fato de que a comemoração dos 500 anos é uma festa “multi-institucional”.

A leitura do material de jornal, que serviria para contextualizar a cobertura das duas datas, evidencia que a mídia impressa aos poucos ia mostrando a antevisão de problemas. Por exemplo, que no dia 22 de abril poderia haver um grande protesto produzido por minorias e uma grande repressão a ser desencadeada pelo governo, isto é, à medida que o protesto ia tomando forma, o governo já dizia que iria reprimi-lo, para não “manchar” as comemorações dos 500 anos. A própria repressão desencadeada pelo governo foi motivo para os indígenas se manifestarem na missa do dia 26 de abril. Isso levou a examinar o papel da agenda jornalística, à luz da *agenda-setting*, definido no capítulo 4, Agenda e Comemoração dos 500 Anos. Neste sentido, procurou-se mostrar que os jornais a seu modo vão agendando questões que depois são retomadas pelos telejornais. A teoria de *agenda-setting* tomava seu lugar não só na festa, na comemoração dos 500 anos, como também no protesto e na violência expressos contra as comemorações dos 500 anos. Este é o tema do quinto capítulo: violência e protesto na mídia impressa.

O objeto de análise, desde o início, eram os telejornais, restringindo-se aos dias 22 e 26 de abril em virtude da relevância que tomam os registros de protesto e violência sobre as comemorações dos 500 anos neste período. Para tanto, através das matérias dos telejornais, analisaram-se seus roteiros de edição e neles as vozes, os textos e as imagens, procurando mostrar o papel da linguagem cinematográfica no texto da TV. Num segundo momento, extraíram-se as imagens consideradas mais fortes em termos de protesto e violência e fez-se uma leitura com elementos da linguagem cinematográfica, que se destacavam na estrutura da narrativa. Este é o sexto capítulo: o protesto e a violência nos dias 22 e 26 de abril sob a ótica dos telejornais e os *frames* dos telejornais com elementos de linguagem cinematográfica.

A dissertação “Telejornal dos 500 Anos: *Frames* de Protesto e Violência” consiste em uma leitura de *frames*, quadros e instantes de matérias televisivas relativas ao protesto e à violência presentes nas comemorações pelos 500 Anos de Descobrimento do Brasil. O objetivo inicial era trabalhar o gênero telejornal, mas, à medida que se aprofundou o assunto, observou-se que somente os telejornais das duas datas, 22 e 26 de abril de 2000, eram

insuficientes para entender o que realmente havia ocorrido naqueles instantes e naqueles *frames*. Buscou-se o auxílio da mídia impressa, observando-se a intertextualidade das mídias. A leitura da mídia impressa e dos telejornais possibilitou uma reconstituição do processo histórico do que ocorria no momento de contestação às comemorações pelos 500 anos.

2 NATUREZA DA INFORMAÇÃO TELEVISIVA

Neste capítulo reflete-se sobre a especificidade da informação televisiva face a outros meios. A imagem na construção do acontecimento jornalístico tem papel fundamental, enquanto testemunho e presença ao mesmo tempo em que não tem autonomia, pois depende do som; são necessárias várias operações nas imagens para que a informação na TV se caracterize.

A televisão herdou gêneros do cinema, dos quadrinhos e do rádio numa espécie de “*expropiación*” das descobertas de outros meios. Conforme Zunzunegui¹, o recurso que tem mais êxito na programação televisiva são as películas realizadas para exibição em salas de cinema. A televisão devolve ao cinema a forma de fazer imagens e, cada vez mais, são os diretores de cinema que trabalham para ela. Segundo Metz², tanto a TV como o cinema compartilham traços materiais e codificações específicas, o que permite afirmar que são duas versões, tecnológica e socialmente distintas, de uma mesma linguagem.

A televisão possui uma característica específica que é a transmissão ao vivo, isto é, a possibilidade de emitir imagens ao mesmo tempo em que se produz o acontecimento da realidade que a origina. Hoje em dia o *ao vivo* é utilizado para grandes acontecimentos, cerimônias solenes de caráter nacional ou internacional, competições esportivas, retransmissão de debates, eleições, etc. Durante muito tempo, circulou a idéia de que a TV ao vivo oferecia uma imagem da realidade, sem possibilidade de manipulação. O que ela não permite é corrigir erros ou criar efeitos temporais, além do *instant replay*, mas é possível realizar operações de montagem mediante a localização de câmeras em determinados pontos de vista e a seleção dos mesmos em momentos adequados.

Para Eco³, o que caracteriza a TV é o fim a que se destina. A televisão é um serviço que oferece ao público distintos gêneros de discurso comunicativo caracterizados por um alto grau de heterogeneidade e fragmentação de conteúdos. Para Zunzunegui, o princípio que rege a programação televisiva é a neutralização que unifica as diferenças entre programas para reduzi-los a um denominador comum, aniquilando singularidades de cada espetáculo,

¹ ZUNZUNEGUI, S. *Pensar la imagen*. Madrid: Cátedra, 1992. p. 200.

² METZ, C. apud VILLAFANE, Justo; MINGUEZ, Norberto. *Principios de teoría general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 238.

³ ECO, U. *Apocalípticos e integrados*. São Paulo: Perspectiva, 1979.

convertendo-os em programa, tendo em vista as disponibilidades e preferências da audiência. Através da neutralização é possível integrar essa multiplicidade fragmentária, cujo resultado é a sensação de a realidade estar ao alcance do espectador sentado em sua poltrona. Essa realidade de fácil acesso foi filtrada, descontextualizada, reorganizada e espetacularizada, pois tudo o que não surpreende não entretém e não tem espaço na televisão. A mensagem televisiva oferece um discurso centralizado que se apresenta separado em distintas imagens que podem ser organizadas pelo telespectador, favorecendo a ilusão de que é precisamente ele quem controla o discurso.

A fragmentariedade e heterogeneidade de conteúdos são outras características da TV. Conforme Gubern⁴, a informação é efêmera e evanescente, o que a banaliza. O espectador recebe uma pseudo-realidade desestruturada, e a noção de centro e periferia desaparece, deixando no espectador a noção de que tudo está próximo. A desestruturação do real é reforçada, em primeiro lugar, porque a notícia seleciona o mais espetacular e insólito; em segundo lugar, porque se insere entre a ficção e o entretenimento e, em terceiro lugar, porque dá um tratamento narrativo e dramático ao que ficcionaliza. Paradoxalmente, o que não aparece na tela, não existe socialmente.

A televisão proporciona uma atenção descontínua e superficial devido às constantes interrupções visuais ou acústicas produzidas pelos sucessos cotidianos do lar. A emissora gera mensagens simplificadas e repetitivas que exigem do receptor um esforço intelectual reduzido. Pela gratuidade e comodidade, a televisão ocupa o primeiro lugar na lista de atividades desenvolvidas durante o tempo de ócio em muitos países.

A informação na TV é elaborada mediante sons, imagens e textos com todas as características essenciais, qualitativas e princípios da mesma⁵. É um meio baseado na perceptividade audiovisual com repercussões na memória, tais como retenção e capacidade de atenção às imagens e sons. Dispõe de infinitas possibilidades para transmitir informação, mas também possui limites para a exposição de discursos lógicos e de argumentação.

A televisão tende à simplificação. É um meio rápido, com uma cadência de imagens em velocidade, que apenas permite dar maior complexidade à informação. Requer poucos

⁴ GUBERN, R. apud. VILLAFANE, Justo; MINGUEZ, Norberto. *Principios de teoría general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 239-241.

⁵ CEBRIÁN HERREROS, Mariano. *Información televisiva: mediaciones, contenidos, expresión y programación*. Madrid: Síntesis, 1998. p. 48-52.

dados para se ver a imagem. A televisão conta com a possibilidade de impacto da imagem e com o limite de tempo para dar a informação eficaz sobre a realidade.

A linguagem televisiva se desenvolve no tempo com uma dupla dimensão: simultânea e sucessiva. Existe uma simultaneidade e seqüencialidade de componentes sonoros, visuais e textuais que estabelecem relações recíprocas. A simultaneidade se desenvolve em uma seqüencialidade, um antes e um depois, que introduz relações contextuais internas que são as que fixam e estabelecem o sentido de cada fragmento textual. O tempo da informação televisiva é breve. Cada notícia gira em torno de um minuto e meio e, cada vez mais, as notícias se medem por segundos de duração. A seqüencialidade temporal está caracterizada pela fugacidade e irrepitibilidade do exposto. É um tempo irreversível, o que diferencia a expressão televisiva de linguagens fixas e espaciais. Para que o discurso televisivo seja compreensível, exige a clareza de conceitos e expressões. Não permite grande acumulação de dados, nem conceitos. É um meio imediato que permite transmissão simultânea a seu desenvolvimento. Daí a importância e as peculiares exigências que tem o tratamento ao vivo.

A televisão possui um componente espacial, mesmo que reduzido, segundo o formato da câmera de captação e o tamanho da tela do receptor. Isto obriga a elaborar uma composição cenográfica, uma encenação da informação, tanto no estúdio como nas externas. Requer uma composição da informação e das exposições informativas. A espacialidade televisiva incorpora todos os tratamentos do espaço audiovisual e, em particular, a fragmentação da realidade mediante o marco, o enfoque e a angulação dos planos e a profundidade de campo.

Oferece um discurso contínuo, mesmo que o espectador perceba a clausura de cada um dos fragmentos, que podem ser interrompidos por conteúdos alheios ao mesmo. O discurso televisivo é aberto. Mesmo que tudo esteja previsto na programação, durante o momento da emissão, se incorporam outros elementos, se substituem uns programas por outros, se intercalam blocos publicitários e se gera uma supermontagem que se amplia: não somente mediante programas, senão também através de emissões parciais de um dia ou de dias sem fim, nos supostos canais em funcionamento 24 horas.

A televisão vive em um ambiente multimidiático, no qual cada canal tem que sobreviver dentro de um sistema freqüentemente competitivo pela multitelevisão com todas

suas repercussões. O novo ambiente multimidiático produz uma fragmentação e dispersão de audiências tanto de coberturas nacionais, como autônomas e locais.

A especificidade da informação televisiva não é só uma questão de técnica e de linguagem, mas de concepção, estruturação e organização. A informação televisiva da atualidade requer detectar o noticiável no conjunto de fatos, selecionar os traços fundamentais e descartar os secundários, captar imagens e sons mais representativos e ordená-los de acordo com uma narração jornalística adequada ao meio, o que nem sempre coincide com a ordem cronológica dos fatos, e tratar harmoniosamente o conteúdo com recursos audiovisuais claros, inteligíveis e decodificáveis imediatamente.

Na televisão, a notícia adquire uma dimensão global e integradora de diversos sistemas expressivos audiovisuais⁶ imagens (fixas e em movimento), sons (locução, música, som ambiente, silêncio) e texto verbal. Tudo se integra em unidade e coerência para transmitir a mensagem. Em geral, as notícias se baseiam nas imagens em movimento, em uma voz em *off* do jornalista e na intercalação de declarações de personalidades portadoras de informação.

O jornalista deve contar audiovisualmente a notícia e tomar as decisões sobre a expressão oral, a ordem e a duração dos planos, a seqüencialidade global e a cadência e conexão dos sistemas expressivos. O montador ou editor auxilia para que o resultado final tenha a máxima perfeição técnica em sua execução; mas quem vai fazer o relato é o jornalista, trabalhando tanto com imagens como com a linguagem escrita, buscando uma plena integração de todos os sistemas expressivos.

O relato das notícias televisivas é global e integrador. Há um relato visual e outro oral, mas sem autonomia alguma em nenhum dos casos. Um está em correlação com o outro. O jornalista organiza a notícia mediante a construção da expressão oral em função das imagens ou constrói o relato visual em função da expressão oral. Ambos são construídos, tendo em vista o planejamento global da notícia. A organização da notícia vem determinada pela ordenação e articulação adequada dos fatos e componentes expressivos: planos visuais, sons e texto. As situações se agrupam por seqüências com maior unidade e coerência na relação com a expressão oral.

⁶ CEBRIÁN HERREROS, Mariano. *Información televisiva: mediaciones, contenidos, expresión y programación*. Madrid: Síntesis, 1998. p. 185-186.

O enfoque da informação é o matiz da notícia⁷ e consiste em estabelecer o ponto de vista que se considera nela e também em graduar e ressaltar os dados de maior interesse para a audiência ou apresentá-lo de maneira que desperte a atenção. Na verdade, a notícia é enfocada do ponto de vista do telespectador. Cada emissora ressalta o aspecto de maior repercussão para cada localidade. O enfoque também pode orientar-se para a personalização, isto é, repercussão e implicações nas pessoas e grupos sociais, humanizando as notícias com narrações de fatos pessoais e enfocando-os do ponto de vista de uma pessoa concreta.

As notícias televisivas aparecem dentro de outros dois enfoques: o do espetáculo e o da eficácia. O enfoque do espetáculo busca as imagens chamativas e incorpora qualquer imagem para ilustrá-la, mesmo que não seja significativa, não tenha vinculação real com o fato e, ainda, contradiga o que se narra na expressão oral. É o enfoque do produtor executivo, mais do que o do jornalista. Predomina o interesse comercial de impactar a audiência, mais do que oferecer um serviço informativo eficaz. Busca-se, sobretudo, o entretenimento e a distração mais do que a concentração no fato. Em lugar de informar, desinforma-se. Por outro lado, o enfoque de eficácia almeja o entendimento e a compreensão do alcance da notícia da parte do espectador. Para isso, o critério de seleção dos recursos audiovisuais envolve pertinência, adequação e clareza.

Para concluir este capítulo, pode-se dizer que a informação televisiva se caracteriza pelo seu suporte de visualização, isto é, pelo tamanho da tela e resolução da imagem, por se tratar de uma informação audiovisual onde predomina o movimento, que possui característica de instantaneidade, atualidade e testemunhalidade.

A seguir, é descrito o processo de produção de sentido na TV.

⁷ CEBRIÁN HERREROS, Mariano. *Información televisiva: mediaciones, contenidos, expresión y programación*. Madrid: Síntesis, 1998. p. 197-198.

3 PROCESSO DE PRODUÇÃO DE SENTIDO NA TELEVISÃO

Neste capítulo, são apresentados alguns conceitos sobre as características do processo de produção de sentido no âmbito da TV, enfocando, dentre outros, a questão do espetáculo, do texto, do espaço, dos atores, do código e do tempo na TV.

A televisão é um meio de comunicação que trabalha com linguagens múltiplas e mobiliza um grande número de códigos preexistentes. Gonzalez Requena¹ fez um estudo sobre o discurso televisivo enquanto espetáculo e procuramos a seguir mapear algumas de suas principais idéias.

A heterogeneidade de gêneros caracteriza o discurso televisivo e se manifesta tanto na variedade e diversificação de programas, em termos de sucessão de programas, ou fragmentos de programas agregados a gêneros diferenciados, como na variedade de emissões paralelas ao mesmo tempo, através da diversificação da oferta programática nos vários canais de emissão simultânea. O consumo televisivo gira em torno de um desejo visual. O discurso televisivo busca a satisfação do desejo audiovisual do espectador médio. As instituições televisivas configuram suas programações atendendo a um critério meramente econômico: garantir a máxima rentabilidade e maximizar benefícios. O simulacro da comunicação, que se sustenta na ideologia dos meios de comunicação de massa e na tecnologia do mercado, constitui o pretexto da instauração de um espetáculo permanente.

O nascimento do cinema e mais tarde da TV, lembra o autor, supõe a configuração concêntrica do espaço espetacular, sobretudo porque as características tecnológicas desses novos meios de comunicação, na ordenação da perspectiva do espaço, fica inscrita na produção de imagens. A posição da câmera no momento da filmagem ou de gravação da imagem representa antecipadamente o lugar virtual, essencialmente concêntrico, que logo vai ser adotado pelo espectador. As diferentes posições de câmera, adotadas durante a rodagem, se fundirão em um único lugar material, ocupado pelo espectador, onde vão se converter, por uma razão de perspectiva, em múltiplas imagens rodadas. Isso é o que faz a montagem filmica ou a edição televisiva. As diversas posições da câmera concreta, ao manter constante a forma de ordenação do espaço, definem um único lugar virtual, o da câmera, qualquer que seja seu lugar concreto, que o olhar do espectador vai materializar.

¹ GONZALEZ REQUENA, J. *El discurso televisivo: espectáculo de la posmodernidad*. Madrid: Cátedra, 1999.

A multiplicidade do ponto de vista e a unicidade do lugar concêntrico do olhar explicam a potência desses novos meios: o espectador se acha no melhor lugar de visão, não porque lá se encontre, senão porque tem acesso a todos os ângulos de visão. O espectador cinematográfico e o televisivo realizam o projeto de visão absoluta, no qual o narrador brinda o mesmo com a capacidade de, sem deslocar-se, estar em todo momento, no melhor lugar, e gozar da mais significativa informação.

Ao referir-se à informação e ao espetáculo, salienta que as reportagens informativas tendem à espetacularização do material, conduzindo a um bombardeio de estímulos que se impõem sobre o desenvolvimento narrativo do conteúdo informativo. A tendência para a fórmula do documentário dramático atesta a dominação da encenação, por parte do sujeito da notícia, do seu drama para o olhar do espectador. O que importa, no documentário dramático, é que o sujeito ofereça seu drama ao espectador. O autor acredita que o importante não é dizer algo, mas manter o contato e rentabilizar o ato de dizer (qualquer coisa). Essa é a lógica do mercado de informação: a busca incessante de dizer algo e a produção de informação que permita alimentar o contato espetacular.

Também para Villafañe e Mínguez², a realidade de fácil acesso é filtrada, descontextualizada, reorganizada e, sobretudo, espetacularizada. Aquilo que não surpreende que não entretém os espectadores não atende aos objetivos da televisão. A mensagem televisiva oferece um discurso centralizado que se apresenta como desagregado em diferentes imagens que podem ser organizadas pelo telespectador, favorecendo a ilusão que é precisamente ele que controla o discurso.

Por outro lado, quando um **texto** chega à redação de um informativo televisivo passa por uma seleção³ extirpando-se do conjunto para isolar um fragmento que vai converter-se em texto informativo. Junto com a seleção sobre a quantidade de informação recebida, existe uma operação consistente no que foi subtraído, a focalização. O redator encarregado da seleção de informações exerce a posição de leitor, provando se a informação merece ou não ser transmitida ao leitor virtual. Feito isso, o leitor exerce, enquanto redator, a liberdade de sua própria seleção, sublinhando e marcando o texto para, depois, integrar um texto compreensível, capaz de comunicar na perspectiva melhor situada. Esse tipo de informação

² VILLAFañE, J.; MÍNGUEZ, N. *Principios de teoría general de la imagen*. Madrid: Pirâmide, 1996. p. 239.

³ VILCHES, Lorenzo. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 21-32.

permite que os núcleos de informação original se reordenem, modificando suas prioridades e suas funções originais. Trata-se de uma operação de refocalização.

O redator organiza o texto, mas o texto trabalha o discurso. Aí surge o sentido. Na televisão, o texto não está isolado, nem tem sentido por si próprio. Existe uma pluralidade de textos, com pluralidade de sentido, mas o contexto televisivo, a complexidade de sucessões temporais, de seqüências espaciais, de existências de objetos e sua presença visível, o que forma o campo de forças do texto programado, consiste no sentido.

No caso da imagem, o jogo de um plano a outro e a duração equivale a valorizar, acentuar ou distanciar o sujeito ou o objeto da informação relativa ao espectador. Toda a informação diária transmitida pela televisão tem o caráter de uma mobilização de citações que permite usar potencial semântico: pôr uma declaração política junto da outra, distantes no espaço e na intenção, mas unidas por um ato de sincretismo temporal; jogar com o sincretismo da palavra e do gesto; ordenar verbos e planos, etc. As notícias têm uma estrutura padronizada que constitui a regra do jornalismo informativo e que podemos resumir em sete perguntas: quem, o quê, quando, onde, como, por quê, quais as conseqüências.

Quanto à exibição da imagem informativa, conforme Calabrese⁴, no jornalismo televisivo, o efeito de espetáculo prevalece sobre os conteúdos da informação. A informação na televisão é uma exibição cuidadosamente controlada na qual estão previstos personagens, cenografia, entradas em cena, recursos dramáticos e cômicos, conselhos e previsões (de tempo, da economia). A imagem informativa produz um efeito de realidade pelas constantes indicações espaciais e temporais. A informação visual atualiza a presença do acontecimento cada vez que se repetem as ações que constroem a notícia.

Para Vilches⁵, a informação na televisão está próxima da estética filmica. O telejornal está dominado pelo **espaço** filmico de atores e acontecimentos. A informação visual da narração da câmera é mais importante que a narração escrita. O espaço produzido pela informação audiovisual é mais cinemático que mosaical. A representação da informação, na televisão, pode ser facilitada ou obstaculizada pelo estilo de representação do espaço que adota.

⁴ CALABRESE, Volli. apud. VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión*. Barcelona: Paidós, 1984. p. 177.

⁵ VILCHES, Lorenzo. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 81-85.

A força da representação do espaço televisivo reside na informação e na narração. Por um lado, na descrição dos espaços; por outro, na relação que estabelece a televisão entre a realidade do acontecimento e o espaço imaginário do espectador. Quando a câmera descreve os acontecimentos em um lugar concreto, esses aparecem como se fossem independentes das câmeras, com uma existência prévia da chegada da televisão. Contudo, a montagem impõe sua força de articulação da imagem, substituindo e ocultando o acontecimento ou dando lugar a outras descrições que contradizem ou modificam as anteriores. Outro aspecto importante na espacialidade televisiva é a presença do apresentador, sua voz e a voz fora do campo (*off*). Esses actantes têm por missão encadear os pontos de vista do acontecimento, com os do discurso do enunciador e do espectador.

O espaço real do acontecimento mostrado e o espaço imaginário produzido através da montagem são utilizados pelo enunciador para criar uma seqüência, como em um filme de ficção. Essa *coerência* da informação se constrói de forma complexa, porque é necessário criar rupturas espaço-temporais (ontem, hoje, aqui, lá), textos verbais, mapas, símbolos, e, sobretudo, a palavra sincronizada ou em *off* tem uma função no desenvolvimento da seqüência informativa. Ela cria, une, desfaz e reforça a concepção espacial do acontecimento e da notícia; passa a ser o lugar onde se dissolvem as tensões criadas pela complexidade dos espaços da notícia. As imagens de ações dos acontecimentos podem apresentar muitas aberrações aparentes mas todas estão harmonizadas nas conexões de espaços que é a palavra. A informação implica, muitas vezes, relações de espaço não localizáveis. O espaço da informação se converte em algo abstrato, ficcional, assim como a continuidade e a cronologia temporal das notícias. Na informação, não existe um espaço localizável, existe de fato. A essência do espaço televisivo é uma coexistência de lugares não necessariamente existentes, ainda que prováveis. O telespectador dos telejornais flutua entre o discernimento da veracidade da informação e a falsidade de espaço do acontecimento.

Como se articula o sujeito organizador do telejornal com a construção visual e de que modo o visual exhibe e designa os protagonistas do acontecimento?

A partir de estudo da espacialidade, é possível detectar a regularidade e a constância que a televisão mantém em suas relações com a organização da informação e que se apóia em esquemas de tipo geométrico. O espaço produz o sujeito enunciativo da informação na televisão. O sujeito enunciativo não se produz só no sentido espaço-gênero, espaço-programa,

senão no sentido de que, estudando a disposição espacial da informação, pode-se reconstruir o sujeito da organização ou enunciação televisiva.

A televisão se converte em um texto atravessado por signos de um discurso; a realidade se organiza em uma cena de transmissão da informação em meio a transformações e reconstruções do espaço da atividade formal e expressiva desenvolvida por profissionais. O telejornal tenta reproduzir o espaço exibido pelas câmeras, ocultando, ao máximo, o trabalho de transformação discursiva. Nesse caso, tem-se o gênero documentário, onde o espaço originário deve constituir o centro do intercâmbio comunicativo entre televisão e telespectador.

O espaço de *informação*, no aspecto narrativo, compreende: espaço de cena, espaço produzido pela montagem, espaço da voz e espaço televisivo/extratelevisivo. Esses espaços não são necessariamente visíveis, mas são perceptíveis⁶.

O espaço de *cena* representa o visível e se refere tanto à imagem construída (de forma analógica ou digital) como às relações que se materializam no interior do enquadramento. A cena televisiva aparece quase sempre construída com certa regularidade, despojada ao máximo de elementos cenográficos, porque obedece ao princípio de economia de informação e de linguagem. Há elementos que tornam a cena mais complexa: o uso de diferentes câmeras e iluminação; a atmosfera da cena: cenário diurno/noturno; interior/exterior; de massa/deserto; natural/artificial. Essas oposições próprias do veículo e muitas outras físicas desempenham um papel importante na modalidade cognitiva do espectador, porque remetem a categorias lógicas pela regularidade e repetição, fazendo da cena do informativo um lugar estético: noite/dia; dentro/fora; cheio/vazio; etc.

O espaço da *montagem* diz respeito à cena originária da televisão que pode ser escassa ou não existir, mas a montagem pode utilizar uma imagem de arquivo e reconstruir uma imagem que não existe. A montagem estabelece os nexos entre um espaço e outro, entre o plano médio e um primeiro plano, etc. A montagem permite o reconhecimento dos personagens e facilita hipóteses narrativas que o espectador formula ao longo da informação, mas sobretudo permite formar-se uma idéia global, abstrata e generalizada do espaço, onde a televisão informa a origem da informação.

⁶ VILCHES, Lorenzo. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 85-90.

Já o espaço da *voz* diz respeito ao som e à capacidade de construir espaço. O som ocupa lugar no espaço como posição ou como figura e fundo. Ele tem um volume e ocupa um valor na escala de tons. A voz pode apresentar-se de várias formas. A voz em *off* é aquela que não modifica a imagem, mas funciona como metalinguagem e tem a força de dizer praticamente tudo. É a voz da propaganda por excelência: voz do enunciador, do poder. A voz sincronizada é aquela que se encontra em cena e participa do espaço visível de modo que se pode indicar ou assinalar a fonte de emissão. A voz visível é aquela que vem da boca do protagonista a todo momento. E, por fim, a voz ocultada, que ocorre no caso de testemunhos ou protagonistas que não querem ser identificados e a câmera os enquadra, de costas ou de perfil, à contraluz, ou seja, a voz provém da imagem.

O *espaço televisivo/extratelevisivo* é um espaço de informação na televisão que tem duas faces: a expressa e a oculta do espaço televisivo e a expressa e a oculta do espaço extratelevisivo. O espaço do estúdio televisivo, que pode ser o estúdio central, de onde se exhibe a apresentação das notícias, é o espaço do inverso da imagem, onde se vê e até onde se vê, de onde vêm as vozes, os sons e as imagens. Paradoxalmente, está fora do campo do acontecimento, mas é o reverso visível da notícia. O espaço extratelevisivo é aquele de onde se origina o espaço mais próximo da origem do acontecimento; é um espaço não estruturado para a emissão da TV.

Outra espécie de espaço é o *nodal*. O *set* do estúdio de televisão é a parte visível de uma estrutura de tratamento e de produção da informação televisiva. O estúdio exhibe a redação como coração e cérebro da informação. Este é uma sala com telefones, papéis e pessoas trabalhando⁷. A cenografia do estúdio é o espaço nodal, conforme Gicquel⁸. O apresentador assume a mediação entre o espectador e a realização do telejornal. O espaço da tela também é um espaço nodal, na medida em que a imagem de realização funciona como mediadora entre o acontecimento externo e o estúdio. A relação entre o espaço extratelevisivo (na maior parte dos casos a razão de ser do espaço visual) e o espaço televisivo fica descompassada a partir da centralização do apresentador do telejornal. A imagem do apresentador bloqueia a possibilidade do espectador ter acesso à imagem do acontecimento. Ao mesmo tempo que o apresentador evoca a informação, oculta com seu próprio corpo a imagem dessa informação.

⁷ VILCHES, Lorenzo. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 90-94

⁸ GICQUEL apud VILCHES, L. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 92.

O chamado *espaço da pantáquina* é aquele utilizado pelos telejornais; nele é apresentado o espetáculo das notícias imitando, com efeitos especiais, o formato de uma página ou explicando verbalmente o caminho de uma informação à outra, como o virar de página⁹. O telejornal é semelhante à codificação da página escrita e a certas regras de paginação e edição. O critério de paginação e de tratamento da tela permite analisar os informativos como uma página/tela. A página do telejornal é uma unidade visual de leitura delimitada por margens da tela de cristal do receptor de televisão sobre o qual se expõe durante certo tempo um conjunto de informações. As televisões cada vez mais estão se servindo de recursos de tipografia eletrônica, restaurando o modelo de página de jornal na TV. O advento do videotexto¹⁰, que se define como página visual, reforça a introdução do modelo desta tecnologia na informação diária.

A compaginação também é importante no caso do telejornal, pois é ela que permite o funcionamento seriado da tela durante a emissão do telejornal. Com as “chamadas”, os telejornais simulam oferecer ao telespectador um guia de leitura, que recolhe idéias, palavras ou imagens classificadas, criando uma falsa mobilidade de leitura. As chamadas servem para persuadir, dizendo que o assunto em foco é o mais importante da atualidade. A organização do telejornal como estrutura de conjuntos informativos é decorrente do critério de reagrupamento por conjuntos que segue o modelo da imprensa escrita; segue a mesma lógica de seleção e articulação dos conteúdos informativos.

Quanto ao **código utilizado**, o telejornal tem um léxico próprio condensado, formado por pequenas frases de fraca carga semântica¹¹ e por palavras curtas. A televisão permite gravar pouca quantidade de imagens para dizer muito, utilizando, para tanto, iniciais, abreviaturas, siglas. Os telejornais excluem as frases longas dos textos sobreimpressos. A imagem informativa é ilustrativa; não especifica sua relação com o acontecimento. Quando é específica, carece de tempo real.

A imagem dos informativos tem uma função estética de oxigenação da claustrofobia provocada pela voz em *off* dominante. É uma imagem “quadrada” com enquadramentos frontais e simples, montagem simples e subordinada a todo momento à palavra e a um ritmo

⁹ VILCHES, Lorenzo. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 94-100.

¹⁰ Videotexto: sistema que permite transmitir informações de vídeo em canal telefônico, utilizando os próprios monitores como instrumento de leitura.

¹¹ VILCHES, op. cit., p. 101-106.

repetitivo nos movimentos de câmera: panorâmicas de esquerda para direita e inverso. Quando sobra texto em *off*, repetem-se as imagens.

É muito difícil obter imagens dos acontecimentos no momento em que eles se desenvolvem. As imagens tendem a ser descrições de efeitos e de fatos já passados. Quando é possível se ter imagens, dada a espetacularidade das cenas, as emissoras reservam o momento principal do telejornal para apresentá-las acompanhadas de comentários e abundantes interpretações com frequência rodeadas do tópico dos “primeiros efeitos” e, portanto, repetida até a saciedade.

As tecnologias avançadas na área audiovisual estão moldando um novo tipo de gênero informativo, no qual o mais importante é a ostentação da simulação da notícia diante do espetáculo do **tempo** real. Já não interessa exibir o acontecimento, mas o ritmo da produção da notícia¹².

A memória da televisão aparece como elemento indispensável para a extensão do esquema corporal do sujeito da comunicação. Existe uma diferença entre memória da televisão e memória do sujeito. A primeira é uma memória de arquivo, regulada e codificada, baseando-se em funções precisas; a memória do sujeito evolui e pode interagir sem limitações. O tempo atua sobre a memória do espectador, mas não sobre a memória da televisão¹³. As imagens e os sons que compõem a memória da televisão aumentam as capacidades de conhecimento e de interpretação do espectador sobre um determinado tema, internalizando em sua experiência uma parte do mundo comunicado pela informação.

A televisão, mais precisamente o telejornal, aparece como meio que representa a temporalidade do presente. Todas as limitações ficam relegadas a um segundo plano, tal é a potência de simulação do presente. Se a informação televisiva é a exibição do presente parece difícil falar em memória e, inclusive, do passado da informação. A informação enunciada no passado é o mais efêmero no nosso mundo. O telejornal aparece como antimemória, pois reforça o caráter efêmero dos acontecimentos e, para ser coerente com o princípio de contemporaneidade, deve morrer com a notícia.

As imagens do telejornal possuem um ritmo calculado para manter o espectador desperto. O tempo emitido por um telejornal aparece como tempo deformado; o tempo do real

¹² VILCHES, Lorenzo. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 124.

¹³ *Ibid.*, p. 130-135.

pode coincidir com o tempo gravado¹⁴. Gravar um acontecimento consiste em memorizá-lo. A fita de vídeo é mais do que um suporte de memória ou arquivo; é um verdadeiro sistema de produção. A fita permite respeitar todas as etapas do processo de produção, possibilitando a gravação sem interrupção do acontecimento selecionado ou controlando durante ou depois da realização do acontecimento selecionado, ou recomeçando a captação de imagens e sons, acrescentando-se outros e modificando pontos de vista anteriores. Agregando-se ainda a produção e a manipulação com um sintetizador de vídeo, as possibilidades de gravação são infinitamente mais numerosas que os outros suportes de arquivo ou memória.

Os aspectos referentes ao tempo abstrato (tempo do enunciado, tempo de gênero, tempo tecnológico) ressaltam a relação que se estabelece entre imagens e sons de arquivo com a dimensão de presente e passado do sujeito espectador. Pode-se considerar uma mesma duração do acontecimento (ao vivo) ainda que difira do tempo de emissão. A gravação de imagens e sons, por meio de uma câmera de vídeo e seu posterior arquivo, não tem relação com os acontecimentos, mas com a forma do tempo¹⁵. No caso dos telejornais, o tempo presente se arquiva em um passado memória, para ser usado como presente, pois toda imagem que aparece na tela tem por única função assinalar o aqui e lá do acontecimento.

A câmera de vídeo permite conservar a matéria e a forma da expressão temporal, não no ato instantâneo do enunciado informativo (ao acontecimento propriamente dito) senão na forma-tempo que adquire esse acontecimento. No gênero telejornal, o realismo da televisão e sua identidade com o referente real vêm do conceito de simultaneidade temporal entre o meio e o acontecer de seus actantes. O telejornal se reduz a uma colaboração cronológica, a uma repetição desses atos, a uma serenidade dos momentos instantâneos.

A potencialidade da TV para emitir em qualquer momento a instantaneidade do acontecimento, converte-a em simulador do tempo real. A televisão introduz o gênero cronológico permitindo que o trabalho da leitura desse gênero se afirme como uma espetacularidade do ato do acontecimento registrado. Há um relógio da hora solar e um relógio da TV. O solar aparece como máquina que mede o tempo, enquanto o relógio do telejornal é uma máquina que representa o tempo. O tempo de emissão do acontecimento do telejornal é um tempo semiótico, discreto, representativo. O outro tempo é o do universo, da temporalidade não humana.

¹⁴ BELLOIR, D.; NARBONI, J. apud VILCHES, L. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 134-135.

¹⁵ VILCHES, Lorenzo. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 135-141.

Na televisão, há tantos tempos como gêneros. O telejornal apresenta diferentes temporalidades dentro do mesmo programa. O uso individual que faz o telespectador de seu telejornal o induz a uma identificação com o tempo do gênero, com o tempo do ritmo e sua duração. O ritmo do telejornal é a representação da velocidade através de diferentes maquinarias de representação, tais como o aparecer/desaparecer do apresentador, as idas e vindas, as intermitências, as páginas eletrônicas, os efeitos musicais, caracteres etc. O telejornal modela o ritmo de aparição da informação, manipula o tempo da imagem e do som, suspensão da imagem, repetição de seqüências, *flash back*, suspensão e continuação da seqüência.

A demora, a velocidade, a repetição são noções que estão na base de manipulação do tempo nos telejornais. Os fenômenos de *after-image*, ou eco-visual demonstram que as distorções temporais têm estreita relação com a impressão da realidade. Também a relação entre tempo-movimento parece essencial em termos de compreensão cronológica e em relação à competência da compreensão narrativa do espectador. A temporalidade do telejornal é uma temporalidade produzida. O tempo do telejornal é um tempo formal, abstrato, semelhante ao tempo real do computador.

A duração da imagem é o elo da cadeia temporal entrelaçada com outra imagem. Os instantes do telejornal formam ritmos que se superpõem e sugerem linhas de desenvolvimento, velocidades crescentes e decrescentes, vozes e imagens que nascem e morrem no acontecimento do mundo. O telejornal é um concerto de ritmo e informação. Tudo o que conta no mundo do acontecimento é da ordem do instantâneo.¹⁶

Os recursos têm por finalidade criar um efeito de *performance* contínua, de compaginação que se exhibe enquanto se constrói, através de simulação de interatividade no espectador. O espectador vê como se faz a pantáquina e assiste à construção visual da notícia. O telejornal simula o trabalho de redação e técnica realizado por profissionais. A função do espectador passa da passividade de observador espetacular, à de intérprete, destinatário capaz de performatizar suas próprias competências.

Na pantáquina, o tempo do telejornal tem em mente o tempo do “decifrador”. O telejornal oferece ao telespectador um esquema cronológico, em que ordena as peças, prateleiras mentais ou marcas cognitivas, localiza os documentos, classificadores de memória

¹⁶ VILCHES, Lorenzo. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 141-145.

e arquivos para centralizar as datas-chave. O documento da informação toma seu tempo para textualizar-se na tela. As imagens aparecem dispersas. A aparição de grande quantidade de signos eletrônicos vão constituindo textos formados por letras ou números, por curvas ou por histogramas¹⁷, até formar um todo coerente.

O telejornal funciona como um videotexto em que as imagens informáticas se “pegam” página a página no tempo real.¹⁸ Na informática se denomina tempo real a instantaneidade da resposta às operações requeridas pelo usuário¹⁹; lá também existem diversos ritmos de tempo real. A visualização de imagens informatizadas se faz através de ritmos diferentes. O ritmo de acesso da informação pedida e o ritmo de leitura do conteúdo são elementos importantes do conceito de duração entre o usuário e sua máquina. O tempo real na informática é também o tempo abstrato na sua relação com o referente, o mesmo acontecendo com a máquina do telejornal.

A televisão não quer mostrar o acontecimento “bruto” para o telespectador. A fórmula da TV dando notícias quentes, ao vivo, não é sonho de nenhum estrategema dos meios televisivos. A informação sai perdendo em comparação a outros gêneros. Também os diretores de telejornais não pretendem aumentar o número de notícias, em conexão direta com o acontecimento. Essa prática reforça a filosofia de gênero da notícia fundado na concepção de produção da informação.

A concepção da natureza da notícia não se reduz ao imediatismo nem à simultaneidade como valor absoluto. Os limites rígidos de duração dos telejornais impedem a transmissão de acontecimentos ao vivo. Uma coisa é apresentar o acontecimento; outra é dar a síntese significativa e uma ilustração coerente dos fatos. A construção da notícia é tão importante como a realidade dos acontecimentos; a seleção do que se emite como notícia é um processo no qual existem normas e critérios submetidos a uma organização hierárquica e a um certo consenso. Os telejornais não buscam ou não estão em condições de simular a instantaneidade do acontecimento. O telejornal busca a participação no tempo real do telespectador na construção da informação.

¹⁷ Histogramas: gráfico de barras no qual cada uma delas representa uma quantidade.

¹⁸ VILCHES, Lorenzo. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 145-150.

¹⁹ HOLTZ-BONNEAU, F. apud VILCHES, L. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 145.

Wolton e Missika²⁰ abordam a questão temporal. De um modo geral, dividem a televisão em dois tempos: o tempo ao vivo e o tempo gravado. Nessas duas categorias, entrariam todos os gêneros televisivos. Pode-se falar em três tempos ou momentos televisivos: um tempo interno da mensagem, um de emissão e um de leitura. O momento interno faz referência ao tempo em que foi captada a “realidade”. O momento da difusão ou emissão significa o grau de distorção de tempo entre o tempo da mensagem e sua emissão. O terceiro momento se focaliza no modo em que a mensagem televisiva foi recebida na vivência cotidiana do espectador.

Na informação, as imagens de atualidade de uma notícia se mesclam sem maior preocupação com a imagem dos personagens em circunstâncias temporais distintas das que se projetam no tempo presente. A seqüência informativa tende a ser uma seqüência anacrônica que rompe a coerência de uma história para referir-se a acontecimentos precedentes. O funcionamento rotineiro, na seqüência informativa, está determinado pelo passado em forma de uma construção de *flash back* parcial ou imperfeito. Um dos suportes da informação se mobiliza em um tempo diferente de outro. O canal sonoro utiliza o tempo presente, ainda que a imagem recorra ao tempo passado. O *flash back* parcial é vulgarmente conhecido como comentário fora do campo ou voz em *off*. Existem formas anacrônicas ou rupturas de coerência narrativa no telejornal. Com freqüência, afirma-se que as imagens não têm nenhuma conjunção com o som ou as palavras. A duração anacrônica nunca é total.

A relação entre o tempo do acontecimento e o da informação tem um efeito imediato sobre o tempo de leitura do espectador. O efeito temporal de leitura é causado pelo efeito de duração. Esta é o resultado do tempo fixado pelo enunciador do tempo televisivo ao espectador e o tempo que abarcam os acontecimentos da informação. Na transformação ou conversão do tempo do acontecimento em tempo da informação televisiva se põe em prática uma programação temporal que, junto com a localização temporal, nos permite saber em que tempo se situa o telejornal frente aos narradores e aos acontecimentos. Usualmente, não há coincidência temporal entre o momento em que se produz o acontecimento e aquele em que esse acontecimento se dá a conhecer. O tempo do discurso é diferente do tempo da história. A informação não se constrói de forma cronológica.

²⁰ MISSIKA, J. L.; WOLTON, D. apud VILCHES, L. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 150.

O tempo dos narradores não se faz sempre no presente, ainda que aquele do qual se serve o narrador do telejornal seja sempre o presente, assim como ocorre com o do acontecimento passado, o qual, pelo menos no plano da imagem, se veicula através do tempo presente. A temporalidade do telejornal é algo mais complexo que a simples divisão entre passado e presente. O tempo do informante e do espectador é a relação entre narrador e narratário, actantes da enunciação. Narrador é o personagem que fala ou se exhibe, e a sua ação está controlada pelo autor da narração. O narratário é o sujeito ou personagem que recebe a ação do narrador, que escuta e/ou vê o que diz ou faz ao narrador. O narrador ou informante do telejornal coincide com o apresentador, condutor ou com o correspondente externo e com a voz em *off* das informações montadas. O narrador implícito consiste na redação do telejornal.

Existe um contrato comunicativo entre espectador e telejornal, através do qual se pode garantir a simultaneidade. O espectador pressupõe que, quando aparece o apresentador dirigindo-se ao público e olhando a câmera, este o faz de forma simultânea. Qualquer variação dessa forma é comunicada pelo mesmo apresentador. Em relação às conexões com correspondentes, a norma é a locução gravada de antemão. Existe, também, uma conexão simultânea que pode ser com imagem e som telefônico, ainda que se visualize o apresentador na tela.

As competências pragmáticas do espectador, para discernir em que tempo se fala no telejornal, e o funcionamento do mesmo como texto-gênero com regras fixas que lhe dão, além da função informativa, também tem função didática: ensina como deve o telespectador decodificar e assumir o ato comunicativo de dar a notícia. O espectador não só discerne em que tempo se fala no ato enunciativo como aceita situar-se no tempo da narração.

O encaixe temporal serve para explicar que um tempo está incluído dentro de outro, o qual serve ao telespectador para localizar duplamente o tempo do telejornal. O presente do acontecimento e o presente do narrador aparecem como uma anterioridade; ambos estão em concomitância com o presente do espectador. Os narradores, sejam condutores ou correspondentes, funcionam em todo momento como intermediários entre o acontecimento e o espectador.

Da perspectiva da narrativa, existem quatro tipos de relações temporais que implicam outros efeitos comunicativos no espectador²¹. Na primeira, há uma simultaneidade entre o informante e o espectador/acontecimento. O fato é narrado durante o momento em que acontece; o informante se encontra no mesmo tempo que o espectador que participa do mesmo tempo da enunciação, do tempo real da produção da notícia. O tempo do telejornal coincide com o do acontecimento, sendo que o espectador participa do que está acontecendo em outro lugar. No segundo, o informante em simultâneo com o espectador/informante em retardo com o acontecimento. O efeito comunicativo que esta relação temporal suscita no espectador está na metade do caminho do efeito dramático e do efeito narrativo, porque o narrador relata uma história que já sucedeu. Produz-se um distanciamento quando se narra um acontecimento em vez de comentá-lo. A participação do espectador é mediada e se acha submetida a uma maior elaboração. No terceiro tipo, o informante em retardo com o espectador/em simultâneo com o acontecimento. Mostra o correspondente que informa no lugar e no momento em que sucede um acontecimento; no telejornal, aparece dentro de uma seqüência já gravada com informações. O telespectador vê e ouve a notícia como relatada em tempo passado. A concomitância temporal entre o correspondente e o acontecimento obriga o espectador a pôr-se em concomitância com o acontecimento. O efeito comunicativo é imediato. No quarto, o informante em retardo com o espectador/em retardo com acontecimento. Trata-se da máxima distância: narra-se uma história já sucedida; a decoração não corresponde ao objeto do acontecimento; a gestualidade não informa sobre os atores implicados, senão sobre os testemunhos imediatos; a dicção não corresponde ao estado emotivo-psicológico de quem fala e de quem escuta; o informante representa a tarefa da redação; a seqüência, a música, os rótulos, os cortes de montagem, a voz de fora do campo rompem com qualquer efeito de dramaticidade.

As notícias possuem uma estrutura narrativa que, no telejornal, é muito rica e complexa, havendo distintos níveis de constituição.²² O primeiro nível consiste em distinguir entre quem e como informa e sobre o que se informa. O enunciador do telejornal (direção, redação, realização, apresentadores, produção, etc., em seu conjunto) se transforma em um informante que relata as notícias através de seus próprios **atores** (atorialização), de um meio próprio do meio de comunicação e de um espaço diferentes dos atores, dos tempos e espaços dos acontecimentos. O primeiro nível corresponde à enunciação do telejornal. O segundo

²¹ BUSCEMA, M. apud VILCHES, L. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 97.

²² VILCHES, Lorenzo. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 207-265.

nível, à narração visual dos acontecimentos através de diversos actantes que intervêm na informação. Como procede o telejornal para apresentar visualmente as notícias aos espectadores? A opção pela estratégia visual da informação tem um efeito comunicativo direto sobre o espectador de televisão e pressupõe um pacto comunicativo, no qual este coopera interpretando as imagens que vê. O terceiro nível é a relação do telejornal entre os apresentadores e os correspondentes deslocados ao lugar dos acontecimentos. Trata-se de ver de que modo o telejornal distribui seus narradores para contar as notícias. É o espaço nodal do telejornal no estúdio, onde o apresentador tem a missão de ler a notícia e de responsabilizar-se por ela enquanto organizador e apresentador genérico. Os correspondentes têm a missão de especificar a informação. Esses três níveis são a base da narração das notícias, do discurso e do sentido que o telejornal produz e das figuras discursivas que assumem os diferentes narradores.

A voz pode funcionar como actante central do telejornal e como forma simbólica de representação do discurso informativo na sociedade; a imagem dos diferentes atores na apresentação e focalização das notícias. A voz nos informativos tem uma dupla localização. Está dentro e fora da imagem, entrando e saindo dela. A voz adquire o *status* de um actante individual, independente do corpo que a emite ou a transforma. Na tipologia da voz como actante, podem-se distinguir: a voz do actante da comunicação ou da enunciação, voz do narrador ou narratário, vozes de protagonistas que podem ser vistos (narradores), vozes de comentaristas que não são vistos e vozes de entrevistados/ entrevistadores (vozes dos narratários). E a voz do actante da narração ou do enunciado: a voz pode ser o sujeito ou o objeto. A voz pode realizar a tarefa de observação (a voz do correspondente de outro país) e de figuração (pertencente a um personagem ou ator da informação, ou representar vários personagens).

Conforme Chion²³, existem muito mais vozes do que simplesmente as em *off* e a direta. A voz em *off* é objeto do pacto comunicativo entre o telejornal e o espectador, porque se dirige só a ele, não à imagem. O espectador tem que aceitar a informação sem interpretação ou compreensão. A voz sincronizada participa da imagem, modificando-se e materializando-se em coisas ou corpos. Participa da espacialidade da imagem, da focalização e do ponto de vista da câmara. Produz no espectador maior credibilidade. Estando no interior da cena, também produz informação, se oferecendo como verdade direta. A voz visível corresponde ao

²³ CHION, M. apud VILCHES, L. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 214-216.

movimento dos lábios do protagonista exposto pela câmera. Tem um campo visual direto, uma profundidade de campo baseada na perspectiva auricular que põe em relação de propagação a transmissão do som objeto com a fonte de origem ao mesmo tempo com a recepção subjetiva do espectador. A voz oculta é outro tipo de voz sincronizada, onde a fonte não pode ser vista, embora seja emitida pelo ator da informação. Trata-se de uma voz ocultada pelo próprio locutor ou pela câmera da TV, relacionada com a identidade do sujeito ou devida a problemas técnicos.

A voz, além de possuir as funções comunicativas de estar, saber, ver, dizer, pode relacionar-se com os elementos expressivos da imagem, isto é, há uma relação dentro do marco espacial entre a voz e o plano visual. Existe uma relação entre plano e tamanho da voz que não é necessariamente homogênea na televisão. A voz na TV tem a tendência a crescer mais que os corpos e mais que os planos. O volume sonoro serve para medir a distância do ouvinte em relação ao tamanho da imagem e representa a medida de isolamento. A informação está hierarquicamente ordenada a partir da voz que está sempre em primeiro plano.

No informativo de televisão, existem diversos atores. O próprio informativo é um ator macroestrutural que contém as figuras dos distintos narradores da informação, assim como espaços onde se desenvolve a apresentação das notícias. Em segundo lugar, estão os atores do acontecimento, as pessoas no interior da notícia que exercem um papel ativo ou passivo, visualizados com maior ou menor intensidade pelo telejornal. Em terceiro lugar, estão os destinatários da informação que se acham pressupostos em todo ato comunicativo.

Em um informativo, tem-se o apresentador no estúdio, o correspondente no lugar do acontecimento e os atores do acontecimento. Do ponto de vista do espectador, pode-se ter, na tela, tanto a cena e atores do telejornal, como a cena e atores do acontecimento. Quem orienta a informação entre os informantes? Isto é, quem organiza a perspectiva sob a qual se mostra a informação? A segunda questão é: Quem é o informante? Para Genette²⁴, seriam as questões: quem vê e quem fala. Teremos três respostas: um informante que sabe tudo e que diz o que os outros poderiam dizer; um informante que diz somente o que vê, com um ponto de vista limitado; um informante que diz menos do que sabe e vê. As informações referentes ao primeiro tópico não são focalizadas, não pertencendo a nenhum ponto de vista e, ao mesmo

²⁴ GENETTE, G. apud VILCHES, L. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995. p. 239.

tempo, dominando todos. Um informante onisciente fala sobre múltiplos acontecimentos do ponto de vista concêntrico. As informações referentes ao segundo tópico, na qual o informante observa o acontecimento, um por vez, mas o todo - consistem na focalização direta e horizontal. As informações da terceira forma são aquelas de um observador que permanece no exterior de uma visão interna do acontecimento, limitado ao testemunho de um fenômeno maior.

Concluindo pode-se dizer que a produção de sentido na TV decorre de uma conjugação de linguagens, articulações, investimentos tecno-simbólicos e humanos. Mais adiante, no capítulo referente a telejornal, identifica-se um determinado espetáculo televisivo (o protesto e a violência durante as comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil) através de vários telejornais, sendo que os atores que o compõem encontram-se no sul da Bahia (mais especificamente entre Porto Seguro, Eunápolis e a reserva indígena de Coroa Vermelha) durante o dia 22 de abril de 2000.

A seguir aborda-se o papel da imagem cinematográfica na construção do acontecimento televisivo.

4 PAPEL DA IMAGEM CINEMATOGRAFICA NA CONSTRUÇÃO DO ACONTECIMENTO TELEVISIVO

Neste capítulo, procura-se mostrar a pertinência de conceitos cinematográficos no processo de produção de sentido dos telejornais, enfocando conceitos como quadro, marco, campo, perspectiva, profundidade, escala, planos, enquadramentos, movimentos, seqüência, temporalidade, ritmo, montagem e som.

Em termos visuais, a televisão teve como se viu dois antecedentes: o cinema e a fotografia. Do cinema e da fotografia, ela extraiu elementos para sua linguagem, e sua forma de apresentação, adaptando-os ao seu meio. As diferenças fundamentais entre a televisão e o cinema estão na questão técnica: na TV, é possível gravar as imagens em suporte magnético e logo visualizá-las. No cinema, o suporte é a película, que passa primeiro por um processo fotoquímico de revelação, que só então será visualizado. Outra diferença importante diz respeito ao equipamento: no cinema, há uma visualização de profundidade, enquanto que, na TV, isto é mais restrito.

Villafañe e Mínguez¹ classificam as imagens em quatro classes ou tipos icônicos, ordenando-as das mais imateriais e intangíveis às de maior uso de tecnologia, nas quais a resposta do material tem maior influência sobre o resultado visual. As quatro classes de imagens são mentais, naturais, criadas e registradas. Há características comuns que agrupam as imagens mentais e naturais e as imagens criadas e registradas. Os dois primeiros grupos carecem de uma intencionalidade comunicativa, e os outros dois cumprem a função comunicativa. Outra característica é a possibilidade de comunicação, que é total nas criadas e registradas; no entanto, não existe nas outras duas classes. Villafañe e Mínguez definem o perfil de cada um dos quatro tipos de imagens.

As imagens mentais têm como principal característica a imaterialidade. As propriedades mais notáveis que as definem e diferenciam dos outros três tipos de imagens são um conteúdo sensorial, rico figurativamente e interiorizado. Além disso, supõem modelos de realidade e possuem um referente; não requerem a presença de nenhum estímulo físico para produzir-se; são as únicas imagens que não carecem de um suporte físico; os processos gerais

¹ VILLAFañE, Justo; MÍNGUEZ, Norberto. *Principios de la teoria general de la imagen*. Madrid: Pirâmide, 1996. p. 51-57.

de conduta podem introduzi-las a diversos graus de mediação. São exemplos de imagens mentais as semiconscientes, as oníricas, as alucinações, as eidéticas e as do pensamento.

As imagens naturais não têm intencionalidade comunicativa, nem são manipuláveis. Para serem produzidas, requerem um meio iluminado e um sistema visual ativo. São as imagens de percepção ordinária. Seu suporte é a retina. São as imagens de maior nível de realidade, pois guardam uma identidade total com seu referente. Esse tipo de imagem implica uma contextualização e exige a presença de seu referente para produzir-se. A mediação específica exige o funcionamento do sistema visual.

As imagens criadas têm grande variedade de manifestações icônicas. Possuem intencionalidade comunicativa. São obtidas por um sistema de registro requerendo acessórios e um suporte, o que não permite uma reprodução exata da imagem. Podem ser produzidas na ausência do referente. Sua mediação característica é denominada “resposta do material”, expressão que se refere a todas as mediações que impõe o próprio sistema de registro.

As imagens registradas são as mais complexas, devido aos mecanismos utilizados para sua produção, mesmo que sua obtenção resulte muito simples, pela automatização dos ditos mecanismos. As propriedades mais notáveis desse tipo de imagens são as seguintes: obtêm-se através de um sistema de registro por transformação, o qual proporciona uma representação com elevado grau de iconicidade. São as únicas que permitem uma cópia razoavelmente exata. São as imagens mais mediadas, já que impõem um processo de duplicação. Acumulam, também, a mediação de conduta, sistema visual e resposta do material. As imagens analisadas neste trabalho são fundamentalmente as imagens registradas pelos telejornais, isto é, em suporte de fita magnética.

Para se entender a construção teórica de texto visual, são necessárias as noções de sequencialidade e temporalidade, expressas por Metz². O plano de expressão da imagem televisiva é o suporte eletrônico, enquanto que o plano de expressão da imagem cinematográfica é o suporte mecânico. O texto visual é complexo em termos de seqüência e temporalidade, sendo formado por microestruturas, como, por exemplo, as imagens fotográficas, animadas ou móveis, e as múltiplas, suscetíveis de diversas leituras; um texto gráfico correspondente a manifestações escritas que aparecem na tela; e o som musical, som verbal e ruídos sonoros. Tais níveis de expressão são linguagens que atravessam o texto

² METZ, Christian. apud VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión*. Barcelona: Paidós, 1984. p. 72-76.

filmico ou televisivo. Essa complexidade é a base da heterogeneidade do texto audiovisual. A unidade e a gramática dos filmes e da TV se estabelecem por regras que estruturam a coerência seqüencial ou textual. No cinema e na TV, a seqüência se define na articulação de plano por plano.

Metz³ foi um dos primeiros a estudar as grandes unidades filmicas dentro de um filme. Trata-se de um código de montagem. Para ele a imagem filmica está definida por três níveis: a natureza da expressão, a forma da expressão e, finalmente, a combinatória de planos da forma e da expressão. A natureza da expressão está formada por diversas matérias de expressão específica, principalmente auditivas e visuais. A forma da expressão apresenta a noção de imagem filmica correspondente a elementos figurativos que o cinema impõe: o enquadramento. A imagem filmica circunscreve em um marco, o quadro (o retângulo da tela), um espaço plano ocupado por certas figuras. O enquadramento se acha em uma cadeia de sucessão que pode deixar fixo o espaço enquadrado ou imobilizá-lo. Pode, também, deixar fixas as figuras em um quadro, ou animando-as com certos movimentos, ou, ainda, ambos alternadamente. A combinatória de planos apresenta as imagens filmicas ou televisivas que podem superpor-se no espaço e no tempo, ou suceder-se, encadeando-se numa ordem linear determinada.

O ponto de partida da imagem seqüencial é uma seleção da realidade. Selecionar significa eleger, dentro de todo um espaço possível, a porção que seja relevante para nossa narração. **Quadro**, conforme Villafañe e Mínguez, é o elemento que marca essa operação de seleção, que consiste em eleger ou limitar o espaço que é objeto de nosso interesse. É o limite da imagem, a fronteira que separa os elementos importantes que constituem o campo visual, daqueles que não têm essa consideração privilegiada. O quadro pode se associar a medidas e a um formato, ou seja, às dimensões da película utilizada ou do visor da câmera, cuja relação dará como resultado um formato de tela, determinado na projeção da película. Ele é um elemento vinculado com a produção, pois o realizador o converte em ferramenta básica de trabalho, sobre cujo espaço constrói a composição. O espaço da seqüência se organiza em relação ao quadro, que funciona como perímetro compositivo e implica três operações: repartir a superfície do quadro, designando a cada elemento uma quantidade de espaço determinada; outorgar a cada elemento uma localização no quadro; e, finalmente, determinar a duração de cada uma dessas extensões e localizações especiais e decidir se haverá ou não

³ METZ, Christian. apud VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión*. Barcelona: Paidós, 1984. p.75.

movimento dentro do quadro e qual o tipo. O quadro se entende como mecanismo que seleciona parte de um espaço presumidamente mais amplo, isto é, mostra uma parte do espaço e oculta outra. O quadro é físico quando se concebe como uma construção dinâmica que depende diretamente da cena, dos personagens e dos objetos que o povoam.

Para Aumont⁴, **marco** é a fronteira da imagem. A imagem sempre tem dimensões, limites e é um objeto separável e móvel, graças à existência de um marco. As funções do marco podem ser visuais (isola e separa a imagem), econômicas (serve de envoltório a uma mercadoria que circula), simbólicas (assinala um *status* icônico, não real), representativo-narrativas (como janela de acesso a um mundo imaginário, comunicando o campo e fora de campo) ou retóricas.

Denomina-se **campo** a porção de espaço imaginário ou representado no interior de um quadro. Aumont et al.⁵ lembram que a analogia da representação cinematográfica é tão forte que, às vezes, esquecemos que, além do quadro, não há imagem. O campo é percebido pelo espectador como parte visível de um espaço, que se estende além dos limites do quadro. É formado por todo o espaço abarcável pelo objetivo da câmera que, ao mesmo tempo, implica outro espaço: o do espectador, agente externo da representação, mas envolvido nela através de seu olhar. O campo oferece uma dupla consideração: por um lado, é um espaço para representação visivelmente bidimensional e, por outro, é lido pelo espectador como espaço tridimensional, graças à representação do movimento e da profundidade.

Fora de campo está tudo aquilo que não toma parte do campo visível, o elemento de espaço mais legível. Quase sempre há, no campo visual ou sonoro, elementos que nos remetem ao espaço fora de campo, cuja força dramática supera, em muitas ocasiões, a do próprio campo. O espaço fora de campo não é um espaço neutro; ele incide e opera sobre o espaço mostrado e não é exclusivo da imagem seqüencial. A seqüência está constituída por distintos segmentos e supõe a possibilidade de que um segmento determinado revele um espaço antes oculto e fora do campo, possibilidade que não compete à imagem isolada. A imagem cinematográfica fora do campo pode ter uma presença mais violenta, pois, em qualquer momento, pode irromper no campo e deixar de ser espaço *off*. Há três aspectos no

⁴ AUMONT, J. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 184.

⁵ AUMONT, J.; BERGALA, A.; VERNET, M. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 184.

cinema que contribuem para a grande força do espaço fora de campo: a mobilidade dos objetos, as mudanças contínuas de ponto de vista e a presença do segmento sonoro.

Segundo Noël Burch⁶, o espaço fora de campo está constituído por cinco segmentos. Os quatro primeiros estão determinados pelas quatro bordas do enquadramento. O quinto é o espaço, por trás da câmara, que é subtraído, quando um personagem sai do campo, passando pela câmara. O sexto elemento compreende tudo o que se encontra atrás do cenário e acessível a ele. Haveria, portanto, cinco maneiras de criar espaços fora do campo mediante entradas e saídas de campo. Cada vez que um personagem ou objeto entra ou sai do quadro se percebe um espaço *off*. As entradas e saídas só podem ser produzidas pelas bordas laterais, por cima e por baixo. Também através de interpelações diretas de um personagem do campo e de outro de fora do quadro ou vice-versa. No primeiro caso, o meio mais comum é um olhar para fora do campo que também pode ser feito através de um gesto ou da voz. A interpelação fora de campo é efetuada sobretudo através do segmento sonoro. Qualquer desses modos de interpelação pode fazer com que o personagem fora de campo e seu entorno espacial adquiram tanta ou mais importância que o personagem enquadrado. Ou ainda, personagens que tenham uma parte do corpo fora do enquadramento. Essa é uma circunstância comum no cinema, pois, quanto mais incomum for a saída do quadro por parte do personagem, mais o espaço *off* terá força. O espaço *off* criado por um primeiro plano de um rosto será menos agressivo que o que produz um plano em que se mostra só a mão que sobressai pela margem direita do quadro. Incluem-se ainda movimentos de câmara que atualizam o fora do campo e ocultam, total ou parcialmente, o espaço do quadro, além de sons cuja fonte não podemos localizar no quadro.

Burch⁷ faz a distinção entre o espaço fora do campo concreto e outro imaginário. O espaço imaginário é aquele que nunca é mostrado, enquanto que o concreto está fora do campo que já foi mostrado. Casetti e Di Chio⁸ estabelecem três tipos de espaço fora do campo: o espaço não percebido, que está fora do quadro e que, ao não ser evocado, não apresenta motivo para reclamação; o espaço imaginável, que apesar de estar ausente é recuperado por algum elemento da representação; o espaço definido, aquele invisível por algum momento, que já foi mostrado antes ou está a ponto de ser mostrado.

⁶ BÜRCH, N. apud VILLAFANE; MÍNGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 186-187.

⁷ BÜRCH, loc. cit.

⁸ CASETTI, F.; DI CHIO, F. apud VILLAFANE; MÍNGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 187.

De qualquer maneira, o campo e fora de campo pertencem ao mesmo espaço imaginário. O salto de um a outro é contínuo; ambos são reversíveis e produzem um espaço homogêneo. Aumont et al. apresentam a idéia de Bonitzer de um fora de campo heterogêneo ao campo, que poderia identificar-se com um lugar de produção do filme. O espaço *off* teria a finalidade de ocultar todo o indício de produção da película, e sua concepção implica a idéia de que a suposta homogeneidade é convencional, pois oculta a fragmentação e a idéia escrita do filme. O campo e o fora do campo são igualmente responsáveis pela construção do espaço filmico, do qual não podemos esquecer a presença do som que, oportunamente, será apresentado.

Perspectiva vem do latim e significa olhar através, reconhecer claramente ou aprofundar-se em um assunto. Palavras como espaço, espelho, espetáculo, aspecto, respeito, espectador, espectro ou especulador estão emparelhadas com ela, assim como a idéia de janela aberta para o mundo⁹. A perspectiva designa a arte de representar os objetos sobre uma superfície plana de maneira que se pareça com a percepção direta dos objetos reais, localizados em um espaço tridimensional. Cada época histórica tem sua própria forma simbólica de representar o espaço, de acordo com a concepção de mundo; a arbitrariedade a ser feita deve sempre ser considerada em termos relativos.

Profundidade de campo pode ser definida como a extensão de um campo ao longo de um eixo de terceira dimensão em que o espaço é representado com nitidez. No caso de imagem criada, o autor tem total liberdade para selecionar a extensão do campo definido. Na imagem registrada, há uma série de fatores técnicos que limitam a liberdade de autor na seleção de uma profundidade de campo determinada. Em primeiro lugar, à medida que aumenta a abertura do diafragma, diminui a profundidade de campo. Em segundo lugar, a distância focal da objetiva utilizada, ou seja, quanto menor a distância focal, maior a profundidade de campo. Uma lente grande angular oferece uma profundidade de campo muito ampla, à custa de deformações na estrutura dos objetos. Em terceiro lugar, a sensibilidade da película utilizada, pois quanto mais sensível é a película, menos luz necessita para ser registrada, permitindo diminuir a abertura do diafragma e obter maior profundidade de campo.

⁹ VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 188.

Por trás do conceito e uso da profundidade de campo, há um discurso ideológico. Segundo Bazin¹⁰, a profundidade de campo implica um progresso dialético na história da linguagem cinematográfica e sua nova utilização tem três conseqüências: coloca o espectador em relação com a imagem mais próxima da realidade, isto é, a imagem se faz realista; o espectador participa mais ativamente do que quando planeja, mediante a montagem analítica, pois tem liberdade de atenção para escolher o que quiser; introduz a ambigüidade inerente à realidade, diferentemente da montagem que oferece ao espectador um discurso claramente marcado em uma direção.

Por outro lado, segundo Mitry¹¹, o efeito relacional da profundidade de campo é análogo ao da montagem e chega a denominar-se de montagem em plano. Uma grande profundidade de campo cria distanciamento e objetividade, pois reclama a atenção e não a paixão do indivíduo; cria um presente em ação, diferentemente da montagem que cria um presente já feito. A pretendida liberdade que Bazin atribui à profundidade de campo é uma ilusão, embora, na realidade, seja o indivíduo quem a dispõe e ordena; no cinema as coisas vêm já dispostas e ordenadas. O que sobra ao espectador é a liberdade de pensamento sobre o que vê, a partir do que vê, mas, com ou sem profundidade de campo, não pode decidir o que mostra na tela.

Villafañe e Mínguez¹² apresentam o conceito de **escala** que implica relação e quantificação de tamanho. A escala externa expressa a relação entre o tamanho absoluto da imagem e seu referente na realidade, enquanto a interna implica a relação entre o tamanho de um objeto representado na imagem e o tamanho global do quadro de representação. A interna dá origem à gramática dos planos fotográficos e cinematográficos que vêm determinados por três aspectos: o tamanho do objeto, a distância entre o objeto e a câmera e a distância focal da objetiva. Da concordância desses três fatores surge uma escala de planos, ordenados de maneira crescente, do maior ao menor, correspondendo a um crescimento do tamanho relativo do objeto, representado em relação ao tamanho do quadro.

Santos¹³ classifica os **planos cinematográficos** da seguinte maneira: Grande Plano Geral (GPG), Plano Geral (PG), Plano Conjunto (PC), Plano Médio (PM), Plano Americano

¹⁰ BAZIN, A. apud VILLAFANE; MÍNGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 190.

¹¹ MITRY, J. apud VILLAFANE; MÍNGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 190.

¹² VILLAFANE; MÍNGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 148-150.

¹³ SANTOS, Rudi. *Manual de vídeo*. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995.

(PA), Primeiro Plano (PP), Primeiríssimo Plano (PPP), Plano Detalhe (PD). O grande plano geral (GPG) tem como função descrever o cenário. É um plano com ângulo de visão muito aberto, sendo impossível perceber a ação ou identificar os personagens, apresentando grande quantidade de pormenores e necessitando de tempo maior para projeção (8 a 12 seg.). O plano geral (PG) proporciona um ângulo de visão menor que o GPG. Nele se percebe a figura humana, mas é difícil reconhecer as personagens e a ação. Caracteriza-se como um plano descritivo, servindo para mostrar a posição dos personagens em cena (5 a 9 seg.). O plano conjunto (PC) apresenta personagem ou grupo de pessoas no cenário e permite reconhecer atores e movimentação em cena. A ação não é visualizada nos mínimos detalhes, sendo um de caráter descritivo e narrativo, com tendência maior para a descrição. As ações não são totalmente percebidas (4 a 8 seg.). O plano médio (PM) tem como objetivo enquadrar o ator em toda sua altura. Sua função é narrativa, pois a ação tem maior impacto na totalidade da imagem (3 a 7 seg.). O plano americano (PA) enquadra os personagens acima do joelho ou abaixo da cintura e privilegia a ação em relação ao cenário (3 a 7 seg.). O primeiro plano (PP) é o enquadramento que corta o personagem na altura do busto. É um plano de caráter psicológico, pois se percebe o estado emocional dos atores e a direção dos olhares, havendo pequena quantidade de detalhes no quadro (2 a 6 seg.). O primeiríssimo plano (PPP) é aquele em que o rosto ou parte do rosto ocupa toda a tela. A ação não é percebida, dando-se atenção ao lado emocional, transmitido pela expressão facial do ator. É um plano de função indicativa (1 a 3 seg.). O plano detalhe (PD) é aquele que destaca pormenores do rosto ou do corpo do ator, sendo uma imagem de impacto visual e emocional. É um plano de função indicativa. Devido às dimensões exageradas da imagem, necessita de tempo reduzido para a identificação dos objetos em cena (1 ou 2 seg.).¹⁴

Conforme Santos ¹⁵, os **enquadramentos para TV**¹⁶ têm a seguinte nomenclatura: o grande plano geral (GPG) permite um maior ângulo de visão do estúdio. Para criar sensação de maior espaço, a cabeça do personagem deve estar próxima à parte superior da tela. O plano geral (PG) mostra o personagem de corpo inteiro. Ao enquadrar o ator, é deixado um pouco de espaço acima da cabeça e abaixo dos pés (diferença de 10% entre a imagem da fita e o visor). O plano conjunto (PC) é aquele que corta o personagem na altura dos joelhos ou pouco abaixo. O plano médio (PM) mostra o ator da cintura para cima. Os olhos do personagem

¹⁴ É bom lembrar que Santos (1995) se refere a técnicas narrativas clássicas. Dependendo do diretor ou da história, podem se alterar as funções dos planos:

¹⁵ SANTOS, Rudi. *Manual de vídeo*. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. p. 28-30.

¹⁶ Em televisão, a classificação dos planos é ligeiramente diferente da utilizada para o cinema. Isso se deve às dimensões da tela da TV.

ficam a 2/3 da altura do quadro. O primeiro plano (PP) é aquele que corta o ator na altura do busto, sendo utilizado em diálogos ou entrevistas. Os olhos ficam a 2/3 da altura do quadro. O primeiríssimo plano (PPP) mostra a cabeça do ator, com um plano de impacto visual. Os olhos ficam a 2/3 da altura do quadro. O plano detalhe (PD) mostra apenas parte do rosto. É um plano de forte impacto visual. Deve ser usado moderadamente nos programas convencionais e é muito freqüente em vídeos publicitários.

Além dos planos e enquadramentos, o cinema e o vídeo também utilizam **movimentos de câmera** ou de eixo e **movimentos de lente** ou de objetiva. Panorâmica (PAN) é o movimento em que a câmera gira ao redor de um eixo imaginário qualquer, sem deslocar-se mostrando uma paisagem ou cenário. (PAN h – pan horizontal; PAN v – pan vertical ou *tilt*). Chicote (*whip pan*) é um movimento muito rápido que deixa a imagem embaralhada. *Travelling* (trav) é o deslocamento da câmera em qualquer direção. *Zoom* são os movimentos de lente e dependem da variação do ângulo de visão da objetiva. Girando-se o anel do *zoom*, desloca-se um conjunto de lentes no interior da objetiva, produzindo a sensação de aproximação (*zoom in*) ou afastamento (*zoom out*) dos elementos do cenário em relação à câmera. *Zoom in* mostra ao espectador um detalhe específico da cena. *Zoom out* mostra elementos existentes no cenário, que são fundamentais para a ação. Nas mudanças de enquadramento, o corte é a maneira mais simples de realizar a passagem de um plano a outro.

Santos¹⁷ apresenta também alguns conceitos importantes para cinema e TV. O primeiro deles é *plano*, segmento de imagem contínua compreendida entre dois cortes, isto é, a imagem registrada durante o intervalo quando a câmera está ligada, gravando uma cena. De uma maneira geral, o plano é classificado de acordo com o tamanho da figura humana dentro do quadro. A isto chamamos *enquadramento*. *Cena* é um conjunto de planos que estão diretamente relacionados com a mesma ação principal e/ou com a mesma locação. *Seqüência* é um conjunto de cenas. *Take* é cada tomada da cena; é o registro repetido do mesmo plano.

As definições de imagem fílmica ou televisiva estão intimamente relacionadas com sua função expressiva ou comunicativa. Tanto a linguagem cinematográfica como a televisiva partem da unidade seqüência. Chateau¹⁸ examinou o conceito de **comunicação seqüencial** na qual a continuidade de imagens funciona como uma banda de memória capaz de conter as informações de cada plano que transcorre em um tempo fixo, mas não normativo, e pode ser

¹⁷ SANTOS, Rudi. *Manual de vídeo*. Rio de Janeiro: Ed. Universidade Federal do Rio de Janeiro, 1995. p. 21-41.

¹⁸ CHATEAU, Dominique. apud VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión*. Barcelona: Paidós, 1984. p. 77.

obtido por qualquer classe de realização (em rotação normal, cinema de animação com ou sem câmera). O plano pertence a diferentes naturezas de expressão, o que permite procedimentos variados ao realizar um filme (onde intervêm marionetes, atores, transparências, sombras e fotografias macro), permitindo, também, aplicar os mesmos critérios de definição para as seqüências televisivas (em que intervêm efeitos visuais como o *chroma-key*, a máscara e a foto fixa).

A definição de planos e suas possibilidades expressivas não dão conta do conceito de seqüência. Conforme Chateau, é necessário buscar, na combinatória de planos, um princípio capaz de dar coerência à seqüência. Para tanto, se deve trabalhar com níveis e unidades de pertinência teórica, partindo-se do plano como unidade mínima da seqüência e chegando ao filme como unidade máxima e totalidade textual.

Mas como se passa do plano à seqüência e da seqüência ao filme? A propriedade combinatória da seqüência é linear: um plano mais outro formam uma seqüência para o realizador. O espectador vê o transcorrer de imagens em linha. Essa definição de seqüência exclui o conceito de realização cinematográfica e montagem por exemplo. Para Worth¹⁹, trata-se de conceber a seqüência como uma estratégia destinada a dar sentido com mais de uma imagem-ocorrência. O sentido é transmitido tanto através da seqüência (fora do plano), como através de imagens que a formam.

Nas teorias clássicas (Kulechov, Pudovkin), o plano é um elemento de montagem, e a seqüência é um encadeamento de fragmentos. Na teoria de Eisenstein, o plano é uma célula de montagem que engendra um fenômeno cênico independente do que representa o plano. Para Eisenstein, o choque dos planos deve produzir um conceito. As diferenças entre os modos de conceber e teorizar a seqüência podem reduzir-se a duas: a seqüencial, que funciona por simples associação de planos, e a seqüência onde os planos não são intercambiáveis.

A seqüência por encadeamento corresponde a uma sucessão de elementos encadeados em certa ordem visual. Uma seqüência pode encadear-se, alinhando-se uma depois da outra todas as seqüências de planos que figuram na primeira seqüência; em seguida pertencem à segunda; ou começando pela última e seguindo pelas primeiras.

¹⁹ WORTH, Sol. apud VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen*: prensa, cine, televisión. Barcelona: Paidós, 1984. p. 78.

Essas operações de equivalência não se aplicam à seqüência filmica. Pode-se dizer que o filme apresenta dois tipos de lógicas: a das ações e a do discurso filmico. As regras de coerência narrativa pertencem à lógica das ações e não são regras próprias da seqüência: são superestruturais. Existe um texto filmico (o filme, com princípio e fim), um argumento, personagens que relatam ações ou ações relatadas, estilos de construção das situações e cenas. Em síntese, um texto. Deveria ser possível teorizar em macroestrutura; isto é, uma relação entre microestruturas de construção filmica (planos, cenas, seqüências; códigos de montagem, de representação, de realização; códigos técnico-estilísticos, como os movimentos de câmera, enquadramentos, uso da cor e objetivas, etc.) e as macroestruturas determinadas.

Outro conceito básico de encadeamento seqüencial se refere à lei de associatividade, isto é, pode-se estabelecer uma seqüência em qualquer lugar da cadeia filmica que sempre se obterá uma compreensão particular. A aparente neutralidade das imagens em si depende do contexto seqüencial em que se encadeiam. Na concepção de Eisenstein²⁰, a justaposição de dois planos separados e seu resultado diferem completamente. Para ele, toda seqüência é um choque de contrários; já para Pudovkin se trata de um encadeamento.

O conceito de linearidade da seqüência é incapaz de dar conta de outros fatores no discurso filmico, como montagem e roteiro. O roteiro é o texto de continuidade entre as seqüências, previsões de todas as cenas que são encadeadas linearmente. A montagem é a realização (por meio de descontinuidade, corte e recorte de segmentos), readequação e manifestação que o roteiro de certo modo oculta. Essas operações se realizam, determinando segmentos de tamanhos que vão além do conceito de seqüência. São blocos de seqüência que se poderia chamar de macroestrutura filmica.

Nos livros clássicos de cinema, não se vai além do estudo do plano-seqüência e da seqüência. Por outro lado, existe a sinopse, em que certos planos voltam a ser reagrupados do modo original em relação ao respectivo lugar no filme, representando diversas seqüências. Essa macroestrutura contém a seqüência; trata-se do agrupamento por blocos, superior à seqüência. Trata-se de uma macroestrutura discursiva.

As macroestruturas textuais do filme se realizam pela geração de seqüências. A infinita variedade dos modos de representação de cada plano em seqüência se deve à ausência de uma gramática icônica. Existem estruturas determinadas que dão sentido a seqüências sem

²⁰ EISENSTEIN, Sergei M. apud VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión*. Barcelona: Paidós, 1984. p. 81.

estar sujeitas a códigos fixos, na medida em que o realizador e o espectador atualizam o texto fílmico.

O conceito de **ponto de vista** se refere à mecânica narrativa. Tanto Chatman²¹ como Casetti e Di Chio²² apresentam distintos terrenos do conceito. Existe um ponto de vista literal: é o lugar físico a partir do qual se estabelece a visualização. É um ponto de vista sensorial, cujo objeto é material ou visível, como, por exemplo, o lugar onde se localiza a câmara. Existe um ponto de vista figurado: é a posição mental a partir da qual se consideram os fatos e as impressões. É um ponto de vista conceitual, ou cognitivo, e seu objeto é de ordem racional. Finalmente, existe um ponto de vista metafórico, que corresponde à ideologia em proveito de alguém ou de algo. Expressa o ponto de vista de interesse e pode estar relacionado com a finalidade da narração. Cada uma dessas três acepções implica algo distinto: alguém vê algo de algum lugar, alguém sabe algo graças a determinadas informações e alguém crê em algo em função de idéias ou conveniências. A combinação e a multiplicação dessa trilogia é um dos mecanismos básicos para criar todo um complexo jogo de identificações no cinema. Essa combinatória estabelece hierarquia entre os personagens, privilegia uns pontos de vista em detrimento de outros e serve para subtrair tensões entre os distintos elementos da narração. A simples eleição de um ponto de vista físico tem, necessariamente, implicações no ponto de vista figurado e no metafórico. Eleger um lugar do ver já é um juízo.

No cinema, o ver e o saber podem estar separados e, na hora de analisar a construção do espaço cinematográfico, é necessário o ponto de vista literal ou sensorial, ou seja, a relação existente entre a informação audiovisual apresentada e os personagens. Gaudreault e Jost²³ estudaram esse aspecto e oferecem uma classificação que distinguem entre ocularização, auricularização e focalização cinematográficas. A ocularização é o grau de aproximação entre o que representa a imagem e a possível visualização de algum personagem da história. A auricularização expressa a relação entre a informação auditiva e os personagens, estando relacionada com a origem dos sons, sua seleção e clareza. A focalização cinematográfica se refere às relações cognitivas entre as distintas instâncias textuais que, em muitas ocasiões, não se deduzem simplesmente da relação entre imagem e som.

²¹ CHATMAN, S. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 193.

²² CASSETTI, F.; DI CHIO, F. apud VILLAFANE & MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 193.

²³ GAUDREAUULT, A.; JOST, F. apud VILLAFANE & MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 194-195.

Chatman²⁴ apresenta os conceitos de narrador e ponto de vista. Existem narrações baseadas em um mostrar e adequadas para articular-se mediante um sistema icônico, e outras baseadas em um contar cuja articulação mais própria é mediante um sistema não icônico ou simbólico. Em literatura, o autor implícito faz seu trabalho através de um agente que apresenta a história mostrando-a ou contando-a. Esse agente é o narrador em seu sentido mais amplo, um meio ou instrumento que pertence ao discurso e não à história e, como tal, transmite-a, não a experimentando. Quando o narrador e o personagem coincidem, fica difícil separar o universo do discurso da história, pois esta última parece narrada e experimentada por duas figuras superpostas que habitam um espaço e tempo diferentes. No caso do narrador cinematográfico, ele só transmite o que o autor implícito lhe oferece. Só o autor implícito sabe, pois é o inventor da história e do discurso, embora o(s) narrador(es) sejam meros transmissores que podem ser desautorizados ou desmentidos.

O autor propõe substituir a amplitude do conceito de ponto de vista pelos conceitos de ângulo e filtro. O ângulo é o conjunto de atitudes implícitas ou explícitas do narrador, próprias para sua função de retransmissão do discurso. O filtro se refere à função mediadora da consciência dos personagens ante os acontecimentos experimentados de um lugar no universo da história.

Quanto à **temporalidade**, cada tipo de imagem modeliza o tempo da realidade através da estrutura temporal determinada. A imagem fixa-isolada é uma imagem sem movimento que contém um espaço único, estável e fechado. Nesse tipo de imagem, a temporalidade depende indiretamente da interação entre os elementos espaciais, que representam o tempo mediante a abstração. Na imagem móvel-sequencial, tem-se uma representação em movimento capaz de articular a transformação ou mudança de um espaço a outro.

Segundo Aumont²⁵, a temporalidade das imagens também está relacionada com a subjetividade do espectador, com o seu saber referente ao dispositivo da imagem e o que ele tem de convencional. A imagem cinematográfica representa o movimento e está em movimento. Conforme Gaudreault e Jost²⁶, o cinema mostra o processo narrativo. A imagem cinematográfica pode ser descrita em termos lingüísticos por sua qualidade temporal e por sua

²⁴ CHATMAN, S. apud VILLAFANE & MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 195.

²⁵ AUMONT, J. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 198.

²⁶ GAUDREULT, A.; JOST, F. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 198-199.

qualidade modal, mostrando o transcurso dos acontecimentos. Por um lado, as palavras da banda sonora ou dos letreiros podem se referir a acontecimentos já sucedidos; por outro lado, a imagem só pode mostrar esses acontecimentos enquanto se desenvolvem.

Bettetini²⁷ afirma que o filme produz um discurso que fala do tempo, representando-o (tempo do enunciado ou da história). O cinema é um aparato que produz tempo além de sentido. O cinema é tempo em ação, porque só pode ser assimilado como manifestação significativa temporalmente em ação. É necessário estabelecer a diferença entre tempo da leitura, tempo de enunciação e tempo do enunciado. A leitura do filme ocorre durante o mesmo e, por isso, o tempo de leitura representa uma ordem irreversível. Um tempo rígido não possibilita uma releitura. A enunciação constrói um tempo que o espectador deve viver e não é simbólico ou representado. O tempo da enunciação é o tempo objetivo e concreto, e o do enunciado é um tempo representado ou simbólico.

O **movimento** e o **ritmo** são elementos que definem a relação entre espaço e tempo na imagem móvel-seqüencial. A imagem seqüencial se distingue pela capacidade de representar a mudança, a transformação, o movimento. Este último tem uma duração. A imagem seqüencial pode ter três tipos de movimento: o movimento físico, quando os personagens ou objetos se movem dentro do quadro ou quando há mudança no ponto de vista, como consequência de uma operação de montagem, sendo registrado e reproduzido mecanicamente. O movimento dramático, quando a ação avança no esquema enredo-nó-desenlace. E o movimento psicológico, quando os acontecimentos e desenvolvimento das histórias vêm acompanhados de um movimento na posição dos personagens.

Mitry²⁸ diz que o cinema representa o movimento através do movimento e estabelece uma diferença entre o movimento das coisas representadas, fruto da encenação, e o rítmico, que depende das relações dinâmicas entre os planos. O autor também estuda a questão do ritmo que depende das relações de intensidade nas relações de duração. A intensidade de um plano depende da quantidade de movimento que contém e da duração em que a produz. O importante para o ritmo é a impressão de duração. Quanto mais dinâmico é o conteúdo, e mais amplo o enquadramento de uma seqüência, mais curta será a sensação de duração. A leitura da imagem é necessária para interpretar o movimento e apreender a quantidade de espaço

²⁷ BETTETINI, G. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 199.

²⁸ MITRY, J. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 201.

mostrado. Existe uma relação entre ritmo e velocidade, sobre a qual o espectador deve fazer inferências a partir da narração. O ritmo é um elemento de significação no cinema, pois submete a imagem a relações temporais métricas e tonais. Finalmente, o ritmo da película se estabelece na montagem.

No que se refere à arquitetura temporal, o cinema e a TV são as mídias com maior capacidade para manipular o tempo. Modelando a realidade, a imagem seqüencial constrói duas temporalidades: da história narrada e do ato narrativo. O relato desses acontecimentos pode ou não respeitar a ordem com que se produzem na história, pode manipular sua duração e também fazer com que um acontecimento que se produziu uma única vez na história se repita muitas vezes. Três níveis definem a temporalidade global do cinema: ordem, duração e freqüência.

Bordwell²⁹ estabelece quatro tipos de acontecimentos simultâneos e sucessivos: acontecimentos simultâneos na história, apresentados simultaneamente pelo discurso: quando a imagem nos mostra, no mesmo campo visual, dois espaços diferenciados em que têm lugar duas ações simultaneamente, obtida mediante profundidade de campo. Acontecimentos sucessivos na história, apresentados simultaneamente pelo discurso: quando um personagem vê, na TV, acontecimentos que se sucederam com anterioridade de tempo na história. Acontecimentos simultâneos na história, apresentados sucessivamente pelo discurso: a simultaneidade da história pode ser indicada por um texto escrito ou pela lógica dos diálogos. Acontecimentos sucessivos na história, apresentados sucessivamente pelo discurso: é o mais habitual, pela nossa tendência de ver nos acontecimentos relações de causa e efeito, apresentado no discurso cinematográfico pela diacronia.

Na duração cinematográfica, intervêm três fatores: a duração da história, duração que o espectador atribui aos acontecimentos contados, mostrados ou sugeridos pela película; duração do discurso, que é a duração de tempo da película relatada; duração da projeção, que é o tempo transcorrido desde que aparece a primeira imagem até a titulação dos créditos. A freqüência é a relação que existe entre um número de vezes que um acontecimento é apresentado pelo discurso e o número de vezes que, supostamente, se sucedeu na história.

Montagem é a operação que regula as relações de ordem e duração entre os distintos segmentos visuais e sonoros da seqüência. A montagem permite construir uma espacialidade e

²⁹ BORDWELL, D. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 201.

uma temporalidade próprias da imagem seqüencial com diferenças relativas ao tempo e espaço da realidade. Vários autores já pensaram a questão da montagem, enquanto teoria, prática ou combinando ambos.

Para Pudovkin³⁰, a montagem é a base estética do filme e faz uma comparação entre cinema e literatura. Para o autor, a palavra é a matéria-prima, mas o significado final dela depende da composição. A montagem é o instrumento para dar forma, subtrair determinados acontecimentos da realidade e serve para selecionar os fragmentos que, temporal e espacialmente, são os mais relevantes, construindo detalhes significativos e omitindo os demais. É a montagem construtiva.

Para Arnheim³¹, há cinco métodos de montagem, já apresentados por Pudovkin, nos quais se mesclam critérios: contraste; paralelismo onde dois tipos de sucessos apresentados alternativamente; similitude na qual se estabelece concomitância entre dois temas ou ações; sincronismo, que é um método que relaciona acontecimentos paralelos, que se produzem simultaneamente e integra a noção de relação temporal entre as cenas; tema recorrente que serve para acentuar a idéia central do roteiro, criando uma espécie de estribilho.

Para Eisenstein³², há cinco métodos de montagem: métrica, rítmica, tonal, harmônica e intelectual. A montagem métrica baseia-se na longitude dos fragmentos que se unem formando esquemas equivalentes aos compassos musicais. Sua realização consiste na repetição desses compassos, e a tensão da seqüência é obtida mediante a aceleração mecânica que supõe o corte dos fragmentos. Montagem rítmica é a distância entre os fragmentos que têm em conta tanto a longitude métrica como o conteúdo dentro do quadro. No caso de distância verdadeira, é produto da especificidade do fragmento, e sua distância é programada segundo a estrutura da seqüência. Na montagem tonal é o movimento dentro do quadro que impele o movimento de montagem de quadro a quadro. Aqui o movimento é concebido num sentido mais amplo, abarcando todas as influências do fragmento da montagem. A montagem se baseia no som emocional dominante do fragmento, no tom geral. Esse tipo de montagem permite aumentar a tensão, intensificando o dominante musical e criando conflitos entre argumento e forma. Montagem harmônica é o desenvolvimento mais elevado da montagem

³⁰ PUDOVKIN, V. I. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 212.

³¹ ARNHEIM, R. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 213.

³² EISENSTEIN, S. M. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 213.

tonal. Eleva a impressão emocional até a percepção fisiológica e produz-se pelo conflito entre o tom dominante do fragmento e a harmonia, que nos leva a considerar a construção da montagem do ponto de vista pictórico. A harmonia é o resultado das contraposições e transições entre distintos tipos de montagem. Finalmente, a montagem intelectual é a montagem de sons e harmonias de uma espécie intelectual; o conflito e a justaposição são de caráter intelectual.

Arnheim³³ descreve os princípios que regem a montagem: princípios de corte como a extensão da unidade de corte, a montagem de cenas inteiras e a montagem dentro da cena. Devem ser consideradas as relações temporais - como o sincronismo, antes e depois, neutro - as relações espaciais - sendo o mesmo lugar, tempo diferente; outro lugar - e as relações de tema: semelhança, contraste, combinação de semelhança e contraste.

Balázs³⁴ vê a montagem como a composição da imagem seqüencial. Para ele, há uma montagem metafísica, a qual cria uma metáfora; uma montagem poética de efeitos literários e associações profundas; uma montagem alegórica, tomando uma alegoria da narração; uma montagem intelectual, para comunicar pensamentos despertando idéias no espectador, através da própria linguagem cinematográfica. O autor faz, ainda, a distinção entre o ritmo da cena e o da montagem, apresentando três classes de tempo: o tempo da realidade, o das imagens apresentadas no filme e o das tomadas que se sucedem na montagem. Balázs é o precursor do conceito de duração.

Deleuze³⁵ aproxima o conceito de montagem a uma perspectiva filosófica. Considera-a como uma operação em que se soltam as imagens-movimento do todo, a imagem do tempo. O todo é aberto e muda continuamente, dura, é espiritual ou mental. A imagem de tempo da montagem é indireta, pois se deduz das imagens-movimento para constituir uma imagem indireta do tempo. Deleuze assinala a existência de quatro grandes tendências: a tendência orgânica ou escola americana; a dialética da escola soviética; a quantitativa da escola francesa e a intensiva da escola expressionista alemã.

³³ ARNHEIM, R. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 214-216.

³⁴ BALÁZS, B. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 216-218.

³⁵ DELEUZE, G. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 218.

Griffith³⁶ vê a montagem como a construção de um organismo, uma grande unidade orgânica constituída por um conjunto de partes diferenciadas que, aos poucos, estabelece relações binárias através da montagem alternada paralela, na qual as imagens das partes se sucedem num ritmo determinado. As partes reagem umas sobre as outras, entrando em conflito, de maneira que o conjunto orgânico sempre se vê ameaçado. As partes e o conjunto sempre se relacionam mediante a inserção de primeiros planos. As partes também podem se relacionar mediante a montagem convergente que alterna momento de duas ações que chegam a coincidir.

O **som** é um importante elemento na gramática audiovisual; Chion³⁷ faz uma análise conjunta da imagem e do som. As diferenças fundamentais entre imagem e som são que a audição funciona com mais rapidez do que a visão, e o som implica, necessariamente, movimento. O som serve para temporalizar a imagem de três maneiras: fazendo a percepção do tempo e da imagem detalhada ou concreta; impondo nas imagens uma idéia de sucessão e linearidade; dramatizando os planos, orientando-os para o futuro, criando um sentimento de expectativa, produzindo vetorialidade.

No cinema, não existe uma banda sonora; os sons não formam um complexo dotado de unidade interna que possa confrontar-se com a imagem. Aquilo que, em termos visuais, constitui um plano, não tem seu equivalente sonoro. A montagem de sons não cria uma unidade específica equivalente ao plano.

O som, do ponto de vista sintático, pode cumprir quatro funções: unificar, pontuar, estabelecer convergências ou diferenças e separar. A possibilidade mais extensa do som é costurar imagens, para que se desenvolvam em um fluxo unificado que pode ser obtido de várias maneiras: transbordando temporalmente os cortes visuais, mediante montagens sonoras; fazendo ouvir ambientes que criam um marco geral, no qual parece conter-se a imagem, ou mediante música orquestral que, ao estar fora do tempo e espaço reais, fazem deslizar as imagens. A sincronia do som, por sua vez, possibilita a pontuação de uma maneira discreta, sem forçar o trabalho dos atores nem o roteiro. Um mugido fora do campo, o som de um relógio no campo ou o som de um piano ao fundo são elementos discretos para subtrair uma palavra, dar cadência a um diálogo ou encerrar uma cena. A música é um ótimo elemento

³⁶ GRIFFITH, D. W. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 219.

³⁷ CHION, M. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 229-236.

para pontuar. O som confirma ou desmente determinadas expectativas ou direções de evolução assumidas pelo espectador. Esta função está relacionada com o movimento de desejo. A última função consiste em separar elementos sonoros mediante o silêncio. O silêncio é o resultado de um contraste, a negação de um som que se ouviu anteriormente ou que se imagina. Também se pode expressar silêncio mediante ruídos tênues que não atraem nossa atenção e que são associados a uma idéia de calma. Esses ruídos só se ouvem, quando outros ruídos cessam (o *tic-tac* de um relógio, por exemplo).

As manifestações básicas do som, cumprindo as funções sintáticas, são: a voz, os ruídos e a música. O cinema é sobretudo *vococentrista*, isto é, favorece a voz, destacando-a e colocando-a em primeiro plano. A presença da voz humana hierarquiza a percepção do todo que há ao seu redor. O *vococentrismo* é quase sempre verbocentrismo, no sentido de que não têm tanta importância os gritos e gemidos, senão a expressão verbal que tem de ser inteligível sem esforço.

Conforme Mitry³⁸, na voz, os diálogos têm importante lugar. Podemos distinguir entre o diálogo de cena e o diálogo de comportamento. Esse último é constituído pelas conversações que contribuem para compreensão dos personagens, sem se mostrar em profundidade quem são e sem manifestar os seus pensamentos. O diálogo de cena informa pensamentos, sentimentos e intenções do herói. O diálogo cinematográfico deve dar a impressão de acontecimento que pode ter lugar numa situação real. Deve parecer espontâneo e sair da boca dos personagens com suas descontinuidades e repetições, vindo sempre acompanhado de entonações e gestos dos atores que regulam e matizam o significado cinematográfico. O significado surge da relação entre imagem e som, da justaposição e contraste entre a coisa ouvida e a coisa vista.

Chion³⁹ estabelece três tipos de sons: o som *in*, cuja fonte aparece na imagem e pertence à realidade que ela evoca; o som *fora de campo*, que é o som acusmático cuja fonte não se mostra à imagem, tanto temporal ou definitivamente; o som *off*, cuja fonte, além de não aparecer na imagem, está situada num espaço e tempo alheios à história: é o caso das vozes de comentários ou narração e da chamada música de fosso, que está fora do lugar e do tempo da ação, diferente da música da tela, que pertence a esse lugar. Nas três zonas, *in*, *off* e *fora do*

³⁸ MITRY, J. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 231-232.

³⁹ CHION, M. apud VILLAFANE; MINGUEZ. *Principios de teoria general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996. p. 234.

campo se estabelece uma topologia audiovisual que se vê completada por outros tipos de sons. O *som ambiente* ou *som ambiental* é aquele que envolve ou rodeia uma cena e que habita seu espaço, sem que se provoque no espectador uma obsessão ou curiosidade excessivas para localizar ou visualizar sua fonte, servindo para marcar um lugar ou um território com sua presença constante. O *som interno* pertence ao presente da ação e corresponde ao interior físico ou mental dos personagens. É objetivo, quando corresponde aos sons fisiológicos da respiração ou aos batimentos do coração, e subjetivo, quando corresponde a recordações ou pensamento dos personagens. O som *on the air* é o som presente em uma cena, ainda que supostamente retransmitido por meios elétricos como um rádio, um telefone ou um sistema de amplificação e, portanto, pode escapar às leis naturais de propagação do som.

Concluindo este capítulo, pretende-se utilizar conceitos da linguagem cinematográfica para analisar o objeto de estudo deste trabalho, ou seja, o protesto e a violência nos telejornais dos 500. Vão ser importantes para a análise os conceitos de planos, enquadramentos, movimentos de câmera, movimento de lente, quadro, marco, campo, fora de campo, perspectiva, profundidade de campo, seqüência, montagem e segmento sonoro.

A seguir no capítulo seguinte é abordada a questão da agenda e a comemoração dos 500 anos.

5 AGENDA E COMEMORAÇÃO DOS 500 ANOS

Neste capítulo é abordada a “agenda e os 500 anos” na mídia impressa, *Internet*, TV, música, festa e futebol, relógios de contagem regressiva, fotografia e educação. Este capítulo contextualiza o objeto de estudo. É no interior das comemorações pelos 500 anos de descobrimento do Brasil que vão aparecer cenas de protesto e de violência transmitidas pelos telejornais.

Os 500 anos de descobrimento do Brasil foi o motivo de um evento que abrangeu várias esferas: educativa, governamental, midiática, étnica, religiosa, social, histórica. Cada uma dessas esferas teve construções distintas. Entretanto, os 500 anos se transformaram em um acontecimento fundamentalmente midiático. Na esfera política, no Brasil ocorreram várias manifestações para comemorar a “festa” para os 500 anos. A mídia entrou para cobrir o evento durante quase dois anos (de 1998 a 2000) apresentando os vários ângulos discursivos construídos pelos processos midiáticos. Esta construção, no caso, é uma espécie de um segundo evento.

De uma maneira geral, pode-se dizer que a **mídia brasileira agendou a comemoração dos 500 Anos**, pautando eventos e programação, colocando em prática diferentes aspectos da *agenda-setting*.

Vários autores já escreveram sobre *agenda-setting* e se fundamentaram no pensamento de Bernard Cohen, segundo o qual se a mídia raramente consegue dizer ao público o que pensar, ela pode estabelecer sobre o que vai pensar. Em outras palavras, é a capacidade da imprensa de estabelecer uma pauta, com temas a serem pensados e discutidos pela sociedade. Maxwell Mc Combs¹ e Donald Shaw, estudando as eleições americanas de 1968, constataram a correspondência dos temas privilegiados pela mídia e aqueles considerados relevantes pelo público. Vinte anos após, McCombs e Shaw escrevem²:

O agendamento é consideravelmente mais que a clássica asserção que as notícias nos dizem sobre o que pensar. As notícias também nos dizem como pensar nisso.

¹ McCOMBS, Maxwell. The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, New York, v. 36, n.2, p. 176-187.

² McCOMBS, Maxwell; SHAW, Donald (1993). The evolution of agenda-setting research: twenty five years in the marketplace of ideas. In: TRAQUINA, Nelson. *O estudo do jornalismo no século XX*. São Leopoldo: Ed. UNISINOS, 2001. p. 33-34.

Tanto a seleção de objetos que despertam a atenção como a seleção de enquadramentos para pensar esses objetos são poderosos papéis de agendamento (...) O clássico somatório de Bernard Cohen (1963) do agendamento – os mídia podem não nos dizer o que pensar, mas são incrivelmente bem sucedidos ao dizer-nos o que pensar – foi virado do avesso. Novas investigações, explorando as conseqüências do agendamento do enquadramento dos mídia, sugerem que os mídia não só nos dizem em que pensar, mas também como pensar nisso, e conseqüentemente o que pensar.

James Tankard et al.³ descrevem o enquadramento da mídia como uma organização de idéias centrais que suprem um contexto e sugerem soluções através do uso de seleção, ênfase, exclusão e elaboração. Robert Entman⁴ diz que enquadrar é selecionar aspectos de uma realidade percebida e salientá-los em um texto de comunicação, promovendo uma definição particular do problema, uma interpretação causal, uma valorização moral e/ou uma recomendação de tratamento para o item descrito. Trata-se, portanto, da seleção de um pequeno número de atributos para serem incluídos na agenda da mídia, quando um determinado objeto é discutido.

Os mídias interagiram com outros campos sociais. Transformaram os discursos de outros, segundo suas marcas, as marcas do discurso midiático, e sua narratividade. Desde dezembro de 1998, as comemorações dos *500 Anos* da Descoberta do Brasil se converteram em campo privilegiado de produção do sentido na esfera midiática brasileira e afins. A Fundação Roberto Marinho e outras instituições, no marco do projeto intitulado *Brasil 500*, elaboraram programação especial constituída de um amplo calendário de eventos que envolveram três esferas – a história, a festa e a ação educacional –, culminando com o encerramento marcado para abril de 2000. Essas esferas foram mobilizadas, sobretudo, através de produção e veiculação de um conjunto de matérias nas mídias impressas, sonoras e visuais ligadas à Fundação Roberto Marinho. A partir de abril de 1999, estas estratégias midiáticas em torno dos *500 Anos* foram assumidas por várias empresas de comunicação, como o Grupo Folha e o Sistema Brasileiro de Televisão, assim como por fundações culturais, universidades, entidades governamentais e ONGs, que se valeram igualmente de espaços

³ TANKARD, James et al. Media frames: approaches to conceptualization and measurement In: McCOMBS et al. Candidate images in spanish elections: second level agenda-setting effects. *Journalism & Mass Communication Quarterly*. v. 74, nº 4, Winter 1997, p. 703-717.

⁴ ENTMAN, R. Framing: toward clarification of a fractured paradigm In: McCOMBS et al. Candidate images in spanish elections: second level agenda-setting effects. *Journalism & Mass Communication Quarterly*. v. 74, nº 4, Winter 1997, p. 703-717.

midiáticos como a televisão, a mídia impressa e a *Internet* para propor abordagens em torno da comemoração dos *500 Anos* do Descobrimento do Brasil⁵.

O espaço aberto pelo Brasil 500 abrangeu três grandes áreas, segundo, ainda, informações contidas no *site* Brasil 500: *A Festa*: constituída por um variado calendário de eventos, que culminaram em abril de 2000, envolvendo a participação popular. *A Ação Educacional*: através da promoção de seminários, campanhas e ações concretas em favor da melhoria do ensino básico fundamental. *A História*: com o objetivo principal de resgatar fatos marcantes da história brasileira em suas conexões com o presente e o futuro do país.

Essas três áreas foram potencializadas a partir de uma programação especial que envolveu todos os segmentos ligados à Fundação Roberto Marinho, em especial a Rede Globo, os canais a cabo que integram a Globosat, assim como o jornal O Globo. Os processos de produção de sentido desencadeados pela Rede Globo estenderam-se, a partir de 1998, a outras empresas de comunicação e a suas diferentes mídias (impressa, sonora e visual), incluindo a *Internet*.

A comemoração dos *500 Anos* propicia o aparecimento de várias interpretações veiculadas pelos jornais. Na **mídia impressa**, de um modo geral, foram publicadas matérias de opinião de especialistas propondo releituras da história da colonização, como por exemplo *Quinhentos Anos I* e *Quinhentos Anos II*, de autoria do historiador gaúcho Décio Freitas publicado em edições dominicais do jornal Zero Hora de Porto Alegre (ZH, 30.05.1999:19 e ZH, 08.06.1999:19).

Outro eixo diz respeito à divulgação e às polêmicas em torno dos lançamentos de obras como *A Viagem do Descobrimento – a verdadeira história da expedição de Cabral*, do jornalista Eduardo Bueno, que esteve por várias semanas, na lista dos livros mais vendidos, ou, ainda, a *Nação Mercantilista*, de Jorge Caldeira. Situam-se também os relançamentos de obras como *A Casa das Águas*, romance escrito em 1969 pelo diplomata Antonio Olinto, narrando a aventura dos escravos que, no século XIX, deixaram o Brasil e retornaram à

⁵ Os dados sobre as comemorações dos 500 anos fazem parte do relatório da pesquisa que Denise Cogo e Fabrício Silveira realizaram junto ao CNPq intitulada “Multiculturalismo e esfera midiática: a redescoberta dos *500 Anos* na mídia brasileira” no Programa de Pós-graduação do Centro de Ciências da Comunicação da UNISINOS.

África, passando a constituir uma espécie de elite negra que enriqueceu em nações africanas com o comércio, a construção e o tráfico negroiro⁶.

Também foram criados *sites* na *Internet* (acessos no ano de 2000) não apenas pela Fundação Roberto Marinho, mas também por universidades, ONGs, instituições e entidades governamentais. O *site Vera Cruz 500* constituiu um espaço para debates sobre vários temas ligados ao descobrimento. Segundo os próprios organizadores do projeto, uma das finalidades do *site* foi “encontrar a identidade brasileira”. Além de informações históricas, a página do Vera Cruz divulgou eventos e outras curiosidades, como a cartografia e uma mapa mundi da época, ou, ainda, a reprodução de documentos originais e transcritos para o português (<http://www.veracruz500.org.br>). Tem-se, ainda, o *site* da FUNARTE, contendo informações sobre os quatro ciclos de conferência acerca do quinto centenário do descobrimento do Brasil pelos navegantes portugueses organizados entre 1997 e 2000 sob a coordenação do filósofo Aduino Novaes. O endereço do *site* foi <http://www.pr.gov.br/celepar/seec/brasil500/apresenta.html>. A CNN em português colocou um link sobre a festa dos 500 anos: <http://cnemportugues.com/especiais/500years/>. O link trazia a íntegra da carta de Pero Vaz de Caminha, falava sobre o físico e astrólogo que acompanhou a expedição e pesquisou a constelação do Cruzeiro do Sul, Mestre João, e tinha informações sobre a Costa do Descobrimento, inscrita na lista da UNESCO, como local do Patrimônio Mundial Natural. Ainda na *Internet*, o Jornal de Notícias, português, deu destaque às notícias sobre os 500 anos: <http://www.jnoticias.pt/>, tanto sobre as comemorações como sobre os protestos desencadeados no momento.

O acontecimento midiático dos *500 Anos*, que é transmitido pela TV, é outro espetáculo. Ele se enquadra na narrativa televisiva (áudio e imagem), apresentando um espetáculo diferente daquele produzido pela equipe que organizou inicialmente o acontecimento dos *500 Anos*.

A mídia encontra culturas e discursos e os transforma de acordo com seu “olhar”. No caso da TV, são cortes, enquadramentos, entrevistas, *offs*, efeitos que já não dependem mais

⁶ Na mídia impressa “Da escravidão à educação” foi o título do artigo descrito por Marcelo Rubens Paiva na Folha de São Paulo que enfatizou as ambigüidades: “Comemorando 500 Anos de existência, o Brasil tem história para contar. Viveu de tudo um pouco, foi colônia, reino, república e ditadura, mas nunca alcançou o status de nação capaz de gerar igualdade. E, pelo andar da carroça, parece estar longe desse nirvana”. (FOLHA DE SÃO PAULO, 30-06-1999: 3)

da equipe que organizou o evento. Tal processo cabe ao veículo que vai fazer a *mediação* dos *500 Anos*, do canal de TV seja ela TV aberta ou por assinatura.

Os *500 Anos* aparecem em vários registros. A Série *Momento 500 Anos*, exibida aos sábados na Rede Globo, no intervalo do Jornal Nacional, foi o principal exemplo de retomada histórica do processo de colonização. Na televisão a cabo, o canal Futura reservou um de seus dias temáticos, 22 de abril de 1998, à exibição de produções, nos formatos documentário, ficção e debate. A programação dia temático *Terra à Vista* esteve integrada por produções como *Terra de Cabral*, *Expedições Portuguesas Rumo à Descoberta*, documentário inédito da BBC *Open University* sobre as conquistas marítimas portuguesas e o desenvolvimento tecnológico alcançado pelos portugueses no século 15; *O Descobrimento do Brasil*, clássico filme dirigido por Humberto Mauro; *Aula do Descobrimento*, debate mediado pelo professor Renan Garcia Miranda com a participação do escritor José Roberto Toureiro – autor do livro *Terra Papagalis* – e o historiador Francisco Iglesias sobre as polêmicas em torno do descobrimento do Brasil.

A ficção, como formato, ocupou lugar de destaque com a produção da telenovela *Terra Nostra*, de Benedito Rui Barbosa, inspirada na vida da tradicional família Matarazzo e dirigida por um dos seus descendentes, Jayme Monjardim. A telenovela foi ao ar em setembro, no horário nobre das 20h30min da Rede Globo, lembrando a saga dos imigrantes italianos que vieram para o Brasil em 1896. Na televisão a cabo, após dois anos de negociação, o Canal GNT da Globosat concretizou a contratação do produtor Marcelo Pietsch França para a coprodução de *Casa Grande & Senzala*, série de treze programas baseada na obra literária de Gilberto Freyre. Dirigido por Nelson Pereira dos Santos e com locações na Europa, Ásia, África e Brasil (Bahia e Recife), o projeto foi orçado em sete milhões de reais.

Outras duas minisséries, exibidas na Rede Globo, integraram o Projeto *Brasil 500 Anos*. A primeira delas, *A Muralha*, escrita por Maria Adelaide Amaral, inspirada no romance de Dinah Silveira de Queiroz, aborda a trajetória dos bandeirantes do século XVI. Na segunda, ainda sem título, serão retratados fatos da história do Brasil. Lauro César Muniz será o autor de um programa sobre a vida e a obra do poeta Castro Alves.

No gênero documentário, *Terra Brasil*, produzido pelo canal GNT da Globosat, veiculou uma série de programas que narraram a trajetória de imigrantes italianos, judeus, árabes, japoneses, portugueses etc., que se instalaram no país e também enfocando a trajetória

de imigrantes em diferentes estados brasileiros. Já o *Via Brasil*, programa da Globo News, outra emissora pertencente à Globosat, reuniu imagens de arquivo para focalizar os imigrantes brasileiros que deixaram o Brasil nas duas últimas décadas.

No canal aberto, o Programa *Fantástico* da Rede Globo apresentou breves reportagens sobre pequenas comunidades formadas por russos ortodoxos, poloneses e outras etnias no interior de estados brasileiros, como Paraná e São Paulo, que ainda preservam suas tradições culturais e lingüísticas, resistindo ao contato com outras culturas. Também no *Fantástico* destacou-se uma reportagem sobre a experiência de imigração de jovens brasileiros que vivem em Londres. Em um quadro do programa *Fantástico* da Rede Globo, o tema do racismo foi abordado a partir da intervenção ao vivo do estúdio de jovens brasileiros em capitais como Salvador, Porto Alegre, Brasília e São Paulo.

No programas do dia temático *Brasil Moreno*, veiculado pela TV Futura no dia mundial contra o racismo, a discriminação racial também foi focalizada. *Bahia, o Brasil nasceu aqui* foi a vinheta do governo da Bahia, um dos patrocinadores da programação veiculada pela Rede Globo no âmbito do *Projeto 500*. Os gêneros se mesclaram em outro dia temático do Canal Futura. Sob o título de *Brasil Moreno*, telejornais, filmes, especiais e vinhetas integraram 24 horas de programação dedicada ao tema da mistura de raças e levada ao ar em 21 de março, dia mundial contra o racismo. Na programação, destacaram-se *Brasil Mestiço*, Globo Repórter sobre a mistura cultural brasileira, reformatado especialmente para exibição no Canal Futura; *Casa Grande e Senzala*, curta-metragem inspirado na obra de Gilberto Freyre; *Comida*, conjunto de matérias abordando os pratos típicos criados por mestiços e mulatos desde a colonização; *Candomblé*, curta-metragem sobre a religiosidade brasileira; *Profissão Criança*, vídeo de Sandra Werneck, com uma abordagem crítica sobre o lugar da criança na sociedade brasileira; *Funk*, Programa Legal interpretado por Luis Fernando Guimarães e Regina Casé, tratando do universo *funk* do Rio de Janeiro.

A Rede Brasil Sul de Comunicação, uma das afiliadas da Globo - RBS TV, lançou *Rio Grande do Sul – Um Século de História*, uma série de programas inseridos ao longo da grade da emissora e apresentados por atores da Globo como Tony Ramos. Os programas mesclaram ficção e documentário para retomar fatos políticos, econômicos, sociais e culturais que marcaram a história gaúcha.

Também em termos de TV, em abril de 2000, várias emissoras de TV aberta e por assinatura tiveram programação especial. A Globo News apresentou uma série de reportagens como por exemplo, “*Brasil Outros 500*”, de 17 a 23/04, bloco especial no “Jornal das Dez”. A Globo apresentou a minissérie “*A Invenção do Brasil*”, de 19 a 21/04, à noite. No dia 22 de abril, a Globo apresentou o *show* “*Brasil 500*”, com a participação de músicos, bailarinos e artistas da Rede Globo.

O Sistema Brasileiro de Televisão (SBT) apostou no público infantil para os 500 anos. *Disney Club*, um programa apresentado por crianças e para crianças, levou ao ar, no mês de junho, um especial sobre o “achamento” do Brasil, uma dramatização crítica e bem humorada da chegada de Cabral ao Brasil.

O Canal Brasil teve a programação dedicada a filmes que reconstituíram a história do Brasil. No dia 22/04, o destaque foi para Xica da Silva, de Carlos Diegues, às 12h, e Castro Alves, de Sílvio Tendler, às 23h. O canal SportTV no dia 20/04 apresentou “*Rolé 500 Anos*”, uma viagem pela Bahia histórica.

A Bandeirantes apresentou o *show* com Pavarotti, Maria Bethania e Gal Costa, às 22h do dia 22/04 e a cerimônia da missa no dia 26/04. A Bandeirantes também apresentou no dia 22 de abril, às 21h30min, o *making of* do espetáculo, gravado dia 08 de abril. Ainda no dia 22, a Band transmitiu, a partir das 11h da manhã, *flashes* ao vivo de Porto Seguro, com as comemorações dos 500 Anos do Descobrimento. Os telejornais do dia 22 foram ancorados diretamente de Porto Seguro. O programa *Linha de Frente*, das 20h15min, direto de Porto Seguro, apresentou trechos da carta escrita por Pero Vaz de Caminha ao rei de Portugal, interpretados pelo cantor Tom Zé.

A TV Cultura apresentou o debate “*500 anos: comemorar o quê?*”, dia 22/04, às 20h, sobre a trajetória do país com convidados especiais. Às 21h30min a TV Cultura exibiu o filme “*O Descobrimento do Brasil*”, de Humberto Mauro, com trilha de Villa-Lobos.

O canal Discovery apresentou, a partir das 15h, do dia 22, o especial “*Os Brasileiros*”, documentário que mostra a mistura de raças, religiões e costumes com entrevistas a personalidades como o presidente Fernando Henrique Cardoso e o antropólogo Roberto da Matta.

O canal Multishow exibiu o espetáculo “*O Brasil em Montreaux*”, às 23h, do dia 22, com Chico Buarque, Caetano Veloso, Gilberto Gil entre outros. Durante todo o dia 22, a programação destacou a cultura do país nos 500 anos de história. Às 13h, apresentou especial de música pop no Brasil, com vozes femininas. Às 17h mostrou versão integral do *Tributo a Tim Maia*, com a participação de Ed Motta e o grupo O Rappa. Às 18h30min apresentou o *rock* brasileiro dos anos 80.

A CNN, no dia 22/04, apresentou o especial “*Brazil Rediscovered*”, às 21h30min, traçando um perfil sobre o país, 500 anos após o Descobrimento. A CNN Español, apresentou reportagens especiais sobre o Brasil no dia 22/04.

A MTV, através do programa “Mochilão MTV”, em parceria com a Comissão Portuguesa responsável pelas comemorações do Descobrimento, refez a viagem histórica de Pedro Álvares Cabral, passando por cidades como Coimbra, Olinda e Salvador. A viagem resultou em um especial de cinco programas. O primeiro episódio, uma visita a Lisboa, Estoril e Sintra, entre outras cidades, foi apresentado no dia 22, às 21h30min.

O canal Fox, no dia 22 apresentou uma maratona de filmes brasileiros para homenagear os 500 anos do país: às 18h, *A Marvada Carne*, de André Klotzel; às 19h30min, *Feliz Ano Velho*, de Roberto Gervitz, e às 22h, *O Judeu*, de Jom Tob Azulai. O canal TNT, no dia 22/04, apresentou filmes brasileiros.

A **música, a festa e o futebol** formaram a trilogia que despontou como carro chefe da programação comemorativa aos 500 Anos desencadeada pela Fundação Roberto Marinho e Rede Globo. No dia 25 de abril de 1998, mais de 35 mil pessoas, segundo estimativa da própria Globo, participaram do *show* de lançamento do projeto 500 Anos no Sambódromo em São Paulo, do qual fizeram partes nomes de destaque do elenco da Rede Globo e da música popular brasileira. O *show* inaugurou uma série de outros eventos culturais com a participação popular realizados durante 1998. Divulgados como integrantes do *Brasil 500*, todos os *shows* tiveram transmissão direta pela Globo para todo o país, dentre os quais o *show Coração Brasileiro*, realizado durante a Copa do Mundo em Paris com a presença de artistas franceses; o *show Criança Esperança*, comandado por Renato Aragão no Ginásio do Ibirapuera em São Paulo; o *Réveillon de Copacabana*; o *Festival de Verão*, o *Festival de Cultura Afro-Brasileira e Mama Africa*, ambos realizados em Salvador.

Na agenda cultural do *Brasil 500*, idealizada pela Fundação Roberto Marinho e pela Rede Globo, esteve prevista a seguinte programação: *Show Criança Esperança* (julho de 1999); *Show da Amazônia* (setembro de 1999); *Grande Réveillon do Milênio*, *Show Brasil Mania*, em Lisboa/Portugal (dezembro de 1999); *Show Brasil Mania*, em New York/EUA (março de 2000); *Show em São Paulo*, *Missa dos 500 Anos em Porto Seguro/Bahia* e *Futebol – Jogo do Brasil X Seleção do Mundo* (abril de 2000). Na esfera publicitária, também com essa dimensão lúdica, foram veiculados os anúncios da empresa Parmalat e dos cigarros Derby em emissoras de televisão.

Entre abril de 98 e maio de 99, várias outras festas foram promovidas para a inauguração dos **relógios de contagem regressiva do Brasil 500** instalados em pontos centrais de 28 das principais cidades brasileiras e criados pelo *designer* Hans Donner. O primeiro foi instalado no dia 1º de janeiro de 1999 em Porto Seguro, mas as programações e produções do Projeto *Brasil 500* se concentraram na Bahia, no Rio de Janeiro e em São Paulo, provocando, assim, alterações em torno de padrões e modelos do chamado eixo Rio-São Paulo, que também contou, historicamente, com o suporte da indústria cultural. Todas essas inaugurações foram focalizadas em matérias das diferentes mídias.

No campo da **fotografia**, o projeto do livro *Brasil 500 Anos*, divulgado pela mídia em todo o Brasil, foi lançado em dezembro de 99, no Palácio Itamaraty em Brasília. Cerca de 60 mil imagens de rostos, costumes, paisagens, estilos de vida, que retratam a realidade brasileira foram captadas durante o dia 22 de abril de 1998 por 100 dos melhores fotógrafos brasileiros em grandes centros urbanos, cidades do interior e na zona rural em todo o Brasil. Foram selecionadas cerca de 300 fotografias que fazem parte do livro de 200 páginas que está sendo editado com o apoio da Lei de Incentivo à Cultura.

De fevereiro a março de 1998, foram promovidos mais de setenta encontros regionais de **educação**, cada um deles com um público médio de 200 pessoas, entre professores, empresários e autoridades locais. Nos dias 14 e 15 de abril de 1998, em São Paulo, autoridades e especialistas brasileiros e estrangeiros participaram do seminário *Como se Muda o Brasil através da Educação*, evento aberto a professores de todo o país. Em sete das principais cidades brasileiras, uma série de *workshops* denominados *Todos pela Educação*, contou com a participação de professores, pais, alunos e representantes de comunidades. A soma dessas iniciativas – com o envolvimento de educadores e do Conselho de Especialistas

do projeto – serviu de base para a definição de linhas de ação do *Brasil 500*, apontando caminhos para a melhoria do ensino básico fundamental do país.

A comemoração pelos *500 Anos* teve tal envergadura em função da ação das mídias pois foram elas que deram espaço, repercutiram e divulgaram o evento, chamando a atenção da população para o acontecimento. A mídia pautou a sociedade em termos de acontecimentos que iriam se desenvolver para a comemoração dos *500 Anos* especialmente através da mídia impressa, de *sites* na *Internet*, da TV, na música, na festa e no futebol, nos relógios de contagem regressiva do Brasil, na fotografia e na educação. O evento *500 Anos*, inicialmente organizado pelo governo brasileiro, teve a mídia como seu aliado, produzindo uma história a sua maneira. As festas dos 500 Anos ressoaram a partir da ação das mídias.

6 VIOLÊNCIA E PROTESTO NA MÍDIA IMPRESSA

A cobertura jornalística sobre a comemoração dos 500 anos consiste num procedimento de agendamento através do qual temáticas e diferentes angulações escolhidas pelas mídias impressas influenciam a própria agenda e as estratégias de cobertura dos telejornais.

Contextualizando os fatos, desde o início do mês de abril se desenrolaram vários conflitos que desembocam na grande violência do dia 22 de abril. No dia 04 de abril, 200 policiais militares invadiram a aldeia de Coroa Vermelha e destruíram o monumento indígena com um trator. Através da mediação de procuradores da República, o Ministro do Turismo negociou um acordo com os indígenas, contratando o pataxó Crispim para reconstruir o monumento. Com a repercussão negativa do monumento indígena, o Subsecretário da Presidência da República, Marcelo Cordeiro, se reuniu com o governador da Bahia, César Borges, e posteriormente com líderes indígenas, visando discutir garantias para a realização da Conferência dos Povos Indígenas. Neste momento os líderes indígenas formularam o convite para Fernando Henrique visitar Coroa Vermelha. Líderes indígenas tentaram cancelar a Conferência. Em função do aniversário do massacre dos sem-terra em Eldorado dos Carajás, o dia 17 de abril foi a data escolhida para uma manifestação conjunta do MST e da Conferência dos Povos Indígenas. O coronel Müller visitou a delegação do MST e isolou os índios dos sem-terra. Nos dias 18 e 19 ocorreu a Conferência dos Povos Indígena com 3600 delegados de todo o país.

Desde 1992, por ocasião das comemorações da chegada de Cristóvão Colombo ao continente, negros, trabalhadores sem-terra, sindicatos e outros vinham se organizando sob a bandeira da Resistência Indígena, Negra e Popular. Consistia em um movimento de valorização da cultura do povo pobre e de combate ao espírito neocolonialista dos atos oficiais relativos aos 500 anos da chegada de portugueses e espanhóis à América¹. Posteriormente, em vista de limitações de custos e das organizações envolvidas, a Resistência Indígena, Negra e Popular decidiu por realizar, em Coroa Vermelha, uma reunião apenas dos índios, a Conferência dos Povos e Organizações Indígenas do Brasil. Entre os dias 18 e 21 de abril, haveria o encontro e, no dia 22, seria feita em Porto Seguro, uma manifestação de apoio

¹ REVISTA Reportagem. São Paulo, ano 1, n. 10, maio 2000.

às reivindicações indígenas, com a participação dos delegados à conferência e a presença de representações dos outros movimentos.

Para tanto, foram selecionados os jornais gaúchos *Correio do Povo* e *Zero Hora* que comandaram a organização da festa dos 500 anos no Rio Grande do Sul. Por fim, foi selecionada a *Folha de São Paulo*, restringindo-se a pesquisa ao universo de jornais do sul-sudoeste.

O exame desta questão é aqui realizado a partir de matérias da mídia impressa através do *Correio do Povo*, *Zero Hora* e *Folha de São Paulo*, no período de 14 à 26 de abril de 2000. Neles tem-se uma antevisão dos conflitos que se dariam nas datas das comemorações. Como a comemoração se deu em abril de 2000, esse mês foi o período de maior cobertura pela mídia impressa. O foco deste trabalho se volta ao protesto, ao conflito e à violência que apareceram na mídia impressa. Foram selecionadas, portanto, matérias que apresentam várias dimensões: a exclusão social através do negro, indígena, sem-terra, entidades de classe, do poder/segurança e o conflito/violência (o enfrentamento) diretamente relacionados com a comemoração dos 500 anos de Descobrimento e Primeira Missa que podem contextualizar e antever o conflito que vai aparecer nos telejornais de TV aberta e TV por assinatura nos dias 22 e 26 de abril de 2000. A mídia impressa, paralelamente às comemorações, vai dando espaço e agendando os confrontos, alguns dos quais, no próximo segmento são analisados audiovisualmente.

6.1 AGENDA DA MÍDIA IMPRESSA SOBRE AS COMEMORAÇÕES DOS 500 ANOS DE DESCOBRIMENTO E DA PRIMEIRA MISSA REZADA NO BRASIL

O registro jornalístico do protesto e da violência nas comemorações dos 500 anos de Descobrimento e da Primeira Missa rezada no Brasil pode ser descrito através da “estrutura dramática clássica” em três atos: 1º ato: a preparação da festa e o aparecimento dos indícios de protesto e violência; 2º ato: a apresentação do protesto; 3º ato: os desdobramentos avaliativos.

Estes três atos podem ser desmembrados em cenas. O primeiro ato abarca a discussão, a possibilidade de protesto, a questão da segurança, as ameaças, a tensão, as ações do MST, as

denúncias, a conferência indígena. O segundo ato compreende os protestos na festa, as detenções, o enfrentamento dos indígenas com a polícia e a fuga, as promessas de terras aos indígenas, a violência, os feridos, os atos de vandalismo, o conflito, o tumulto, os bloqueios e a repressão de um modo geral. O terceiro ato apresenta as demissões, a crítica à violência policial, o fracasso da festa, a imagem brasileira maculada no exterior, a possibilidade de manifestação na missa e a censura ao texto da missa.

Esses três atos podem ser assim organizados mediante o exame dos títulos das matérias da imprensa escrita e dos textos das matérias. Para tanto foram selecionados os jornais Correio do Povo, Zero Hora, e também a Folha de São Paulo, por ser um jornal de amplitude nacional.

Foram analisados materiais no período de 14 à 26 de abril de 2000 onde vão apresentar uma antevisão dos conflitos que se dariam nas datas das comemorações. Como a comemoração se deu em abril de 2000, esse mês foi o período de maior cobertura pela mídia impressa. O interesse deste trabalho se referia ao protesto, ao conflito e à violência que apareceram na mídia impressa diretamente relacionados com a comemoração dos 500 anos de Descobrimento e Primeira Missa que podem contextualizar e antever o conflito que aparece nos telejornais de TV aberta e TV por assinatura nos dias 22 e 26 de abril de 2000. A mídia impressa, paralelamente às comemorações, vai dando espaço e agendando os confrontos, alguns dos quais, no próximo segmento, são analisados audiovisualmente. Num primeiro momento, em cada um dos atos são apresentados os títulos bem como um breve comentário no final do ato. Num segundo momento, são apresentados os textos e os comentários individualmente.

6.1.1 1º Ato: A Antevisão dos Protestos

Os jornais apresentam registros que parecem antever os acontecimentos. Isto está exemplificado nas marcas grifadas dos títulos que destacam as ações, os momentos, as condições nas quais a segurança é preparada, o estado de espírito dos manifestantes, o quadro que envolve a festa, ações previstas pelos manifestantes, as primeiras reações do presidente e as antevisões da oposição.

DATA	JORNAL/ PÁG	TÍTULOS DO 1º ATO
14/04/00	ZH, Geral, p. 48	<i>“Índios <u>marcham</u> sobre Brasília”</i> Subtítulo: <i>“Chefes indígenas <u>fizeram manifestação</u> na Capital Federal, e um deles <u>discutiu</u> com o presidente do Senado”</i>
14/04/00	ZH, Geral, p. 48	<i><u>Sobrou para o relógio</u></i>
14/04/00	CP, capa	<i>“Fernando Henrique e ACM <u>discutem</u> com índios”</i>
14/04/00	FSP, Brasil 1-12	<i>Índio <u>aponta flecha</u> para rosto de ACM durante <u>manifestação</u>”. Subtítulo: “Membro da tribo suruí <u>quer aprovação do estatuto indígena</u>”</i>
15/04/00	FSP, Brasil 1-11	<i>“Sem-terra e PMs <u>entram em choque</u>”. Subtítulo: “Barreira policial <u>parou viagem do MST a Porto Seguro; entre os 11 presos, há dois turistas</u> da Espanha”.</i>
17/04/00	ZH, Geral, p. 37	<i>“Índios <u>chegam</u> ao Monte Pascoal”</i>
17/04/00	ZH, Geral, p. 37	<i>“Policiais <u>vigiam</u> acessos”</i>
17/04/00	FSP, Brasil 1-9	<i>“Para Gregori, é <u>melhor falar</u> com o índio”. Subtítulo: “Ministro <u>defende necessidades concretas</u> e critica branco amigo de indígena, em <u>referência a ONGs.</u>”</i>
17/04/00	FSP, Brasil 1-6	<i>“Sem-terra <u>ameaçam descumprir acordo</u>”; subtítulo: “Coordenador do MST diz que <u>estuda ficar mais tempo</u> em Porto Seguro, ao contrário do combinado”</i>
17/04/00	FSP, Brasil 1-6	<i>“Índios <u>fazem manifestações</u> com MST”</i>
18/04/00	CP, capa	<i>“Porto Seguro <u>prepara</u> a festa em meio a protestos”</i>
18/04/00	ZH, Geral, p. 46	<i>“Protestos <u>ameaçam festa</u> oficial na Bahia”. Subtítulo: “Manifestações de índios e colonos <u>sem terra estão gerando um clima de intranqüilidade</u> na região do Descobrimento”.</i>
18/04/00	ZH, Geral, p. 46	<i>“A dança pelos <u>mortos</u>”</i>
18/04/00	FSP, capa	<i>“MST <u>promove onda de invasões</u>”. Subtítulo: “Movimento dos sem-terra diz ter <u>entrado em mais de 60 propriedades</u> e promete a <u>chegar a 500, referência aos 500 anos</u>”.</i>
18/04/00	FSP, Brasil 1-12	<i>“<u>Movimento pede 40 ônibus</u> para abandonar Porto Seguro”.</i>
19/04/00	ZH, Reportagem Especial, p. 4	<i>“Índios e sem-terra <u>roubam a festa</u>” Subtítulo: “Grupos contrários às comemorações oficiais dos 500 anos <u>organizam manifestações de repúdio</u> aos governantes”.</i>
19/04/00	ZH, Reportagem Especial, p. 4	<i>“Protesto <u>monumental</u>”</i>

DATA	JORNAL/ PÁG	TÍTULOS DO 1º ATO
19/04/00	ZH, Reportagem Especial, p. 6	“ <u>Protesto termina com 11 presos no Ceará</u> ”; subtítulo: “ <u>Confronto entre PM e grupos estudantis que se manifestavam contra os 500 Anos deixou cinco feridos em Fortaleza</u> ”
19/04/00	FSP, Brasil 1-10	“ <u>Índios podem se unir ao MST em manifestação</u> ”
19/04/00	FSP, Brasil 1-10	“ <u>FHC reduz ainda mais sua agenda em Porto Seguro</u> ”
20/04/00	FSP, capa	“ <u>Festa dos 500 anos não será velório, diz FHC</u> ”. Subtítulo: “ <u>Presidente desafia baderneiros a enfrentar sua autoridade no evento do dia 22</u> ”
20/04/00	FSP, Brasil 1-10	“ <u>Festa não é convite a velório, diz FHC</u> ”. Subtítulo: “ <u>Presidente critica grupos infiltrados para criar violência e chama MST de não-democrático</u> ”
20/04/00	FSP, Brasil 1-10	“ <u>Protesto pretende reunir 40 mil em Porto Seguro</u> ”
20/04/00	FSP, Brasil 1-10	“ <u>Ato no Rio termina em confronto com a polícia</u> ”
21/04/00	CP, capa	“ <u>Segurança máxima na festa dos 500 anos</u> ; subtítulo: <u>Índios, sem-terra, sindicalistas e estudantes ameaçam as comemorações oficiais marcadas para amanhã no sul da Bahia</u> ”.
21/04/00	ZH, Geral, p. 29	“ <u>Segurança reforçada para receber FH</u> ”. Subtítulo: “ <u>Preocupação é com a participação do presidente em entrega de obras em Coroa Vermelha</u> ”
21/04/00	FSP, Brasil 1-8	“ <u>Oposição quer reunir 10 mil na Bahia</u> ”; subtítulo: “ <u>Para não ir ao protesto, sem-terra pedem audiência com FHC; presidente ainda não divulgou agenda</u> ”
21/04/00	FSP, Brasil 1-8	“ <u>FHC faz papel de ditador, diz Rainha</u> ”
22/04/00	CP, capa	“ <u>Tensão na festa do Descobrimento</u> ”, subtítulo: “ <u>Segurança reforçada na região de Porto Seguro não afasta organizadores das manifestações de protesto marcadas para hoje</u> ”
22/04/00	CP, capa	“ <u>Presidente diz que MST passou dos limites</u> ”
22/04/00	ZH, p. 6	“ <u>FH ficará seis horas no berço do país</u> ”
22/04/00	ZH, p. 12	“ <u>Negros pretendem denunciar racismo</u> ”
22/04/00	ZH, p.12	“ <u>Índios fizeram conferência na região</u> ”
22/04/00	FSP, Brasil 1-5	“ <u>FHC diz estar cansado de ação do MST</u> ”
22/04/00	FSP, Brasil 1-5	“ <u>Segurança abrevia a visita</u> ”
22/04/00	FSP, Brasil 1-6	“ <u>Oposição prevê confronto com FHC</u> ”; subtítulo: “ <u>Integrantes da marcha Brasil Outros 500 admitem uso da violência e chegam a falar em “guerrilha”</u> ”

Quadro 1 – Títulos do 1º Ato

Os títulos do 1º Ato chamam atenção para a discussão entre FH e ACM com os índios, a festa em meio a protestos, algo que tem grandes chances de acontecer (um grande protesto com manifestantes diversos como índios, negros, sem-terra, sindicalistas, estudantes), a diminuição da agenda presidencial nas comemorações dos 500 anos e o aumento de segurança para as autoridades presidenciais, a conferência de indígenas no local, a denúncia de racismo pelos negros, o cansaço de FH com os sem-terra, a possibilidade de confronto com FH. Neste primeiro momento também se observa o clima de animosidade entre o governo, os sem-terra e os manifestantes em geral.

6.1.2 2º Ato: Registros de Violência

O 2º Ato se caracteriza pelas ocorrências propriamente ditas, ou seja, protestos, cancelamento de parte da programação, o número de pessoas presas, o bloqueio das estradas, os limites sofridos pelos manifestantes, a ocorrência de feridos, etc.

(continua)

DATA	JORNAL/PÁG	TÍTULOS DO 2º ATO
23/04/00	CP, capa	“ <i>Protestos <u>atrapalham</u> festa dos 500 anos</i> ”, subtítulo: “ <i>Manifestantes e policiais feridos em conflitos</i> que levaram o presidente <i>Fernando Henrique a mudar a agenda</i> das comemorações”.
23/04/00	CP, capa	“ <i>FHC <u>promete</u> mais terra a índios</i> ”
23/04/00	ZH, p. 41	“ <i>Presidente <u>cancela</u> parte da programação</i> ”. Subtítulo: “ <i>Houve <u>princípio de tumulto</u> no litoral baiano</i> ”.
23/04/00	FSP, Brasil 1-4	“ <i>Protesto do Descobrimento deixa 141 <u>detidos</u> na Bahia</i> ”. Subtítulo: “ <i>Segundo manifestantes, <u>cerca de 30 pessoas foram levemente feridas</u></i> .”
23/04/00	FSP, Brasil 1-5	“ <i>Policiais <u>bloqueiam</u> os acessos a Porto Seguro</i> ”, subtítulo: “ <i><u>Cerco impediu</u> até os próprios moradores de entrar na cidade</i> .”
23/04/00	FSP, Brasil 1-7	“ <i>FHC pede <u>tolerância com divergências</u></i> ”. Subtítulo: “ <i>No dia em que a <u>polícia reprime</u> manifestantes, <u>presidente fala em “busca paciente pelo consenso”</u></i> .”
24/04/00	CP, capa	“ <i><u>Fracassa</u> a festa dos 500 anos</i> ”. Subtítulo: “ <i><u>Em vez de alegria</u> pelas comemorações, país assistiu a muitas cenas de violência, prisões, feridos, atos de vandalismo e protestos.</i> ”
24/04/00	CP, Geral, p. 11	“ <i><u>Indígenas revivem 500 anos de humilhação</u></i> ”. Subtítulo: “ <i><u>Índios não puderam entregar documento a FHC e retornaram a suas aldeias como fugitivos, à noite, com medo da PM baiana</u></i> .”

(conclusão)

DATA	JORNAL/PÁG	TÍTULOS DO 2º ATO
26/04/00	FSP, Brasil 1-6	“Índio diz que <u>pediu para morrer</u> ”

Quadro 2 – Títulos do 2º Ato

Um grande número de feridos e detidos nos atos de protesto perfazem o clímax dessa estrutura dramática. O cancelamento de parte das comemorações oficiais era algo que se desenvolvia desde o 1º Ato. Fala-se de tumulto e protesto. Ocorrem ações de várias naturezas (manifestantes e policiais feridos em conflitos, FH promete mais terra a índios; presidente cancela parte da programação; protesto deixa 141 detidos; cerca de trinta pessoas foram levemente feridas; policiais bloqueiam acessos; cerco impede até moradores de entrar na cidade; indígenas revivem 500 anos de humilhação. Os jornais falam do fracasso da festa.

6.1.3 3º Ato: O Dia Seguinte

O 3º Ato apresenta demissões de autoridades, crítica à violência policial, o fracasso da festa, a imagem brasileira maculada no exterior, a possibilidade de manifestação na missa e a censura ao texto da missa. Nesse sentido os jornais parecem se reportar a um conjunto de conseqüências que são analisadas pelos jornais ou por aqueles a que eles dão a voz.

DATA	JORNAL/PÁG	TÍTULOS DO 3º ATO
24/04/00	ZH, Especial, p. 4	“Funai <u>perde presidente na festa</u> ”
24/04/00	FSP, Brasil 1-4	“Para bispo, FHC <u>deveria se cercar de negros e índios</u> ” Subtítulo: “Em missa de Páscoa, <i>d. Angélico critica violência policial</i> ”
24/04/00	FSP, Brasil 1-4	“D. Paulo fala da <u>violência no sermão</u> ”
25/04/00	CP, Nacional/ Internacional, p.10	“PT e Cimi fazem <u>denúncia à OEA</u> ”
25/04/00	CP, Nacional/ Internacional, p. 10	“Gregori vê <u>imagem arranhada</u> ”
25/04/00	CP. Capa	“Presidente da Funai <u>é demitido</u> ”
26/04/00	FSP, Brasil 1-4	“CNBB quer <u>impedir que missa vire manifestação</u> ”. Subtítulo: “Evento durará 1h30 e terá participação de Daniela Mercury”
26/04/00	FSP, Brasil 1-5	“Vaticano <u>censura cantos e trechos da celebração</u> ”. Subtítulo: “Versão original trazia referências a injustiças no presente.”
26/04/00	CP, Nacional/ Internacional, p. 10	“Tribo truka se diz <u>pronta para guerra</u> ”

Quadro 3 – Títulos do 3º Ato

Neste 3º Ato, quem avalia e critica a repressão desencadeada contra os manifestantes é a Igreja (para bispo, FH deveria se cercar de negros e índios; d. Angélico critica a violência policial; d. Paulo fala da violência no sermão; CNBB quer impedir que a missa vire manifestação). O Vaticano revisa os trechos da missa e retira partes que teriam um tom de crítica social (Vaticano censura cantos e trechos da celebração. Versão original trazia referências a injustiças no presente). Também a Funai perde o presidente na festa (demissão de Carlos Marés).

A seguir, esses três atos são examinados através das matérias jornalísticas. O texto em destaque, em negrito e itálico apresenta as características do Ato correspondente.

6.1.4 1º Ato: Os Dias de Véspera

No **1º Ato** os jornais preconizam a véspera dos acontecimentos: discussões com autoridades, a preparação, a questão da segurança e policiamento, as ameaças, a tensão, as denúncias, a organização do protesto, os bloqueios, as reivindicações de minorias.

a) 14/04/00, Correio do Povo, capa

500 índios realizam uma marcha, que começou no centro de Brasília e terminou em um ato no auditório da Câmara. Suruí, de uma aldeia de Rondônia, furou o bloqueio da segurança e foi até a mesa de ACM armado com uma lança. Além de exigir a retirada dos policiais militares das terras indígenas na Bahia, ele pediu a aprovação do Estatuto do Índio. ACM não gostou e exigiu respeito. (...) No percurso até o Congresso, os índios jogaram flechas no relógio comemorativo dos 500 anos. Armados com flechas e bordunas, carregavam faixas criticando as comemorações do descobrimento. Também o presidente Fernando Henrique Cardoso (FHC) e o cacique Nailton Pataxó Hã Hã Hae discutiram no dia anterior (13/04/00), durante audiência no Palácio do Planalto com um grupo de 13 índios que participaram da marcha. O presidente se recusou a pedir desculpas pela destruição do monumento indígena na praia de Coroa Vermelha e disse que o problema era do governo da Bahia.

Na matéria a) temos a indignação dos indígenas em Brasília, realizando uma marcha no dia 14 de abril, isto é, oito dias antes do dia 22 e enfrentando ACM. Outro indígena já havia discutido com FHC no dia anterior (13/04). Os indígenas fazem algo que vai se repetir no dia 22 de abril: uma marcha de protesto às comemorações e um ataque aos relógios

comemorativos dos 500 anos. Nesta matéria FH diz não querer manter diálogo com os indígenas.

b) 14/04/00, Zero Hora, Geral, p.48

Centenas de índios de todo o país realizaram ontem (13/04) um protesto em Brasília, enfrentando o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) e lançando flechas sobre o relógio que faz a contagem regressiva para a comemoração dos 500 Anos de Descobrimento do Brasil. O incidente mais grave foi com ACM. Apontando uma flecha para o rosto do senador, o índio Henrique Iabadaí, da tribo suruí, de Rondônia, exigiu a retirada da Polícia Militar da Bahia do sítio histórico de Coroa Vermelha (local da primeira missa no Brasil). A polícia ocupou o local no dia 4 e destruiu um monumento construído pelos índios pataxós, em homenagem aos povos extintos e aos líderes indígenas assassinados ao longo dos 500 anos. O incidente ocorreu durante um ato público no auditório Nereu Ramos, na Câmara dos Deputados. Iabadaí também exigiu a demarcação de terras indígenas e a aprovação do Estatuto do Índio pelo Congresso. – Eu vou falar e quero que me respeitem – respondeu ACM, apontando o dedo para o índio, sem se intimidar com a ameaça. – Ele exigiu respeito, mas todos nós exigimos. Ele está há não sei quantos anos no Congresso e nunca fez nada pelos índios – retrucou Iabadaí, que vive na aldeia Sete de Setembro, em Rondônia. No final da tarde, Fernando Henrique recebeu 13 índios, que lhe entregaram uma pauta de reivindicações. FH prometeu avaliar os pedidos, que incluem a aprovação do Estatuto do Índio, melhor assistência médica nas aldeias e a demarcação de terras indígenas. Os índios deixaram o Planalto satisfeitos e disseram que não vão promover nenhuma manifestação contra o presidente em Porto Seguro. Há um temor que ocorram conflitos na Bahia. O próprio Fernando Henrique não deverá participar da inauguração de um monumento em Coroa Vermelha, no dia 22, por questões de segurança”. Subtítulo: “Destruição de monumento irritou os pataxós”. No local será realizado, de 18 a 21, uma conferência de nações indígenas. Cerca de 215 povos e mais de 150 entidades, como a Central Única dos Trabalhadores (CUT) e o Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem Terra (MST), participarão do evento. O clima de tensão foi confirmado pelo presidente da Fundação Nacional do Índio (FUNAI), Carlos Frederico Marés, que disse que os pataxós estão sendo ‘constrangidos’ pela Polícia Militar baiana e pela Comissão dos 500 Anos, presidida pelo ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca. Para Marés, a destruição do monumento indígena foi um ato impensado. A Marcha Indígena 2000, que ontem a noite (13/04, quinta-feira), contou com cerca de 600 manifestantes. Outros grupos indígenas vão se integrar à caminhada. De Iraí, no Rio Grande do Sul, partiu ontem, às 17h, um grupo de 40 caingangues. Originalmente, eles passariam por Brasília, mas a falta de dinheiro alterou a programação. De Iraí, o grupo se desloca até Chapecó, onde se junta a 80 índios de Santa Catarina. A Caravana do Sul deverá chegar domingo (16/04) à Bahia.

Na matéria b) vê-se o enfrentamento direto dos indígenas com ACM na Câmara dos Deputados em Brasília. Os indígenas reclamam a ocupação de sua área por PMs e a destruição de seu monumento, no início do mês. Os indígenas reclamam também do desinteresse dos políticos em relação a sua causa. Várias tribos indígenas do Brasil estão seguindo marcha para Bahia.

c) 14/04/00, Zero Hora, Geral, p. 48

Os índios descarregaram sua fúria sobre o relógio dos 500 Anos montado pela Rede Globo em Brasília. Pintados de urucum e carvão, eles interromperam uma marcha, ontem de manhã (13/04/00), pelo Eixo Fundamental, para cravejar o monumento com flechadas e pedradas. Uma das pedras quebrou o mostrador digital que indica os dias que faltam para 22 de abril. À tarde, as flechas já haviam sido retiradas. A marcha começou na rodovia de Brasília e seguiu até o Congresso, onde os cerca de 400 índios foram recebidos pelo presidente da Câmara, Michel Temer (PMDB-SP), e pelo presidente da Comissão dos Direitos Humanos, Marcos Rolim (PT-RS). Entregaram a eles uma lista de reivindicações que inclui um pedido de aceleração nas demarcações de terras e a aprovação do Estatuto do Índio, projeto do deputado Aloísio Mercadante (PT-SP) há nove anos parado no Congresso. Líderes partidários decidiram desengavetar o projeto, numa tentativa de demonstrar apoio à causa indígena. Conforme Temer, o estatuto poderia ser votado ontem (13/04). Mas os líderes da marcha desejam conhecer antes as alterações ao projeto feitas pelo governo federal. – ‘Estamos cheios de manobras políticas, mas dispostos a conversar’ – disse Marcos Terena, da Coordenação dos Direitos Indígenas da ONU.

Na matéria c) os índios fazem uma marcha em Brasília, quebrando o relógio dos 500 Anos. Eles foram à Câmara apresentar uma lista de reivindicações entre as quais a demarcação de terras e a aprovação do Estatuto do Índio, que está parado há nove anos no Congresso.

d) 14/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-12

O presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA), teve ontem (13/04) uma flecha apontada para seu rosto por um índio que participava da marcha contra as comemorações dos 500 anos de descobrimento do Brasil. O índio Henrique Iabaday conseguiu furar a segurança e, empunhando uma flecha a poucos centímetros de ACM, exigiu dele a imediata aprovação do Estatuto das Sociedades Indígenas, que tramita há nove anos no Congresso. O fato, ocorrido ontem no auditório Nereu Ramos, na Câmara, representou o momento mais tenso da marcha. Antes de chegar ao Congresso, cerca de 500 integrantes da marcha já haviam atirado flechas no relógio da Rede Globo comemorativo aos 500 anos do Brasil. No auditório, ACM foi surpreendido pela chegada do índio quando estava sentado à mesa e aguardava a vez de discursar para os líderes indígenas. Henrique Iabaday, da tribo dos suruí, de Rondônia, balançava a flecha na direção de ACM enquanto falava. Depois de alguns segundos de indecisão, o senador levantou-se com o dedo em riste. ‘Eu vou falar e exijo respeito’, afirmou, enquanto os seguranças afastavam Iabaday do local. Poucos antes, ACM havia sido acusado pelo cacique Nailton Pataxó de ter distribuído títulos para fazendeiros em terras indígenas na época em que foi governador da Bahia. ‘Quero pedir ao presidente do Senado que corrija o erro cometido por ele de doar terras dentro da área pataxó. Errar é humano. Corrija o erro e anule os títulos’, disse o cacique discursando na tribuna. Nailton Pataxó exigiu ainda a interferência de ACM para acabar com o cordão de isolamento da Polícia Militar baiana na região de Porto Seguro, que impede a entrada de manifestantes contrários às comemorações oficiais dos 500 anos do Brasil. Em resposta, ACM disse que ‘gestos impulsivos’ não resolveriam os problemas. Ele se colocou à

disposição para dialogar, inclusive com o governador da Bahia, César Borges (PFL). ‘Vim com o espírito aberto para dialogar e para dizer que não pode haver comemoração dos 500 anos sem a presença dos senhores, mas a presença dos senhores também não pode impedir a comemoração.’ Ao concluir, pediu uma demonstração de confiança: ‘Confiem no senador. Mais do que isso, confiem no Senado’. Ele não quis comentar a acusação de que teria distribuído títulos de propriedade em áreas indígenas. ACM foi convidado a ir ao auditório pelos senadores Eduardo Suplicy (PT-SP) e Marina Silva (PT-AC).

Na matéria d) vê-se o enfrentamento do índio pataxó com ACM na Câmara dos Deputados. Um cacique indígena acusa ACM, no período em que era governador da Bahia, de ter distribuído terras dos indígenas para fazendeiros na Bahia. Os indígenas pedem também a retirada do cordão de isolamento em Porto Seguro. ACM foi levado à Câmara por Eduardo Suplicy e Marina Silva, ambos senadores do PT.

e) 15/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-11

Uma barreira da Polícia Militar na BR-101, em Itabuna (BA), interrompeu ontem a viagem de 400 membros do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra) até Porto Seguro, onde haverá as comemorações dos 500 anos do Brasil. (...) os sem-terra querem protestar em Porto Seguro na segunda-feira (17/04), para lembrar o massacre de Eldorado dos Carajás (PA), quando 19 trabalhadores rurais foram mortos em confronto com a PM. ‘Assim como o governo quer comemorar os 500 anos do Brasil, também temos o direito de protestar contra as injustiças sociais, o desemprego e a corrupção’. (...)

Segundo a matéria e), a PM faz barreira na BR-101, em Itabuna (BA), interrompendo viagem de um grupo do MST que quer chegar à Porto Seguro onde vão acontecer as comemorações pelos 500 Anos. Eles querem protestar contra as injustiças sociais, o desemprego e a corrupção. Já vê-se aqui a PM se mobilizando contra manifestantes que querem se dirigir à Porto Seguro. Os manifestantes não querem comemorar os 500 Anos, mas protestar contra as injustiças sociais, o desemprego e a corrupção.

f) 17/04/00, Zero Hora, Geral, p. 37

Cerca de mil índios das regiões Norte e Centro-Oeste chegaram sábado (15/04/00) ao Monte Pascoal, em Porto Seguro, Bahia. Eles permanecerão no local até o começo da Conferência Indígena, que será realizada de amanhã (18/04/00) a sexta-feira (21/04/00), na aldeia de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália. Foi a primeira caravana de índios de outros Estados a chegar ao sul da Bahia para protestar contra as comemorações dos 500 anos do Descobrimento. A caravana se

iniciou no dia 26 de março, quando parte do grupo saiu de Benjamin Constant (AM). A última parada havia sido em Brasília, na quinta-feira (13/04/00), quando pediram pressa na aprovação do Estatuto dos Povos Indígenas pelo Congresso. – Vamos descansar da viagem e visitar o monte com guias da comunidade pataxó – disse Saulo Feitosa, vice-presidente do Conselho Indigenista Missionário (CIMI). Outros mil índios do Sul, Sudeste e do Nordeste são esperados em Santa Cruz Cabralia nos próximos dias. Parte deles chega hoje a Salvador, para participar do movimento Brasil, Outros 500.

A matéria f) apresenta a chegada de uma caravana de índios a Porto Seguro em 15 de abril, já com o intuito de protestar contra a comemoração dos 500 Anos. Eles antes haviam passado em Brasília pedindo a aprovação do Estatuto dos Povos Indígenas pelo Congresso. Parte dos indígenas vai participar do movimento *Brasil Outros 500*.

g) 17/04/00, Zero Hora, Geral, p. 37

Todas as vias de acesso à região de Porto Seguro estão sendo vigiadas por policiais militares. Para a operação, o governo baiano mobilizou cerca de 4 mil homens. É quase impossível chegar às praias da região sem passar por barreiras, nas quais são feitas revistas nos veículos e verificados os documentos do motorista. Segundo os oficiais que coordenam o trabalho nas estradas, o principal objetivo da operação é evitar a passagem de armas. Eles tem ordens de evitar a detenção de pessoas.

Na matéria g) quase 4 mil policiais estão vigiando todas as vias de acesso a Porto Seguro, isso cinco dias antes da data do evento (22/04). Essas barreiras revistam veículos e documentos de motoristas evitando passagem de armas.

h) 17/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-9

O novo ministro da Justiça, José Gregori, fez uma crítica velada às organizações não governamentais ao afirmar que é melhor conversar ‘com o índio’ do que ‘com branco amigo de índio’. ‘O índio não tem posição ideológica, é a posição de quem tem necessidades concretas, não instituídas por um europeu que tem ar condicionado ou (que fica) ao lado da lareira em um país alpino’, disse o ministro à Folha. Gregori se referia às reivindicações levadas por líderes indígenas ao presidente Fernando Henrique Cardoso, na semana passada. Entre outros pontos, eles querem o apoio do governo para aprovar o projeto do Estatuto das Sociedades Indígenas, que tramita há nove anos no Congresso. Apoiados por ONGs, os índios organizaram uma agenda alternativa de protestos, para o dia 22, data das comemorações oficiais dos 500 anos do Brasil.

Na matéria h), o ministro da Justiça José Gregori se refere a ONGs que estariam orientando os indígenas na aprovação do Estatuto das Sociedades Indígenas, que tramita há nove anos no Congresso. Conforme Gregori, os índios não possuem posição ideológica, mas necessidades concretas. Seriam uma “massa-de-manobra” das ONGs.

i) 17/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-6

Os sem-terra foram liberados para fazer uma manifestação hoje de manhã (17/04) em Porto Seguro para lembrar o massacre de Eldorado dos Carajás (PA), onde, há exatamente quatro anos, 19 trabalhadores rurais foram mortos em um confronto com policiais militares. Em contrapartida, os manifestantes sairiam ainda hoje da cidade, que, no próximo dia 22, será palco das comemorações oficiais dos 500 anos do Brasil. Subtítulo: “Turistas, ricos e governantes”. Ademar Bogo (coordenador regional do MST) disse que os sem-terra vão aproveitar a manifestação de hoje para denunciar a violência contra os trabalhadores rurais. “Nós queremos dizer que o Brasil, com seus 500 anos de história, ainda não aprendeu a fazer festa para o povo. O presidente Fernando Henrique Cardoso precisa entender que não existem apenas turistas, ricos e governantes no Brasil”, afirmou Bogo. Anteontem (15/04), o coordenador estadual do MST Walmir Assumpção já havia dito que os manifestantes pretendiam voltar a Porto Seguro no dia 22. Diante disso o governador da Bahia, César Borges (PFL), afirmou que isso seria “quebra de acordo” e acenou com a possibilidade de a Polícia Militar voltar a apertar o cerco. “Não há espaço físico em Porto Seguro para comportar uma quantidade muito grande de gente para todos os eventos. Se algum grupo já tiver anunciado a intenção de fazer protestos e constranger autoridades, nós temos a obrigação de tomar todas as precauções”, declarou o governador. A marcha dos sem-terra de Eunápolis a Porto Seguro foi tranqüila. Cerca de 2500 integrantes do MST, segundo a diretoria regional, participaram da caminhada. A PM estima que 1200 sem-terra fizeram o percurso. (...) No final da manhã de ontem, os sem-terra chegaram ao acampamento montado pela diretoria regional do MST. O acampamento fica a 15 quilômetros de Porto Seguro. “Nós só vamos sair daqui amanhã (disseram em 17/04). Primeiro vamos esperar os índios que também estarão na manifestação contra o governo federal”, disse Bogo.

Na matéria i) os sem-terra fazem manifestações em Porto Seguro já no dia 17/04, lembrando o massacre de Eldorado dos Carajás (PA), denunciando a violência contra os trabalhadores rurais. Desde o dia 15/04, os sem-terra pretendem voltar a Porto Seguro no dia 22, dia de comemorações pelo Descobrimento. O governador César Borges, da BA, já acena com a possibilidade da PM agir se houver protestos ou possibilidade de constrangimentos contra autoridades. Os sem-terra já anunciam um encontro com os indígenas.

j) 17/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-6

Cerca de 500 índios fazem passeata hoje em Salvador contra as comemorações oficiais dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, que acontecem no próximo dia 22, em Porto Seguro (BA). Caravanas com integrantes de 29 povoados indígenas de todos os Estados do Nordeste chegaram ontem à capital baiana, onde se encontraram com membros da CUT (Central Única dos Trabalhadores), do Conen (Coordenação Nacional de Entidades Negras) e de partidos de oposição. Todos integram o movimento “Brasil, Outros 500”. “Vamos protestar contra os 500 anos de genocídio dos povos indígenas e mostrar que a realidade do índio hoje no Brasil não corresponde com a divulgada pelo governo”, afirmou Janduir Vieira Cruz, pertencente à tribo Tuxá, da cidade de Rodelas (BA). Depois de participar da manifestação de hoje (17/04/00), que deve seguir do bairro Campo Grande para a Praça da Sé, no centro de Salvador, a caravana de índios do Nordeste vai para a aldeia de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália, onde acontece, a partir de amanhã, a Conferência Indígena. Segundo os organizadores da conferência, o evento pretende denunciar o massacre sofrido pelos povos indígenas no país depois da chegada dos portugueses. Subtítulo: “Governo”. Ainda não há definição quanto à presença do presidente Fernando Henrique Cardoso em Coroa Vermelha, mas o subsecretário da Casa Civil da Presidência da República, Marcelo Cordeiro, afirmou ontem ao governador da Bahia, César Borges, que há disposição por parte de FHC em ir ao local. “O presidente também está disposto a receber o documento final da Conferência Indígena”, disse o governador baiano. No último sábado (15/04), Cordeiro, procuradores do Ministério Público Federal e representantes do governo estadual se reuniram com os pataxós em Coroa Vermelha para discutir as medidas que serão adotadas pelas autoridades durante as comemorações dos 500 anos de Descobrimento. Os governos federal e estadual decidiram que os índios podem reerguer o monumento destruído pela PM baiana no dia 4, em Cabrália, deverá ser reerguido pelos índios na forma e no lugar que quiserem. O valor da indenização pela invasão da área indígena pela PM no episódio deverá ser discutido amanhã em reunião da comunidade pataxó. “O monumento é uma homenagem da tribo pataxó a todos os índios que foram assassinados ou expulsos de suas terras nos últimos 500 anos”, disse o líder indígena Nailton Pataxó. Subtítulo: Pré-conferência. Ao som de músicas de protesto, cerca de 800 índios reunidos ontem no Parque Nacional de Monte Pascoal decidiram participar da manifestação do MST contra os festejos dos 500 anos do Brasil. “Todas as manifestações que forem contra o governo de Fernando Henrique Cardoso tem o nosso apoio”, disse Nailton Pataxó. De manhã, os índios participaram do encontro preparatório para a Conferência Indígena, que começa amanhã, na praia de Coroa Vermelha. No chão ou em redes, ouviram discursos de seus líderes e de representantes da Funai (Fundação Nacional do Índio). Nos intervalos tocaram flauta, leram jornais e compraram artesanato de outras tribos. Depois da escolha dos representantes das tribos, os índios decidiram protestar hoje de manhã (17/04), no Monte Pascoal. “Vamos ocupar o Monte Pascoal para fazer nossos rituais sagrados e celebrar nossas orações”, disse Nailton. Somente depois eles vão para Porto Seguro se encontrar com os sem-terra. Outros 1200 índios, das regiões Sul, Sudeste e Nordeste, são esperados em Santa Cruz Cabrália nos próximos dias.

De acordo com a matéria j) os indígenas, no dia 17/04, fazem uma passeata em Salvador contra as comemorações que vão acontecer no dia 22 pelos 500 Anos de Descobrimento e já se encontram com membros da CUT, do CONEN e de partidos de oposição. Depois dessa passeata os indígenas participam de uma Conferência Indígena. Os índios já se organizam para fazer uma manifestação com o MST para o dia 22.

k) 18/04/00, Correio do Povo, capa

o Comitê Brasil Outros 500, que reúne 35 entidades representantes de índios, sem-terra, ambientalistas, sindicalistas e líderes comunitários, promete transformar a festa oficial num grande protesto. A disposição dos manifestantes cresce à medida que o presidente Fernando Henrique vai reduzindo sua agenda nas festividades. Além do policiamento ostensivo e do apoio do Ministério da Defesa, a segurança de FHC será reforçada, no sábado (22/04/00), por agentes à paisana.

Na matéria k) de 18 de abril, vemos as várias entidades organizando o protesto para dia 22. Já se prevê um policiamento ostensivo e segurança reforçada. Há promessas de incidentes.

l) 18/04/00, Zero Hora, Geral, p. 46

A mobilização de índios e do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra está ameaçando perturbar as comemorações oficiais do Descobrimento programadas pelo governo federal e da Bahia. O ponto alto da festa está previsto para sábado, 22 de abril, com a presença dos presidentes Fernando Henrique Cardoso, do Brasil, e Jorge Sampaio, de Portugal. O governo baiano, que deslocou 4 mil policiais para a região, não esconde o desconforto provocado pelo clima de intranquilidade gerado pelas manifestações de indígenas e sem-terra. Ontem (17/04) cerca de 3 mil integrantes do MST da Bahia realizaram uma marcha de Eunápolis, onde se concentraram no fim de semana, até Porto Seguro, para um protesto contra a exclusão social e o massacre de Eldorado dos Carajás (quando agricultores sem-terra foram mortos num conflito com a PM do Pará). Os dirigentes do MST fizeram um acordo com o governo da Bahia e se comprometeram a deixar a cidade depois do protesto, mas nada garante que ele será cumprido. No último Sábado (15/04), procuradores do Ministério Público Federal e representantes dos governos baiano e federal se reuniram com os pataxós em Coroa Vermelha para discutir as medidas que serão adotadas pelas autoridades durante as comemorações dos 500 anos do Descobrimento. Ficou decidido que os índios poderão reerguer o monumento destruído pela PM baiana no dia 4, em Cabralia, na forma e no lugar que quiserem. – O monumento é uma homenagem da tribo pataxó a todos os índios assassinados ou expulsos de suas terras nos últimos 500 anos – disse o líder indígena Nailton Pataxó. Subtítulo: “O presidente ainda não confirmou presença em Coroa Vermelha”. Em meio a tantos protestos, ainda não há definição quanto à presença do presidente Fernando Henrique em Coroa Vermelha, embora o subsecretário da Casa Civil da Presidência, Marcelo Cordeiro, tenha afirmado ontem ao governador da Bahia, César Borges, que há disposição de FH ir ao local. – O presidente também está disposto a receber o documento final da Conferência Indígena – disse o governador baiano. Em Salvador, o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães, aproveitou a solenidade de batismo da réplica da nau capitânia de Pedro Álvares Cabral para atenuar as ameaças de protesto do MST e dos índios. – Não acredito nisso. Quando o Brasil foi descoberto, houve aquela miscigenação indispensável à nossa raça. Hoje estamos muito bem, todos têm o mesmo propósito, brancos, negros, índios. Todos somos uma mesma nação – afirmou ACM.

Na matéria l) o governo da Bahia já expressa seu desconforto com a possibilidade de manifestações no dia 22 com os sem-terra e indígenas. O governo baiano já deslocou 4 mil policiais para a região. Os sem-terra acenam com a possibilidade de não cumprir sua parte no

acordo com o governo baiano e ficar em Porto Seguro até o dia 22. FHC não confirmou sua ida a Porto Seguro. ACM subestima a possibilidade de protesto dos índios e sem-terra.

m) 18/04/00, Zero Hora, Geral, p. 46

O ritual de toré (dança em homenagem aos mortos) ao redor da centenária estátua do Caboclo, no bairro de Campo Grande, marcou ontem o início da passeata com 500 índios de seis Estados do Nordeste pelo centro de Salvador. Eles percorreram oito quilômetros entoando cânticos indígenas. Ao final da manifestação, embarcaram para Santa Cruz Cabrália, onde, com outros 1,5 mil índios, participam, a partir de hoje (18/04), da Conferência Indígena. – Vamos protestar contra os 500 anos de genocídio dos povos indígenas – disse Janduir Vieira Cruz, da tribo tuxá. Em Porto Seguro, cerca de 800 índios reunidos desde o fim de semana no Parque Nacional de Monte Pascoal decidiram participar da manifestação do MST contra os festejos dos 500 Anos. Ontem de manhã (17/04), os índios realizaram um encontro preparatório para a Conferência Indígena. Nos intervalos, tocaram flauta, leram jornais e dançaram.

Na matéria m) os índios fazem passeata no centro de Salvador, se dirigindo a Santa Cruz Cabrália para uma conferência dos povos indígenas para protestar contra o genocídio dos povos indígenas. Os índios reunidos em Porto Seguro decidem participar da manifestação do MST contra os festejos dos 500 Anos.

n) 18/04/00, Folha de São Paulo, Capa

O Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra iniciou o que o grupo promete ser uma onda de 500 invasões de terra, referência aos 500 anos do Descobrimento. Ontem (17/04) o MST informou ter invadido mais de 60 áreas em cinco Estados. Segundo o governo, as ações foram apenas 12. O protesto marca também o quarto aniversário da morte de 19 sem-terra em ação policial em Eldorado dos Carajás (PA).

Conforme a matéria n) o MST promete invadir 500 propriedades de terra, fazendo uma referência aos 500 anos de Descobrimento. O protesto marca o aniversário de morte dos sem-terra em Eldorado dos Carajás.

o) 18/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-12

O MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra) impôs condições ao governo baiano para deixar Porto Seguro (sul da Bahia) ontem (17/04) à noite, após a manifestação contra os festejos dos 500 anos do Descobrimento. O movimento exigiu do governo da Bahia 40 ônibus para levar cerca de 2500 sem-terra até Salvador, onde a sede do Incra (Instituto Nacional e de Reforma Agrária) foi ocupada. Eles também querem a presença do ministro Raul Jungmann. “Ou vamos para a capital reforçar a ocupação da sede do Incra ou ficamos aqui. Quem traça o nosso destino somos nós e não o governo”, disse Ademar Bogo, líder dos sem-terra no sul da Bahia. Segundo ele, se o governo não der os ônibus ou o ministro informar que não vai a Salvador, o movimento vai esperar por Jungmann em Porto Seguro até o dia 22, quando ele deve chegar à cidade para as comemorações dos 500 Anos do Descobrimento. Até ontem (17/04), o governador César Borges (PFL) não havia aceitado a proposta. Com bandeiras, foices e enxadas, os sem-terra entraram em Porto Seguro às 17h, após caminhar 15 quilômetros do acampamento montado às margens da BR-367.

Na matéria o) o MST já impõe condições para deixar Porto Seguro: quer transporte para se dirigir a Salvador e a presença do ministro da Reforma Agrária, Raul Jungmann. Caso isso não se concretize, eles ameaçam fazer um grande protesto no dia 22, em Porto Seguro, sede das comemorações oficiais.

p) 19/04/00, Zero Hora, Reportagem Especial, p. 4

Índios, sem-terra e estudantes decidiram juntar suas forças para atacar as comemorações oficiais dos 500 Anos do Descobrimento. Em Porto Seguro, caciques de diversas nações iniciaram ontem um encontro para denunciar o genocídio dos povos indígenas no passado e a “exclusão” dos atuais, além de preparar manifestações de protesto para o Sábado, dia 22. Ao mesmo tempo, o Movimento de Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) deflagrou uma onda de invasões de fazendas em todo o país, incluindo três áreas no Rio Grande do Sul. Em Fortaleza, manifestantes entraram em choque com a polícia, com um saldo de cinco presos e 11 feridos. Segundo o MST, 500 áreas serão ocupadas para “celebrar” os 500 anos. O sul da Bahia seria o cenário perfeito para as comemorações oficiais. Mas o que se vê é uma disputa ferrenha entre indígenas e os governos federal e baiano. Desde ontem, milhares de índios de todo o país estão reunidos na reserva de Coroa Vermelha, às margens da BR-367, que liga Porto Seguro a Santa Cruz Cabrália. Eles participam da Conferência dos Povos e Organizações Indígenas, que se encerrará no sábado (22/04), o dia do aniversário do Brasil. Subtítulo: Os pataxós ameaçam derrubar a nova cruz que marca o local da primeira missa. A abertura da conferência dos caciques foi marcada por novas denúncias. Um conflito entre os pataxós e fazendeiros teria ocorrido na noite de segunda-feira (17/04) nas imediações da aldeia Barra do Cahy, a 200 quilômetros de Porto Seguro, onde os índios invadiram, há duas semanas, a Fazenda Boa Vista. Dois índios teriam sido feridos à bala e outros 22 mantidos em cárcere privado. A Polícia Militar da Bahia disse desconhecer o confronto anunciado pelos índios. O capitão da 43ª Companhia da PM de Itamaraju, Roosevelt Salustiano dos Santos, afirmou não ter encontrado indícios de violência contra os índios. À noite, o chefe do gabinete da Fundação Nacional do Índio (Funai) em Brasília, Fernando Dantas, confirmou o incidente. – Há risco de morrer gente, porque o índio vai continuar firme na sua luta pela terra – informou Nailton Pataxó, 54 anos, presidente do Conselho de Caciques de 15 aldeias da região. Além do suposto incidente, as maiores críticas na conferência se voltaram contra o presidente Fernando Henrique Cardoso, que não estaria assumindo o compromissos

com os povos indígenas, como a demarcação de suas terras. Um grupo de caiovás, de Mato Grosso, trouxe uma faixa com a inscrição: “FHC, sua festa violenta a memória dos nossos antepassados”. O desconforto é tanto que dezenas de policiais militares permanecem de vigia em Coroa Vermelha. No local ainda está sendo montado um palanque para a missa em ação de graças que ocorre dia 26 de abril e deve reunir 200 mil pessoas. Os índios ameaçam destruir a Cruz Monumental, concebida pelo artista Mário Cravo Júnior, de metal cinza que cintila à luz do sol e tem 16 metros de altura. A nova cruz substitui a de madeira, retirada do local onde há 500 anos desembarcou a esquadra de Pedro Álvares Cabral.

Na matéria p) é apresentada a união de forças entre índios, sem-terra e estudantes para protestar contra as comemorações dos 500 Anos. O protesto não é mais só étnico; ele é mais amplo; volta-se contra a exclusão social daqueles que não têm seus direitos atendidos pelo governo. Os PMs ficam de vigia também em Coroa Vermelha. FHC é criticado pelos índios.

q) 19/04/00, Zero Hora, Reportagem Especial, p. 4

Índios e ONGs já roubaram a cena e prometem transformar a festa oficial dos 500 Anos num protesto monumental. – Não temos dúvida de que estaremos em Porto Seguro no dia 22, com 100 mil pessoas para celebrar cinco séculos de resistência – disse ontem, em Salvador, Maria de Lourdes Nunes, do Comitê Brasil Outros 500, movimento que sincroniza a ação de 35 entidades que representam de povos indígenas a sindicalistas e líderes comunitários de esquerda, passando por sem-terra e ambientalistas. A celebração de índios e ONGs já faz barulho suficiente para pôr em xeque a agenda do cerimonial. A programação definitiva de Fernando Henrique Cardoso ainda não foi divulgada. Sabe-se apenas que, no dia 22, ele e o presidente português, Jorge Sampaio, chegam a Porto Seguro por volta das 11h30min e devem seguir de ônibus até o centro histórico da cidade. Daí por diante, ninguém sabe de onde virá a música.

Na matéria q) as ONGs aparecem junto com os indígenas para protestar contra as comemorações dos 500 Anos. São 35 entidades que participam do movimento Brasil Outros 500. Face ao barulho dos manifestantes, a agenda de FHC não está confirmada.

r) 19/04/00, Zero Hora, Reportagem Especial, p. 6

Onze pessoas foram presas e pelo menos cinco ficaram feridas, a maioria levemente, durante protesto contra as comemorações dos 500 anos do Descobrimento, ontem de manhã (18/04), na praia do Náutico, em Fortaleza. A manifestação, que começou pacífica, degenerou para um quebra-quebra após confronto dos manifestantes com a Polícia Militar. No começo da noite, depois de prestar depoimento e pagar fiança, os detidos foram liberados. Cerca de cem pessoas participavam do ato distribuindo

panfletos aos moradores e passantes. O tumulto começou quando alguns participantes do protesto atearam fogo e começaram a jogar pedras no relógio comemorativo dos 500 anos de Descobrimento, da TV Globo. A PM foi chamada para evitar a depredação e, aí, teve início uma discussão que logo se transformou em conflito e pancadaria. Alguns estudantes foram presos. Para impedir a saída da viatura policial com os detidos, os manifestantes se sentaram no asfalto e fecharam a Avenida Beira-Mar. Mais confusão e mais gente presa. O estudante André Luiz Araújo Sabino, que chegou a ser detido, foi ferido na cabeça, teve um dente quebrado e sofreu escoriações. Após ser atendido no Instituto José Frota, foi liberado. A mãe do rapaz, Maria Francisca, disse que o filho levou vários pontos na cabeça e deveria voltar à noite para o hospital, por ter passado mal na 2ª DP. Outros manifestantes também foram atingidos por cassetetes, ferindo-se de forma leve. O soldado da PM Reginaldo apresentava ferimentos no braço. Dos 11 manifestantes detidos, sete foram liberados imediatamente e quatro acabaram indiciados por danos, desacato à autoridade e lesões corporais. Cada um pagou uma fiança de meio salário mínimo e foi liberado depois de prestar depoimento. Subtítulo: “Franciscanos pediram habeas para frei preso em Belém”. O presidente da Comissão de Direitos Humanos da Assembléia Legislativa do Ceará, deputado João Alfredo (PT), solicitou as fitas de vídeo e disse que vai pedir abertura de inquérito para que sejam apuradas as agressões contra os manifestantes. Segundo o deputado, teria havido excesso por parte dos policiais que reprimiram a manifestação. Entre as entidades que promoveram o protesto, que tinha como tema 500 Anos de Repressão, estavam a União das Comunidades da Grande Fortaleza, o Movimento dos Estudantes Revolucionários, o Comitê de Solidariedade às Comunidades Zapatistas e Movimento Anarquista. Em Belém, no Pará, a Ordem dos Franciscanos entrou com um pedido de habeas-corpus em favor do frei Francineto Alves Pinheiro. Ele foi preso na Segunda-feira (17/04), acusado de participar da invasão e da depredação do prédio da Secretaria de Defesa Social, durante manifestação organizada pelo Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra contra a impunidade de policiais militares acusados de matar 19 sem-terra em Eldorado dos Carajás. Os manifestantes entraram em confronto com a Polícia Militar. Outras três pessoas foram presas durante o conflito com a tropa de choque da Polícia Militar, que se espalhou para as ruas de Belém.

A matéria r) apresenta um protesto contra os 500 Anos no dia 18/04 em Fortaleza, com pessoas presas e feridas num confronto com a PM. A maior parte dos manifestantes eram estudantes que depredaram o relógio dos 500 Anos da Rede Globo. Entre as entidades que promoveram o protesto, que tinha como tema os 500 Anos de Repressão, estavam a União das Comunidades da Grande Fortaleza, o Movimento dos Estudantes Revolucionários, o Comitê de Solidariedade às Comunidades Zapatistas e Movimento Anarquista. Em Belém (PA) no dia 17/04, um frei é preso e acusado de participar da invasão e da depredação do prédio da Secretaria de Defesa Social, durante manifestação organizada pelo MST contra o massacre de sem-terra em Eldorado dos Carajás.

s) 19/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-10

Os cerca de 2000 índios reunidos em Santa Cruz Cabralia para a Conferência dos Povos Indígenas do Brasil podem se juntar ao MST (Movimento dos Trabalhadores

Rurais Sem-terra) para uma manifestação em Porto Seguro, no Sábado (22/04), contra as comemorações dos 500 anos do Descobrimento. A cidade será palco oficial das celebrações, que contarão com a presença de autoridades, entre elas, o presidente Fernando Henrique Cardoso. “Desde que o protesto seja pacífico, estamos abertos ao diálogo contra essas comemorações triunfalistas”, afirmou ontem (18/04) Orlando Melgueiro, um dos coordenadores da conferência, durante a abertura do encontro. “Os negros são excluídos, os sem-terra e os índios também. Nada mais justo do que nos unirmos”, completou. Segundo Melgueiro, uma comissão composta pelos sem-terra era esperada ainda ontem para discutir o assunto. Os integrantes do MST realizaram anteontem (17/04), em Porto Seguro, uma mobilização, que prometem repetir no Sábado (22/04) caso não sejam recebidos pelo ministro Raul Jungmann (Desenvolvimento Agrário) até Sexta-feira (21/04). Subtítulo: Documento. A conferência, que reúne representantes de cerca de 200 povos de todo o país, pretende debater os principais problemas enfrentados pelos índios e suas possíveis soluções. Entre as principais questões, destacam-se a demarcação e fiscalização de terras, o aumento dos recursos financeiros a essas populações e discussões sobre o estatuto das sociedades indígenas e sobre o fortalecimento da organização entre os diversos povos. Ao final do encontro será elaborado um documento – aprovado em assembléia – , que deverá ser entregue em audiência, ainda não confirmada, de acordo com Melgueiro, com FHC. A programação da visita ainda não foi divulgada.

Na matéria s) índios e sem-terra se organizam para um grande protesto no dia 22/04 em Porto Seguro. Aos índios e sem-terra, se unem os negros. O MST faz ameaças e aguarda ser recebido pelo ministro do Desenvolvimento Agrário. Os índios preparam um documento para entregar para FHC. A agenda de FH ainda não foi divulgada.

t) 19/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-10

Depois da negociação com representantes indígenas na semana passada, a principal preocupação do governo agora com os festejos dos 500 anos em Porto Seguro (BA) são as manifestações do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra. O ministro José Gregori (Justiça) fez essa avaliação ontem, durante reunião do CDDPH (Conselho de Defesa e Direitos da Pessoa Humana). Gregori apelou para que deputados petistas integrantes do conselho pedissem tranquilidade ao MST. Por questões de segurança, a agenda do presidente Fernando Henrique Cardoso em Porto Seguro, no dia 22, foi ainda mais reduzida. Haverá apenas um ato a céu aberto, numa área que será cercada – todos os demais acontecerão dentro de algum prédio. Ontem (18/04) o Palácio do Planalto decidiu cancelar a participação de FHC no espetáculo cênico “O dia em que o Brasil nasceu”, que acontecerá na área central de Porto Seguro, na noite do dia 22. A justificativa é que a estrutura montada para o espetáculo não oferece segurança adequada ao presidente.

Na matéria t) o governo se preocupa com o MST, pedindo aos deputados petistas tranquilidade ao MST. A agenda de FH é ainda mais reduzida, para oferecer segurança ao presidente.

u) 20/04/00, Folha de São Paulo, capa

O presidente Fernando Henrique Cardoso afirmou que “a festa dos 500 anos não deve ser um convite a um velório”. Foi referência aos protestos que estão sendo organizados em Porto Seguro (BA), no dia 22. FHC disse que irá à cidade e que “não há baderneiro capaz de enfrentar” sua autoridade. MST, CUT e outras entidades pretendem reunir 40 mil manifestantes no local para contestar a comemoração oficial. Na avaliação do Planalto, os grupos, em especial o MST, pretendem criar situações de violência. Por isso, FHC pediu à sua área de segurança que evite a ocorrência de confrontos durante os festejos. Sem conseguir reunião com Raul Jungmann (Desenvolvimento Agrário), o MST invadiu sede do Incra em Salvador, e pelo menos 2000 sem-terra prometem enfrentar a PM para ir a Porto Seguro.

Na matéria u) FH desafia os manifestantes contrários às comemorações oficiais. O Planalto prevê ações de violência pelo MST; isso na matéria do dia 20/04. FH não quer confrontos durante os festejos. Como o MST não conseguiu reunião com o ministro do Desenvolvimento Agrário, invade a sede do INCRA em Salvador e promete enfrentar a PM para ir a Porto Seguro. O clima é de insatisfação e confronto.

v) 20/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-10

FHC pediu à área de segurança do governo que evite, a todo custo, que ocorram confrontos sérios que possam levar algum sem-terra ou índio à morte durante os festejos dos 500 Anos do Descobrimento. Um assessor do presidente disse à Folha que o presidente teme que haja um cadáver e que ele seja transformado em mártir pelos setores contrários ao governo e que estão organizando protestos durante as comemorações. O porta-voz da Presidência, Georges Lamazière, afirmou que FHC “não aceita que grupos busquem se infiltrar em manifestações pacíficas de outros grupos, inclusive visando a perturbá-las e a criar situações de violência”. Na avaliação do Palácio do Planalto, os manifestantes – em especial o MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra) – estão trabalhando justamente com esse intuito. Esse possível cadáver serviria como bandeira contra o governo tanto internamente quanto no exterior, num momento em que o país tenta se livrar da pecha de desrespeitar os direitos humanos. Durante os festejos em Porto Seguro são esperados cerca de 350 jornalistas, boa parte vinda do exterior. Haverá transmissões das comemorações por emissoras de TV de Portugal, Áustria e Chile, além da CNN norte-americana. Lamazière disse que, “na verdade, a questão do MST é outra” e definiu, na visão do governo, como são as ações do grupo: “É um movimento que está se desviando da legalidade democrática, que esqueceu sua motivação principal – que era a reforma agrária –, e que passou a ser um grupo de protestos organizados”. O ministro-chefe do Gabinete de Segurança Institucional, general Alberto Cardoso, disse pela manhã que a segurança de FHC em Porto Seguro “preocupa a todos os brasileiros” e que o MST “está fazendo o que sempre fez”. Segundo o porta-voz, o presidente também disse apoiar a decisão do ministro de Desenvolvimento Agrário, Raul Jungmann, de não receber o MST para conversar. “O movimento não foi recebido ontem porque não cumpriu sua parte no acordo”. Subtítulo: “Pedido a partidos”. FHC pediu, segundo o porta-voz, “que os partidos

democráticos, sejam da base do governo ou de oposição, repilam as manifestações violentas que ferem as regras de convivência democrática e o respeito devido ao direito de cada segmento da sociedade de se manifestar pacificamente”. O presidente respondeu ainda a uma correspondência que recebeu de parlamentares de oposição, liderados pela senadora Marina Silva (PT-AC). Na carta, os parlamentares pediam que o governo respeite as manifestações públicas durante os festejos. “A propósito, o presidente reitera que sempre foi a favor das manifestações pacíficas, mas que não se deve ultrapassar o limite que separa a democracia da baderna.

Na matéria v) FH quer que a segurança das comemorações evitem causar a morte de manifestantes. 350 jornalistas vão participar do evento, muitos dos quais vêm do exterior. Vão ser feitas transmissões pela TV também para o exterior. O governo admite que o MST é um movimento organizado. FH pede ao partidos que evitem a violência e que as manifestações sejam pacíficas e sem baderna.

w) 20/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-10

O movimento Brasil, Outros 500 pretende reunir 40 mil manifestantes em Porto Seguro no próximo dia 22 para protestar contra as comemorações oficiais dos 500 anos de Descobrimento do Brasil. A manifestação deve reunir MST, CUT, Conen (Coordenação Nacional de Entidades Negras), estudantes brasileiros e estrangeiros e parte de cerca de 2000 índios reunidos na Conferência Indígena de Coroa Vermelha. O desafio é conseguir chegar a Porto Seguro. Os cerca de 50 ônibus de manifestantes que devem sair às 21h de hoje (20/04) de Salvador e os outros 50 oriundos de todo o Brasil devem enfrentar barreiras policiais instaladas pelo governo do Estado na BR-101 e na BR-367, principais rodovias de acesso ao palco das comemorações. Cerca de 5000 policiais estão envolvidos na operação, de acordo com a PM do Estado. “Não permitiremos a passagem de qualquer manifestação que perturbe a ordem pública em Porto Seguro no dia 22”, afirmou o chefe da Casa Militar do governo baiano, Christóvão Rios. Para se livrar da ameaça de bloqueio, o comitê organizador da manifestação ingressou ontem na Justiça com um pedido de habeas corpus preventivo. “Queremos ver respeitado nosso direito de ir e vir, a nossa liberdade de expressão e de pensamento”, disse o geólogo Gilberto leal, um dos coordenadores do “Brasil, Outros 500”. O MST decidiu radicalizar as ações na Bahia, depois de frustrada a tentativa de audiência com o ministro Raul Jungmann (Desenvolvimento Agrário), em Brasília. Cerca de 150 sem-terra decidiram continuar na sede do Incra em Salvador, que foi invadida há três dias. Eles ameaçam incendiar o prédio caso a polícia tente retirá-los de lá. Já em Eunápolis (sul do Estado), pelo menos 2000 sem-terra prometem enfrentar as barreiras da PM para chegar a Porto Seguro. “Já que não conseguimos falar com o filhote, falaremos pessoalmente com o pai, em Porto Seguro”, disse Gilberto Portes, da coordenação nacional do MST, referindo-se a Jungmann e FHC. “Tudo o que acontecer daqui para a frente na Bahia é de responsabilidade do ministro Jungmann, que nos fez vir até Brasília e não nos atendeu”, afirmou o coordenador regional do MST na Bahia, Valmir Assunção. O governador César Borges (PFL) disse que “tudo será feito para manter a ordem no local” e, que, por isso, as barreiras serão mantidas. Subtítulo: “Impasse”. As lideranças do MST argumentam que cederam o que puderam para conseguir a audiência com o ministro. Eles libertaram anteontem (18/04) quatro funcionários do Incra que mantinham como reféns na sede do Incra. Ontem de manhã (19/04), contudo, eles não deixaram o prédio, que foi a condição imposta por

Jungmann para a audiência. Os sem-terra se limitaram a sair de dentro da sede e ficar no pátio.

Na matéria w) o Movimento Brasil Outros 500 se apresenta como protagonista principal dos protestos contra as comemorações pelos 500 Anos. Já existem barreiras policiais impedindo a entrada de manifestantes em Porto Seguro. O Comitê entrou na Justiça com um *habeas corpus* preventivo para se manifestar no dia 22. O MST continua na sede do INCRA em Salvador e, como o ministro do Desenvolvimento Agrário não quis recebê-los, vão tentar um encontro com FH em Porto Seguro.

x) 20/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-10

Terminou em confronto com a Polícia Militar um protesto organizado ontem à tarde (19/04) por 300 estudantes em frente ao relógio dos 500 anos, instalada pela Rede Globo na divisa das praias de Copacabana e Leme (zona sul). Segundo a PM, um manifestante foi detido, e outro teria sido ferido na cabeça. Um policial também foi atingido por uma cadeirada. O protesto era organizado por estudantes de várias universidades públicas e particulares do Rio. Os estudantes quebraram o vidro do relógio a pedradas e jogaram tinta no monumento. Os manifestantes tentavam tomar parte da pista da avenida Atlântica gritando palavras de ordem, quando cerca de 50 PMs avançaram contra eles usando cassetetes para dispersá-los. Muitos foram agredidos e agarrados pelos policiais. A reação contra a PM veio a cadeiradas. O Batalhão de Choque chegou a usar bomba de gás lacrimogêneo contra o grupo. Quando a tropa de choque ia lançar a segunda bomba, o comandante do 19º BPM (Batalhão da Polícia Militar), Fernando Belo, impediu. O coronel Belo disse que um manifestante desacatou um policial.

A matéria x) apresenta um confronto entre estudantes e a PM no Rio de Janeiro no dia 19/04 contra as comemorações dos 500 Anos. A PM dispersou os estudantes a cassetadas; a reação dos estudantes cadeiradas. A Polícia de Choque concluiu a manifestação com gás lacrimogêneo. O clima foi de agressões no centro do Rio de Janeiro.

y) 21/04/00, Zero Hora, Geral, p. 29

O risco de manifestações contrárias às comemorações dos 500 anos do Descobrimento colocou o governo federal em alerta. Desde ontem (20/04), uma equipe de dez agentes de segurança do presidente Fernando Henrique Cardoso está na região. A preocupação maior é com a participação do presidente na inauguração das obras realizadas em Coroa Vermelha, entre Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, onde milhares de indígenas de 200 etnias realizam uma conferência. A presença do presidente nesse local havia sido cancelada por dificuldades de deslocamento, já que o acesso a Coroa Vermelha é feita por uma única rodovia, a BR-367. FHC,

porém, voltou atrás e deverá permanecer no local por 15 minutos, antes de se dirigir ao centro histórico de Porto Seguro. Seu deslocamento a Coroa Vermelha será feito de helicóptero. Uma pista de pouso à beira-mar começou ontem mesmo a ser construída, nas imediações das habitações dos índios pataxós. Uma cerca protege a área, onde foi feita uma simulação do desembarque do presidente em dois helicópteros, deixando o local apinhado de turistas. A simulação mostrou falhas na segurança. Durante a aterrissagem, o vento provocado pelas aeronaves destelhou casas e derrubou a cerca de proteção. Subtítulo: Índios vão erguer escultura ao lado da cruz de metal. A assessoria do ministro do Esporte e Turismo, Rafael Grecca, informou que o governo selou a paz com os índios da região. As maiores queixas dizem respeito à demarcação de terras. O cacique Carajá, líder dos Pataxós, teria concordado com a proposta do governo de construir um monumento representando a resistência indígena na Praça do Descobrimento, ao lado da cruz de metal criada pelo artista Mário Cravo Júnior. A nova peça vai substituir o monumento destruído pela Polícia Militar da Bahia, no último dia 4, gesto que revoltou os pataxós. Será uma escultura de um índio de madeira, que está sendo feita pelo pataxó Crispim Calango.

Na matéria y) a segurança de FH é reforçada face às manifestações contrárias às comemorações do dia 22/04. A agenda de FH oscila na programação. O governo tenta reverter o mal-entendido com os índios, com a destruição de sua estátua no início do mês, permitindo a construção de outro monumento.

z) 21/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-8

A um dia das comemorações oficiais dos 500 anos do Brasil, partidos de oposição, sindicalistas e líderes de movimentos negros, indígenas e sem-terra, esperam reunir 10 mil pessoas no centro de Porto Seguro (BA) em um protesto contra o governo. Ontem (20/04), no início da noite, já estavam em Porto Seguro 2000 índios, vindos de uma conferência paralela ao protesto, além de cerca de 300 manifestantes que chegaram de ônibus à cidade. As articulações para o protesto começaram a ser feitas na semana passada por líderes indígenas e do MST (Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra). “Vamos colocar o povo nas ruas de Porto Seguro para cobrar do presidente mais atenção para os excluídos”, disse Walmir Assunção, líder do MST na Bahia. Ontem à tarde, cerca de 2000 sem-terra acampados em Eunápolis desde Terça-feira (18/04) decidiram marchar para Porto Seguro (705 km ao sul de Salvador) amanhã (22/04). Para não protestar contra FHC, o MST impôs ontem uma condição. “Nós queremos uma audiência com o presidente em Porto Seguro, Brasília ou qualquer outro lugar”, disse Lúcia Barbosa, também da direção do MST baiano. A decisão de manter a exigência de um encontro com o presidente da República foi tomada depois que o ministro Raul Jungmann (Reforma Agrária) não recebeu em audiência dirigentes do MST. Para receber os sem-terra, o ministro exige a desocupação da sede do Incra (Instituto Nacional de Reforma Agrária), em Salvador (BA). “Nós temos que aproveitar este momento. Depois de Sábado (22/04), o presidente Fernando Henrique e seus ministros vão esquecer os negros, os sem-terra e os índios”, disse Barbosa. No final da tarde de ontem (20/04), os sem-terra demonstraram estar dispostos para o protesto. Eles interditaram por 20 minutos a BR-367, que faz a ligação entre Eunápolis e Porto Seguro. Subtítulo: “Índios”. Ontem (20/04) pela manhã, os índios que estão participando de uma conferência em Santa Cruz Cabralia, (a 16 km de Porto Seguro) também decidiram participar do protesto contra FHC. “Nós vamos às ruas protestar contra este governo que não respeita os direitos dos índios”, disse o líder indígena Nailton Pataxó. Mesmo sem

estar presente em Porto Seguro, FHC foi vaiado pelos índios na manhã de ontem. A vaia aconteceu depois que os organizadores da conferência informaram que os índios vão entregar um documento reivindicativo ao presidente. Além dos índios e sem-terra, os coordenadores da manifestação também esperam reunir no ato contra FHC outras 6000 pessoas, entre desempregados, bancários e outros sindicalistas. De Salvador, partiram ontem para Porto Seguro 50 ônibus, com cerca de 2000 manifestantes. Mais de 60 ônibus, de oito Estados brasileiros, também são esperados amanhã em Porto Seguro. Até ontem à tarde, o local do protesto contra o governo de Fernando Henrique Cardoso ainda não havia sido definido. “Nós estamos aguardando a divulgação da agenda de FHC em Porto Seguro para definir o local”, disse Walmir Assunção. Os organizadores esperam contar ainda no protesto com a participação de moradores de Porto Seguro (cidade com 60 mil habitantes) e dos índios que moram nas imediações (cerca de 1500).

Na matéria z) partidos de oposição, sindicalistas e líderes de movimentos negros, indígenas e sem-terra organizam um grande protesto contra o governo. O MST aguarda uma reunião com FHC já que o ministro do Desenvolvimento Agrário não quis recebê-los e exigia a desocupação do Incra em Salvador. No dia 20 os sem-terra interditaram a BR-367, que dá acesso a Porto Seguro. Os índios também vão protestar contra FH. Ônibus, oriundos de várias cidades, com manifestantes estão se dirigindo a Porto Seguro para realizar um grande protesto. Os manifestantes aguardam que moradores de Porto Seguro também participem dos protestos.

a1) Folha de São Paulo, 21/04/00, Brasil 1-8

O dirigente do MST José Rainha Júnior disse ontem que o presidente Fernando Henrique Cardoso assumiu “papel de ditador”, ao tentar impedir os protestos programados para Porto Seguro na comemoração dos 500 anos. O presidente disse anteontem (19/04) que “a festa dos 500 anos não deve ser um convite a um velório” e que “não há baderneiro capaz de enfrentar” sua autoridade. As declarações foram uma alusão aos protestos que MST, CUT e outras entidades prometem realizar. Segundo Rainha, “velório ele patrocinou, esse governo, em vários lugares: temos aí Eldorado dos Carajás, Corumbiara. É a violência patrocinada por esse plano (Real) suicida”. Para o líder do MST, “não existe velório maior que esse plano econômico suicida, que está botando milhares de pessoas na extrema miséria”. Rainha disse que “não permitir que o povo proteste nos 500 anos de exploração é uma vergonha”. “O Fernando Henrique não tem mais o que dizer à sociedade, porque está assumindo papel de ditador”. Segundo ele, as manifestações programadas vão acontecer de qualquer maneira: “Temos direito de protestar.

Na matéria a1) José Rainha (MST) critica a ironia de FH quanto aos protestos a serem realizados no dia 22 e o chama de ditador. Para Rainha, os protestos são um direito do povo.

b1) 21/04/2000, Correio do Povo, capa

A segurança dos presidentes Fernando Henrique Cardoso e Jorge Sampaio, de Portugal vai mobilizar 5 mil homens da polícia militar e mil do exército. Do lado do movimento Brasil Outros 500 – que reúne índios, sem-terra, sindicalistas e estudantes e representantes de organizações internacionais e de movimentos sociais - a expectativa é reunir 10 mil manifestantes na cidade em protesto contra a celebração oficial. Segundo informações de assessores do Palácio do Planalto, serão usados todos os meios necessários para evitar que os manifestantes se aproximem dos presidentes e suas comitivas. A segurança é a maior preocupação dos organizadores da festa, que temem possíveis conflitos. A Marinha montou a Operação 500 Anos, com dois navios-patrolha, duas corvetas, uma lancha de balizamentos e uma fragata. (...) Colonos e índios programaram dois atos para o Sábado (22/04). Na Praia de Coroa Vermelha, os indígenas realizam sua manifestação pela manhã. À tarde eles se reúnem com os sem-terra para protestar em Porto Seguro. O desafio para os grupos será chegar à cidade, atravessando as barreiras de policiais militares e civis que já estão nos arredores.

Na matéria b1) do dia 21/04 se prevê uma grande mobilização da polícia militar e do exército (5 mil policiais) onde vão utilizar todos os meios para evitar que os manifestantes se aproximem dos presidentes. Os atos de protesto dos índios e sem-terra já são previstos. As barreiras policiais foram montadas ao redor de Porto Seguro.

c1) 22/04/00, Correio do Povo, capa

A cidade de Porto Seguro, onde hoje (22/04) serão celebrados os 500 anos do Descobrimento do Brasil, se converteu em uma fortaleza, na qual índios, agricultores sem-terra, negros e outros integrantes de movimentos sociais que prometem uma grande manifestação de protesto terão dificuldade para entrar. Cerca de 6 mil soldados do Exército, da Marinha e da PM baiana controlavam as estradas da cidade ontem (21/04), por terra, ar e mar, na grande operação montada com helicópteros e navios. À noite, os engarrafamentos nas estradas que levam às praias da região chegaram a vários quilômetros. Os organizadores do evento oficial temem que os atos de protesto possam terminar em violência, e o governador da Bahia, César Borges, afirmou que o Estado está preparado para qualquer eventualidade que possa constranger as autoridades nacionais e estrangeiras presentes às festividades. (...) O presidente do PT, José Dirceu, disse que (...) “por nossa parte não haverá enfrentamento.

Na matéria c1) do dia 22/04, o registro do número de policiais aumentou de 5 para 6 mil. A cidade de Porto Seguro está cercada por todos os lados. Os engarrafamentos nas estradas são quilométricos. Os organizadores temem a possibilidade de violência. Da parte do governo do estado da Bahia, estão preparados para qualquer coisa. Da parte do PT, não existe a previsão de enfrentamento. Isto é, de parte do governo da Bahia vão fazer o que for necessário para a segurança dos presidentes.

d1) 22/04/2000, Correio do Povo, capa

O presidente FHC criticou duramente a ação do MST, da Central Única dos Trabalhadores (CUT) e do PSTU, que deverão liderar os protestos contra o governo em Porto Seguro. (...) O que mais preocupou o presidente foi a recente invasão da Secretaria de Segurança do Pará, durante a manifestação do MST. (...) Ele acusou o movimento de ter passado dos limites ao insistir em tumultuar a festa.

Na matéria d1) há instauração de outras discursividades, destacando-se a questão retórica: FHC critica o MST, PSTU e CUT por liderarem protestos em Porto Seguro e pelo MST ter invadido, na semana anterior, a Secretaria de Segurança do Pará. FHC está criticando os líderes do protesto às comemorações dos 500 anos.

e1) 22/04/00, Zero Hora. p. 6

A programação do presidente foi abreviada para driblar as manifestações de protesto organizadas por índios e sem-terra contra os festejos dos 500 anos do Brasil. Fernando Henrique Cardoso desembarca no Sul da Bahia, iniciando os festejos oficiais dos 500 Anos do Descobrimento do Brasil numa região vigiada por 6 mil policiais – mil do Exército e 5 mil da PM baiana. Apesar da operação de segurança, auxiliares do presidente estão apreensivos com a possibilidade de conflito em Coroa Vermelha entre Porto Seguro e Santa Cruz Cabrália, onde 3 mil índios estarão mobilizados para começar uma marcha de protesto. (...)A presença de Fernando Henrique em Coroa Vermelha chegou a ser cogitada na Quinta-feira (20/04). À noite, o general (Alberto Cardoso, chefe da Segurança Institucional) disse que ida do presidente a Coroa Vermelha estava descartada. Ontem (21/04), os indígenas terminaram uma conferência que reuniu cerca de 200 etnias. Um documento com 20 exigências, entre elas a demarcação das terras, foi concluído, mas os índios se recusam a entregá-la ao presidente. A outra preocupação dos agentes de segurança do presidente é com a mobilização de 4 mil sem-terra. Para evitar o deslocamento dos sem-terra, foram colocadas seis barreiras, com policiais armados com fuzis, na BR 367, rodovia que liga as duas cidades. Qualquer ônibus que trafegue pela estrada é revistado(...) Mesmo assim, moradores e turistas não poderão se aproximar da comitiva oficial.

A matéria e1) registra que FH está envolto em um super aparato de segurança e fugindo dos manifestantes. O tempo de permanência na festa foi reduzido por questões de segurança. Os indígenas produziram um documento com várias reivindicações e se recusam a apresentá-lo a FHC. Os meios de transporte que trafegam pela estrada estão sendo revistados. Na BR-367 os policiais estão armados com fuzis. Observa-se a presença de policiais armados. A matéria apresenta ações e cenários de conflito.

f1) 22/04/00, Zero Hora, p. 12

Mais de 2 mil representantes das organizações de defesa dos negros brasileiros chegaram ontem (21/04) a Porto Seguro. Um grupo de negros construiu uma paliçada de quilombo nos arredores de Porto Seguro, onde 300 pessoas estavam acampadas há uma semana. Entre as reivindicações do movimento negro, está o reconhecimento das terras brasileiras, onde existem quilombos, ocupados por descendentes de escravos. No Brasil, existem mais de 3 mil pequenos quilombos, que mantêm praticamente o mesmo sistema de vida de há 300 anos.

A matéria f1) apresenta o cenário de conflitos a vista e apresenta os negros se organizando em volta de Porto Seguro; eles querem reconhecimento de suas terras, isto é, os quilombos ocupados por descendentes de escravos.

g1) 22/04/00, Zero Hora, p.12

Os 4 mil índios das diversas tribos que participaram da Conferência das Nações e Organizações Indígenas, concluída ontem (21/04) em Coroa Vermelha, pretendem divulgar em praça pública um documento com críticas à situação do país e reivindicações. Entre as principais exigências estão a demarcação imediata de terras e desocupação de áreas invadidas por garimpeiros, grileiros, fazendeiros de todas as reservas indígenas. Os índios também pedem tratamento especial em saúde e educação. Eles estão irritados com o projeto do governo sobre o Estatuto do Índio, em tramitação no Congresso .

A matéria g1) registra o esforço dos índios em explicar a finalidade e a visibilidade dos seus movimentos. Os indígenas realizaram uma conferência na reserva indígena de Coroa Vermelha; produziram um documento e pretendem torná-lo público. Neste documento estão várias reivindicações, entre as quais a demarcação de terras e a desocupação de terras ocupadas por grileiros, fazendeiros e garimpeiros. Eles requerem também saúde e educação. Outro ponto a ser discutido é o Estatuto do Índio. As terras são dos indígenas e foram ocupadas por grileiros, fazendeiros e garimpeiros. Os indígenas precisam se reunir, se organizar e protestar por algo que, de direito, há muito tempo, uns 500 anos, é deles. Ainda precisam mendigar saúde e educação. Mas são ou não cidadãos brasileiros? A Constituição não garante saúde e educação? Tem que protestar, fazer escândalo para conseguir algo que faz parte da dignidade humana.

h1) 22/04/2000, Folha de São Paulo, p. Brasil 1-5

FHC dá entrevista na Ilha de Comandatuba: “Elas (as manifestações) são livres. (...) Eu pelo menos acho muito bom que haja todo tipo de manifestação, de protestos,

também dos excluídos, desde que sejam civilizadas. (...)Violência: “Não diria que parecem atos de guerrilha. Mas em que lugar do mundo já se viu que os manifestantes invadem uma Secretaria da Segurança, como aconteceu no Pará? A vida inteira, quando há violência, é o contrário. É na secretaria que se faz a violência, batem nas pessoas, que no passado torturavam. Agora é o oposto? Essa gente tem mentalidade fascista?”

Na matéria h1) FH conceitua a forma de manifestação; ele quer protesto civilizado. FH quer regular o protesto tornando-o civilizado. A violência é justificada se partir dos meios oficiais, isto é, do próprio aparelho repressor instituído. Quem se utilizar de um meio oficial é fascista.

i1) 22/04/00, Folha de São Paulo, p. Brasil 1-5

Nem MST nem índios nem qualquer outro grupo de manifestantes pode ameaçar o presidente FHC durante o tempo que ele estiver em Porto Seguro. Essa foi a meta fixada ontem (21/04) pela segurança presidencial para as comemorações de hoje (22/04), contando que o governo da Bahia bloqueie a chegada dos sem-terra a Porto Seguro. A presidência conta com a ação da PM baiana para barrar os sem-terra e evitar ter que barrar os turistas e a população em geral e isolar toda a área histórica de Porto Seguro. A Folha apurou que se for preciso isso será feito. (...) Anteontem (20/04) também chegaram aproximadamente 150 integrantes de movimentos negros para acampar. Somando-se isso ao fato dos sem-terra estarem em Porto Seguro e terem afirmado que forçarão um encontro com o presidente, a segurança decidiu não facilitar.

A matéria i1) enfatiza a questão de estratégia de segurança oficial e revela ações: ninguém vai poder se aproximar do presidente em Porto Seguro. Ele estará “intocável”. O governo da Bahia vai bloquear a chegada dos sem-terra e, se for necessário, vai barrar os turistas e a população em geral. O medo da segurança recai sobre os negros (150) que acamparam e os sem-terra que querem forçar um encontro com o presidente. Como é que vão forçar um encontro com o presidente com toda essa segurança?...

j1) 22/04/00, Folha de São Paulo, p. 1-6 Brasil

A coordenação do movimento Brasil Outros 500 – contrária à celebração oficial do Descobrimento – decidiu enfrentar o presidente Fernando Henrique Cardoso e já admite a possibilidade de confronto hoje (22/04) em Porto Seguro. “Não temos medo da polícia nem do governo de FHC. Vamos descer para Porto Seguro custe o que custar”, declarou Valmir Assunção, líder do MST na Bahia e integrante da direção nacional do movimento. O presidente nacional do PT, José Dirceu, confirmou a possibilidade. Em Salvador, o governador César Borges afirmou que

vai proibir a entrada dos sem-terra na cidade. Estimulados pelas lideranças, os 2500 sem-terra acampados em Eunápolis (62 km de Porto Seguro) usaram foices, pedras e paus para reagir à presença do Batalhão de Choque da PM. Com a saída dos militares, não houve conflito. Ontem a PM intensificou a vigilância sob as estradas. Somente nos 62 quilômetros que ligam Eunápolis a Porto Seguro existem seis barreiras. Além de detetores de metais, oficiais segurando fuzis revistaram ônibus e carros. Segundo os manifestantes, pelo menos três ônibus foram apreendidos, juntamente com faixas e panfletos. Elias Neto, da direção estadual do MST e um dos coordenadores da marcha, disse que foram apreendidas ferramentas, facas de cozinha e bandeiras do MST. Apesar das declarações de líderes contra o confronto, integrantes da marcha “Brasil Outros 500” falam abertamente na possibilidade de usar coquetéis molotov, arcos, flechas e até estilingues. Formado também por índios, negros, estudantes, sindicalistas, partidos políticos de oposição e agentes da pastoral negra da Igreja Católica, o movimento espera reunir hoje (22/04) na praça da Pitangueira (entrada de Porto Seguro) entre 7.000 a 10 mil pessoas para protestar contra o governo. (...) os sem-terra decidiram que vão se dirigir à Porto Seguro às 7h de hoje (22/04), em ônibus, caminhões e carros de passeio. Os demais caminharão de Coroa Vermelha (Santa Cruz Cabrália) até o ponto de encontro. A estratégia é que o grupo esteja unido às 16h, 40 minutos antes de o presidente FHC chegar para uma visita à cidade histórica. O cerimonial da Presidência confirmou ontem (21/04) o encontro de FHC com representantes de índios para uma conferência. (...) os índios decidiram em plenária não ir ao encontro. “Sempre fomos esquecidos pelo governo, por que só agora ele quer nos receber?”

Na matéria j1), os jornais parecem estar de fato no cenário dos confrontos. Ainda a ante-sala das ações: o movimento Brasil Outros 500 decide enfrentar FHC. Os sem-terra querem entrar em Porto Seguro de qualquer jeito, e o governo do Bahia não quer permitir a entrada dos sem-terra em Porto Seguro. A estrada que liga Eunápolis a Porto Seguro possui seis barreiras de policiais, detetores de metais e policiais armados fazendo revista nos transportes. *Brasil Outros 500* é um movimento bem eclético. É composto por índios, negros, estudantes, sindicalistas, partidos políticos de oposição e agentes da pastoral negra da Igreja Católica. Todos são contrários às comemorações dos 500 anos. O movimento pretende reunir de sete a dez mil manifestantes em Porto Seguro. O número é maior do que o de policiais destacados para fazer a segurança do presidente. O confronto é inevitável. A tensão vai aumentando até chegar no clímax do 2º Ato.

6.1.5 2º Ato: O Dia D

O 2º Ato apresenta o protesto feito pelos manifestantes e toda a repressão desencadeada pelo aparato militar. Moradores são impedidos de entrar em Porto Seguro; ocorrem grandes congestionamentos e revista em todos os meios de transporte. Parte da agenda presidencial referente às comemorações dos 500 anos é cancelada. Bombas de gás

lacrimogêneo e balas de borracha ferem centenas de pessoas. É o clímax da estrutura dramática, com pancadaria disseminada. O 2º ato é melhor visualizado na análise dos telejornais. Entretanto aqui já é possível compreender as cenas mostradas nos telejornais.

a) 23/04/00. Correio do Povo, capa

Os protestos que ameaçavam a segurança nas comemorações dos 500 anos do Descobrimento do Brasil levaram o governo a mudar a agenda do Presidente Fernando Henrique Cardoso, cancelando a inauguração da Cruz Latina de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia. O presidente decidiu não participar da solenidade porque o evento ocorreria perto do acampamento onde índios e outros manifestantes estavam reunidos. (...) os ativistas, deram muito trabalho à Polícia Militar baiana e ao Exército. Os PMs fecharam as entradas de Porto Seguro, provocando intensos congestionamentos, todos os veículos que se aproximavam da cidade eram revistados minuciosamente. (...) Os militantes (MST), apesar do forte aparato policial, tentavam de todas as formas chegar ao centro dos festejos dos 500 anos. Mais de 30 pessoas foram detidas nas proximidades de Porto Seguro. (...) na vila indígena de Coroa Vermelha, onde houve um conflito envolvendo índios pataxós e manifestantes, resultando em um ferido e seis presos. No final da manhã, novo confronto motivou outras 141 prisões e deixou vários feridos. Helicópteros do Exército sobrevoavam Santa Cruz Cabralia, aumentando ainda mais o clima de tensão no local.

Na matéria a) temos registros dos desencadeamentos em si: a segurança mudou a agenda de FH por medo dos índios e outros manifestantes. Tem-se estradas fechadas e congestionamentos; quem se aproximava da cidade era revistado. No total, há 170 pessoas detidas e vários feridos até o final da manhã do dia 22. Helicópteros sobrevoam a região.

b) 23/04/00. Correio do Povo, capa

O presidente Fernando Henrique Cardoso anunciou neste sábado (22/04), em Porto Seguro, em discurso comemorativo dos 500 anos do Descobrimento, que o governo vai continuar demarcando as terras indígenas e que está disposto a atender o pleito dos índios para aumentar as áreas já demarcadas no país, hoje calculadas em 11% do território nacional. FHC atribuiu os protestos de índios e militantes do MST contra o seu governo, na festa do Descobrimento, “aos ecos do passado escravagista, oligárquico e patriarcal, que até hoje pesam sobre a sociedade brasileira e fazem dela uma das mais injustas do mundo. O pronunciamento foi feito diante do presidente de Portugal, Jorge Sampaio, e de mais 300 convidados, no hotel Vela Branca, no centro histórico da cidade.

Na matéria b) o mundo oficial tenta dar direção aos fatos: em discurso oficial, frente ao colega europeu, FH promete mais terra aos índios. FH atribui os protestos ao passado e se isenta de qualquer responsabilidade pelo que está acontecendo.

c) 23/04/00, Zero Hora. p. 41.

O presidente Fernando Henrique Cardoso cancelou as solenidades programadas para Coroa Vermelha, local onde foi rezada a primeira missa no Brasil, devido à tensão entre as forças de segurança e os 3 mil índios concentrados na área. (...) houve princípios de tumulto entre grupos de manifestantes e policiais militares, resultando em um índio ferido. (...) barreiras montadas ao longo da BR-367, impedem a passagem de ônibus. Nem mesmo aqueles que transportam turistas puderam passar. Todos os veículos são revistados, o que provoca enormes congestionamentos. Os cerca de 2,5 mil integrantes do Movimento dos Trabalhadores Rurais Sem-terra (MST) concentrados em Eunápolis, que pretendiam chegar a Porto Seguro pela manhã em 30 ônibus, estão entre os que ficaram retidos na única via de ligação entre as duas cidades.

Na matéria c), registram-se os fatos primeiros das ações: FH cancelou a programação face à tensão entre os índios e os policiais. Ninguém chegou perto de FH. Ele saiu discretamente, cancelando a programação. Barreiras montadas na BR-367 impediam a passagem de veículos, que eram revistados provocando congestionamentos. Os sem-terra também foram retidos pelo cordão de policiais.

d) 23/04/00, Folha de São Paulo, p. Brasil 1-4

As comemorações dos 500 anos do Brasil foram marcadas por confrontos entre policiais e manifestantes na BR-367, que liga Porto Seguro a Santa Cruz Cabrália (BA) e terminaram com 141 pessoas detidas. (...) 30 pessoas ficaram levemente feridas e havia o relato do desaparecimento de um integrante do movimento negro. A maioria dos presos era de estudantes de Minas Gerais e Espírito Santo. (...) as prisões foram feitas sob a acusação de alteração da ordem pública e que a operação foi feita com a “aquiescência e o conhecimento” do general Alberto Cardoso (Segurança Institucional). Duas manifestações foram reprimidas pela PM baiana durante a manhã na BR-367. (...) cerca de mil manifestantes do movimento “Brasil Outros 500”, em sua maioria estudantes, foram impedidos de prosseguir em uma passeata em direção a Porto Seguro por cerca de mil policiais militares, a cerca de 10 km da cidade. A polícia reprimiu a marcha com bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. (...) houve um segundo conflito na mesma rodovia, envolvendo cerca de 4.000 manifestantes (índios, sindicalistas, ativistas do movimento negro e membros de partidos de oposição). Eles conseguiram andar 8 quilômetros, (...) foram barrados por 300 homens da tropa de choque da PM e atacados com bombas de gás lacrimogêneo. A PM avançou sobre os índios, que fugiram na direção de Santa Cruz Cabrália. Alguns reagiram, disparando flechadas e jogando pedras. A polícia perseguiu os manifestantes por cerca de um quilômetro, soltando bombas, até dispersar totalmente o protesto. Gildo Terena, 18, da tribo terena de Campo Novo

(MT), ficou em frente à barreira policial pedindo para que parassem de jogar bombas e foi agredido por policiais. O índio teve traumatismo no maxilar direito, segundo o médico José Caires, do Sindicato dos Médicos da Bahia. (...) A ação policial também restringiu o trabalho da imprensa, que foi impedida de circular livremente no momento posterior aos conflitos. (...) o repórter fotográfico da Folha Lula Marques foi agredido e preso pelo tenente César Ricardo.

Na matéria d) se faz um balanço e se apresentam as comemorações dos 500 anos marcadas pelos enfrentamentos entre policiais e manifestantes. Trinta feridos, desaparecimento de um negro, 141 detidos, na maioria estudantes de MG e ES. A PM baiana reprimiu manifestação do movimento Brasil Outros 500 na BR-367. São mil manifestantes e mil policiais. Em outras palavras, um por um, com a diferença que os policiais reprimiram a marcha com bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Houve um segundo conflito na mesma rodovia: quatro mil manifestantes barrados por 300 homens da Polícia de Choque (Pchoque), usando bombas de gás lacrimogêneo. A PM avançou, e os índios fugiram para a reserva indígena de Coroa Vermelha. A polícia perseguiu os manifestantes com bombas de gás. Um índio ficou à frente dos policiais tentando impedi-los de reprimir o protesto e foi agredido. Após os conflitos, até a imprensa ficou impedida de trabalhar, tendo sido um repórter da Folha agredido e preso. Faz parte da repressão evitar que outros saibam o que os policiais fizeram em termos de violência para evitar os protestos dos manifestantes.

e) 23/04/00, Folha de São Paulo, p. Brasil 1-5

Mais de 5.000 policiais civis e militares isolaram completamente Porto Seguro (BA), (...) para impedir que sindicalistas, integrantes do MST e de partidos de oposição chegassem à cidade e fizessem um protesto contra a festa oficial dos 500 anos. Os acessos bloqueados (...) nenhum veículo entrou na cidade, salvo os da PM e os veículos credenciados. (...) mais de cem ônibus (...) estavam retidos na BR-367, que liga Eunápolis a Porto Seguro (BA). O cerco policial impediu até os próprios moradores da região de entrarem no município. (...) Seis barreiras policiais foram distribuídas pelos 62 quilômetros da BR-367, que liga Eunápolis a Porto Seguro. Na operação foram envolvidos 3.000 soldados. Quando o tempo melhorou, cerca de 3.000 pessoas se reuniram no quilômetro 4 da rodovia (onde estava a segunda barreira montada pela PM) e fizeram um protesto de 40 minutos. À tarde, os manifestantes fizeram um protesto na BR-101, em Eunápolis, queimando pneus e marchando pelo centro da cidade. (...) Apesar da vigilância, cerca de 600 sem-terra, segundo a coordenação estadual do MST, conseguiram chegar a Porto Seguro anteontem (21/04).

Na matéria e) registra-se a seqüência do balanço das ações: Porto Seguro virou uma verdadeira fortaleza: cinco mil policiais impedindo a entrada de manifestantes. Ônibus retidos

na estrada BR-367. Nem os moradores puderam entrar no município. Os policiais fizeram cordões de isolamento humano para impedir a entrada de manifestantes. Seis barreiras na BR-367 envolveram três mil soldados. Duas manifestações de protesto foram feitas: uma pela manhã, com três mil pessoas (novamente um por um) na BR-367, e outra na BR-101, em Eunápolis, queimando pneus e marchando pela cidade. Estas cenas também são analisadas através dos telejornais, mais adiante.

f) 23/04/00, Folha de São Paulo, p. Brasil 1-7

No dia em que manifestantes foram reprimidos em Porto Seguro e o Brasil comemorou os 500 anos de Descobrimento (22/04), o presidente Fernando Henrique Cardoso defendeu “a tolerância com as divergências”, “a busca paciente do consenso” e pediu “o respeito à lei e à autoridade eleita”. O discurso foi feito em almoço ontem à tarde (22/04) em Porto Seguro, do qual participaram o presidente de Portugal, Jorge Sampaio, 13 ministros de Estado e os presidentes da Câmara e do Senado, entre outros 300 convidados. (...) o presidente havia falado sobre os protestos dos índios e sobre a “lembrança incômoda” dos sem-terra. (...) O presidente criticou então os líderes do MST: “Aqui estão os trabalhadores rurais sem-terra. Eu tenho expressado de maneira muito clara minhas divergências com o viés antidemocrático do discurso e das formas violentas de ação induzidas por algumas lideranças desse movimento”. (...) A presença deles traz a lembrança incômoda, mas necessária, de que a concentração de propriedade da terra continua a determinar a exclusão de milhões de brasileiros dos benefícios do desenvolvimento, apesar dos avanços consideráveis da reforma agrária que conseguimos nos últimos anos.

A matéria f) procura mostrar o governo fazendo um balanço e dando explicações da crise. Traz a parte retórica, em especial, o discurso do presidente no qual se tem as contradições e contrastes do momento. Segundo ele: “a tolerância com as divergências”. Não houve tolerância nenhuma dos policiais com os manifestantes. As opções se restringiam a fugir ou enfrentar bombas de gás ou balas de borracha. “A busca paciente do consenso” é o mote para a pergunta: qual consenso? Da segurança presidencial? Seria melhor o consenso de aceitar contradições e respeitar também os protestos como direito à divergência de opinião. Isso sim é democracia. Pediu “o respeito à lei e à autoridade eleita”, o que faz pensar que muita gente já se arrependeu deste voto.

g) 24/04/00, Correio do Povo, capa

Confusão e violência marcaram as comemorações oficiais dos 500 anos do Descobrimento do Brasil organizadas pelo governo, em Porto Seguro, no Sábado

(22/04). A festa planejada inicialmente como uma grande celebração, restringiu-se a dois atos oficiais ao qual compareceram os presidentes Fernando Henrique Cardoso e Jorge Sampaio, de Portugal: um almoço e uma visita à cidade histórica. Em seu discurso, FHC falou de democracia, de inclusão social e de desenvolvimento econômico, ao mesmo tempo em que a Polícia Militar dissolvia à força uma manifestação dos índios a 20 quilômetros do local, em Santa Cruz Cabrália. Bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha foram lançadas contra os mais de 2,5 mil indígenas que haviam se reunido desde Segunda-feira (17/04) na Conferência dos Povos Indígenas. Os índios tentavam chegar a Porto Seguro para entregar ao presidente um documento com a carta da reunião. Dezenas de pessoas ficaram feridas e 140 foram detidas. Os demais integrantes do movimento Brasil Outros 500, que reuniu ainda negros, sem-terra e representantes de movimentos sociais, também foram impedidos de entrar na cidade. Sem a presença dos índios e de outros representantes da sociedade brasileira, a cerimônia sob chuva foi decepcionante e constrangedora. Até uma réplica da caravela de Cabral, que deveria chegar a Porto Seguro, não conseguiu sair de Salvador, por defeitos de construção. No restante do país, alheio à encenação oficial, os relógios dos 500 anos foram depredados e incendiados em várias capitais, inclusive o da Usina do Gasômetro, em Porto Alegre. O fracasso das comemorações repercutiu no exterior, com as agências internacionais de informação criticando a violência e afirmando que a festa foi apenas do Planalto. Internamente o governo também se desgastou. A repressão violenta às manifestações dos índios fez com que o presidente da Funai, Carlos Frederico Marés, anunciasse seu pedido de demissão. “Essas comemorações começaram com a destruição do monumento feito pelos índios e acabaram com a repressão à marcha. Parece que aconteceu em uma semana o mesmo que ocorreu nesses 500 anos. Não posso compartilhar com isso de jeito nenhum”, desabafou. Marés, que classificou o episódio como vergonhoso, foi um dos feridos durante a repressão policial. Um dos organizadores do evento, o ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca, pode ser demitido. “Quem vai dizer se eu continuo ou não no cargo é o presidente da República, e, para isso, basta um telefonema dele”, afirmou Greca em Porto Seguro, irritado com os rumores de que seu Ministério seria extinto por causa do fiasco da festa. O Comitê de Preparação à Conferência dos Povos Indígenas está elaborando um documento a ser entregue à Procuradoria Geral da República, no qual pretende denunciar “todas as atrocidades da Polícia baiana, que atingiram também o movimento negro, acampado próximo a Coroa Vermelha,” segundo nota divulgada na Internet pelo movimento Brasil Outros 500. O Ministério Público Federal anunciou oficialmente que determinará a abertura de inquéritos para apurar as responsabilidades nos atos ocorridos em Santa Cruz Cabrália, de acordo com nota divulgada por procuradores da República na Bahia.

Na matéria g) vê-se que uma festa preparada durante quase dois anos se restringiu a dois atos: um almoço e uma visita à cidade histórica. A matéria apresenta as contradições entre o discurso presidencial de FH e as ações do governo: no discurso FH fala inclusão social, democracia e desenvolvimento econômico. O paradoxo se evidencia. O discurso aborda a inclusão social quando a cidade fica sitiada para impedir a entrada de manifestantes; em democracia quando se impede a manifestação daqueles que são excluídos e marginalizados. Ao mesmo tempo a PM dissolvia uma manifestação de dois mil e quinhentos indígenas que queriam entregar suas reivindicações ao presidente, com bombas de gás e balas de borracha. A matéria também apresenta as ações dos manifestantes: os relógios dos 500 anos foram depredados em várias capitais, o que fez com que o protesto fosse ouvido. Isso os

índios já tinham feito na matéria do dia 14 de abril (matéria a) do 1º Ato). Por outro lado, as agências internacionais de informação criticaram a violência policial. O presidente da FUNAI, Frederico Marés, pediu demissão. Ele também foi ferido durante a repressão policial. Rafael Greca, organizador do evento, Ministro de Esporte e Turismo, pode ser demitido. Os indígenas se organizam para enviar um documento à Procuradoria Geral da República, denunciando as atrocidades da polícia baiana, que também atingiu o movimento negro. No capítulo referente aos telejornais, serão analisadas as agressões contra um casal de negros.

h) 24/04/00, Correio do Povo, Geral, p. 11

Os representantes de 140 nações indígenas de todo o país se dispersaram durante a noite de Sábado da reserva pataxó em Santa Cruz Cabralia, onde realizaram a Conferência dos Povos Indígenas. Com medo da polícia baiana, que usou de violência para dissolver o protesto contra os 500 anos de genocídio e exclusão social, os índios voltaram para suas aldeias como fugitivos e com a carta da conferência nas mãos. O documento continha as conclusões da reunião e as reivindicações e sugestões para os próximos 500 anos do país e não chegou a ser entregue ao presidente Fernando Henrique Cardoso, conforme o planejado. “Refizemos este caminho de luta e dor para retomar a História em nossas próprias mãos e apontar para um futuro digno para todos os povos indígenas”, afirmou um dos líderes durante a conferência. Na manifestação, 25 índios xavante de Mato Grosso marcharam pintados de vermelho e preto, como fazem sempre que saem de suas aldeias e entram em contato com outros povos. Eles foram os últimos a recuar, chorando e cabisbaixos devido ao gás lacrimogêneo usado pela PM baiana. Contra as armas dos policiais, não adiantaram as flechas, que alguns fizeram menção de lançar, os cânticos e as músicas nem a súplica de um índio terena, que, de joelhos, avançou em direção aos policiais, deitou-se e acabou pisoteado. A 20 quilômetros do local, acompanhado pelo presidente de Portugal, Jorge Sampaio, o presidente Fernando Henrique Cardoso lembrava que os índios possuem 11% do território nacional e assegurou que os protestos se explicavam porque “num país democrático como o Brasil, todo mundo se sente livre para querer um pouco mais.” A terra foi a principal reivindicação dos índios na carta da conferência, que pedia o cumprimento da Constituição de 1988 sobre a demarcação das mais de 700 áreas indígenas – menos da metade das quais foi delimitada. O texto também falava em substituir o Estatuto do Índio e em confirmar a convenção 169 da Organização Internacional do Trabalho, que reconhece o direito de propriedade da terra aos povos indígenas.

A matéria h) procura angular ações sofridas pelos indígenas, dando destaque para o fato de que o protesto dos índios era contra o genocídio e a exclusão social. Um índio tentou parar os policiais, suplicando de joelhos. Deitou-se e acabou pisoteado. Mais adiante, no capítulo dos telejornais aparece esta cena. Os índios solicitam o que está escrito na Constituição de 1988, sobre a demarcação das áreas indígenas.

i) 24/04/00, Zero Hora, Especial, p.4

Dezenas de pessoas feridas, mais de 150 detidas e o presidente da Fundação Nacional do Índio (Funai) demitido. Esse foi o saldo deixado pelas comemorações dos 500 Anos de Descobrimento do Brasil, ocorridas no Sábado (22/04) no litoral sul baiano. Na chuvosa manhã do histórico 22/04/, a festa se transformou em pancadaria, envolvendo policiais militares, índios, negros, sem-terra e até punks. O presidente da Fundação Nacional do Índio, Carlos Frederico Marés, disse que as comemorações pelos 500 anos do Descobrimento foram um “fracasso” total, devido à repressão policial contra os indígenas. Ele anunciou que apresentará hoje (24/04) sua renúncia. – Estas comemorações começaram com a destruição de um monumento de protesto construído e instalado pelos indígenas e terminou com a repressão policial contra sua marcha pacífica. Parece que aconteceu, em uma semana, o mesmo que aconteceu nestes 500 anos. Foi um fracasso - disse Marés. Os conflitos na Costa do Descobrimento se iniciaram antes mesmo do presidente desembarcar em Porto Seguro. A BR-367, único acesso entre a cidade e a região de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabrália, foi cenário de uma luta envolvendo grupos contrários às comemorações e a Polícia Militar da Bahia, que resultou em 141 prisões e, em pelo menos, 30 feridos. O primeiro embate ocorreu às 7h30min, em Coroa Vermelha. Os índios conseguiram avançar oito quilômetros, quando foram impedidos de prosseguir a passeata por 280 policiais, que fizeram um cordão de isolamento na estrada. Bombas de gás lacrimogêneo foram usadas para dispersar a marcha. Os índios então recuaram para Santa Cruz Cabrália. Alguns reagiram, jogando flechas e pedras. Gildo Terena, 18 anos, da tribo terena de Mato Grosso, teve traumatismo no maxilar direito devido às agressões dos policiais. A maior parte dos feridos teve queimaduras, provocadas pelas bombas de gás lacrimogêneo. – Nunca vi nada igual, a nossa passeata era pacífica – protestou o cacique Alberto Silva, da tribo Wapitxána, de Roraima. Às 11h15min, ocorreu um novo confronto. Helicópteros do Exército passaram a sobrevoar a área. – As manifestações são livres, fruto da democracia, mas as provocações abrem as portas para o fascismo – criticou o presidente Fernando Henrique Cardoso. O ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca, disse que as manifestações foram insignificantes diante da grandeza da festa. O Ministério Público Federal não tem a mesma opinião. Três procuradores da República anunciaram ontem (23/04) que serão abertos inquéritos para apurar os fatos. De acordo com nota divulgada, os atos de violência “podem constituir atos de improbidade administrativa e configurar a prática de crimes, a exemplo de abuso de autoridade, da vida e da saúde, lesões corporais e cárcere privado”. Os procuradores observam no texto que os PMs haviam retirado a identificação do peito, possivelmente para garantir sua impunidade.

A matéria i) apresenta o saldo do fracasso da festa: trinta feridos, mais de 150 detidos e pancadaria generalizada envolvendo índios, negros, sem-terra e até punks. Uma marcha de protesto foi recebida com bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Os policiais fizeram uma espécie de cordão de isolamento e cercaram os índios, lançando bombas de gás lacrimogêneo e balas de borracha. Um índio, o que já fora comentado em matérias anteriores, tentou barrar os policiais e teve traumatismo no maxilar. FH fala que as “manifestações são livres, fruto da democracia, mas as provocações abrem as portas do fascismo”. O presidente saiu do lugar do político e procura se colocar no lugar de um analista social.

j) 26/04/00, Folha de São Paulo, p. Brasil 1-6

O índio terena Gildo Jorge Roberto, (...) afirmou que pediu para morrer quando foi agredido pela polícia baiana na comemoração dos 500 anos do Brasil. Ele disse que está traumatizado com a violência a que assistiu e acha que “nunca mais” vai esquecer a cena em que aparece de joelhos diante da tropa de choque da PM baiana. Gildo Jorge viajou 3.000 quilômetros para chegar à Bahia, onde pretendia participar de um manifesto em Porto Seguro. (...) “Eu carregava uma faixa que dizia o seguinte: “Queremos outros 500 anos”. Essa faixa significa que queremos reconstruir o que já foi perdido. Chega de massacre, chega de dor, violência. Estávamos alegres, cantando, quando um inferno tomou conta de nós.” O índio diz que foi surpreendido por um pelotão de choque, que passou a atirar sobre ele bombas de efeito moral e balas de borracha. “Fomos caminhando quando os policiais começaram jogar bomba sobre nós. Não sabia o que era aquilo, não sabia o que estava acontecendo porque eu quase não tenho contato com a cidade. Foi horrível, muito barulho, mulheres chorando, crianças gritando, eu não entendia nada. Nunca tinha visto uma arma de perto. Nem bomba.” Nesse momento o índio disse que partiu para cima dos policiais na tentativa de detê-los. “Não matem meu povo. Já somos tão poucos, vocês querem acabar com a gente”, teria dito o índio aos policiais que continuavam a avançar sobre os índios. “Fiquei de joelhos, supliquei, chorei, gritei. Perguntava para eles (policiais) por que estavam fazendo tudo aquilo e eles me respondiam: estamos cumprindo ordens, vocês têm de voltar, não vão estragar a festa. Insisti, e pedi para que eles me matassem, e o policial gritava que estava cumprindo ordem. Um deles encostou uma arma no meu peito e eu caí no chão”, contou o terena. Roberto teria ainda pedido aos policiais que atirassem sobre ele, mas que não atacassem mais o seu povo. “Podem me matar, mas deixem os índios protestar. Somos pobre, humildes, mas também temos direito.” O índio explicou que caminhavam rumo a Porto Seguro cerca de 3.000 pessoas representando 140 povos, entre índios e negros. Gildo Jorge explicou que antes da caminhada haviam sido escolhidos quatro líderes que tentariam falar com o presidente da República. “Não queríamos estragar a festa de ninguém, se eu pelo menos visse o presidente já estava bom para mim. Ele ia ficar sabendo que nós estávamos ali, presentes, vivos, protestando contra o descaso.” Em seguida o índio disse que avançou sobre ele um grupo de policiais a cavalo. “Tentei barrá-los mas não consegui.” Depois o terena teria se aproximado de um policial que usava um equipamento de comunicação na cintura. O índio tomou o equipamento do policial e o jogou no chão. “Foi um ato de protesto. Queria esquecer a humilhação que passei. Talvez dentro daquele rádio estivesse registrado tudo o que passei. Estava envergonhado, comecei a chorar de novo”, contou o índio, que levou um golpe de cacetete e desmaiou. Foi socorrido por populares. “Queria que o presidente da República repensasse o que ocorreu na Bahia. Parece o começo da história, quando os portugueses e bandeirantes acabaram com a gente.

A matéria j) apresenta os efeitos da crise: o pavor, a tristeza e a frustração do indígena que ficou à frente dos policiais tentando barrá-los. Eles foram violentamente agredidos por policiais que tinham como objetivo desmanchar a passeata a qualquer custo. O clímax da estrutura dramática, a pancadaria generalizada se deu na estrada que liga Eunápolis a Porto Seguro e na BR-367, único acesso entre Porto Seguro e a reserva indígena de Coroa Vermelha, isto é, bem longe das comitativas presidenciais.

6.1.6 3º Ato: o dia seguinte

O 3º Ato apresenta a repercussão da pancadaria, tanto interna como externamente (no exterior), o que se vê através de “enxurradas” discursivas no texto verbal.

a) 24/04/00, Folha de São Paulo, p. 1-4 Brasil

O bispo d. Angélico Sândalo Bernardino disse ontem (23/04), durante o sermão da missa de Páscoa, que o “presidente da República deveria ter honra e ter se cercado de índios e negros na comemoração dos 500 anos do Brasil”. D. Angélico, bispo-auxiliar de São Paulo que está sendo transferido para Blumenau, afirmou que, após “500 anos de exploração, todos nós temos responsabilidade na luta pela demarcação das terras indígenas” e classificou como “pancadaria” os conflitos ocorridos anteontem (22/04) na Bahia entre índios e policiais. Ele lembrou que, “muito antes dos portugueses chegarem, já tinha gente por aqui” e que “quando os conquistadores chegaram, havia entre 5 milhões e 8 milhões de índios e índias, mas hoje são apenas 350 mil”. (...) O bispo também pediu a Deus (durante o sermão de Páscoa) “uma política agrícola decente” para que não haja mais pessoas sem-terra.

A matéria a) apresenta tomadas de posição, como por exemplo a indignação do bispo auxiliar de São Paulo, Angélico Sândalo Bernardino, com o fato de FH evitar de se encontrar com índios e negros, cobrando responsabilidade na demarcação das terras indígenas, pois os indígenas já viviam no Brasil antes dos portugueses chegarem. O assunto foi abordado durante a missa de Páscoa realizada em São Paulo. O bispo também pediu uma política agrária ‘decente’ para não existir mais sem-terra. O segmento religioso participa no esclarecimento quanto às diferenças e exclusão social, cobrando ação do segmento político.

b) 24/04/00, Folha de São Paulo, p. Brasil 1-4

O cardeal d. Paulo Evaristo Arns celebrou uma missa de Domingo da ressurreição recheada de pequenas parábolas. Ele incluiu na celebração críticas à violência nas comemorações dos 500 anos do Brasil e deu conteúdo social às suas preces. (...)“Dai a paz, Senhor, e o quanto antes. Sobretudo nestes 500 anos de Brasil festejados com tantas desavenças e tanta desunião desnecessária entre as pessoas”. (...) D. Paulo lembrou que Cristo nasceu e morreu pobre: “Por isso precisamos zelar pela dignidade dos excluídos. A grande cidade deve ser justa, dar dignidade e liberdade de expressão às pessoas.

Na matéria b), o cardeal d. Paulo Evaristo Arns critica a violência nas comemorações pelos 500 anos, falando dos 500 anos de desavenças, desunião, que devemos “zelar pela dignidade dos excluídos”. Ele lembra que a “cidade grande deve ser justa, dar dignidade e liberdade de expressão às pessoas”. As áreas urbanas, núcleos de contradições e injustiças sociais devem se constituir em espaços de participação e cidadania para todos.

c) 25/04/00, Correio do Povo, Nacional/ Internacional, p.10

Rio de Janeiro - O PT e o Conselho Missionário Indigenista (CIMI) irão denunciar junto à Organização dos Estados Americanos (OEA) a violenta repressão policial contra os índios durante as comemorações oficiais dos 500 anos do Brasil. “Solicitarei um relatório sobre a violência de que foram vítimas os índios a fim de fazer uma denúncia oficial contra os governos federal e do estado da Bahia junto à OEA”, disse ontem o deputado Nelson Peregrino, do PT da Bahia, vice-presidente da Comissão de Direitos Humanos da Câmara dos Deputados. Os dirigentes do CIMI, órgão ligado à Igreja Católica, também anunciaram que irão denunciar a violência à OEA e boicotar a missa de amanhã (26/04), em Santa Cruz Cabralia.

Na matéria c), tem-se o protesto no discurso político: o PT e o CIMI (Conselho Indigenista Missionário) denunciam à OEA (Organização dos Estados Americanos) a repressão policial desencadeada contra os índios pelos governos federal e da Bahia. Eles vão a um órgão externo ao Brasil para denunciar as arbitrariedades aqui cometidas, porque aqui vai ser difícil conseguir alguma coisa. Também organizam um meio de boicotar a missa do dia 26/04. Aqui está o anúncio do boicote da missa face à violenta repressão produzida contra os indígenas no dia 22/04.

d) 25/04/00, Correio do Povo, Nacional/ Internacional, p. 10

Brasília – O confronto entre a Polícia Militar da Bahia e manifestantes – entre eles índios - , na festa oficial dos 500 anos do Descobrimento do Brasil, em Porto Seguro, “arranhou a imagem do país no exterior”, avaliou ontem (24/04), o ministro da Justiça, José Gregori. Embora o governo ainda não tenha aberto investigações, Gregori disse esperar “relatórios oficiais e não-oficiais sobre o episódio para decidir que atitude tomar”. O tumulto resultou na prisão de 141 pessoas e pelo menos 30 índios ficaram feridos. No Palácio do Planalto, o presidente Fernando Henrique Cardoso recusou-se a comentar a repercussão internacional do fato. Já o presidente do Senado, Antônio Carlos Magalhães (PFL-BA) defendeu a ação da PM baiana. “Não houve abuso nenhum”, justificou o senador, acrescentando que os manifestantes “queriam impedir as comemorações”. O maior prejudicado poderá ser o ministro do Esporte e Turismo, Rafael Greca, coordenador do evento e acusado de ter realizado uma festa “elitizada”. Ontem uma fonte do Palácio do Planalto chegou a afirmar que “está cada vez mais difícil mantê-lo no cargo.

Na matéria d), estabelece-se a avaliação governamental: o ministro da Justiça José Gregori acredita que a imagem do Brasil ficou maculada no exterior face aos confrontos entre os manifestantes e a polícia na Bahia. Foram 141 presos e trinta índios feridos. FH não faz nenhum comentário sobre a repercussão internacional. Ele se isenta disso.

e) 25/04/00, Correio do Povo. capa

O ministro da Justiça, José Gregori, demitiu ontem do cargo o presidente da Fundação Nacional do Índio, Carlos Frederico Marés de Souza Filho, antes mesmo dele entregar a carta de demissão. Marés tentou marcar um encontro com o ministro, pela manhã, mas Gregori não quis recebê-lo e o demitiu. Em nota à imprensa, o ministro disse que as manifestações do ex-presidente da FUNAI à mídia impressa e, de viva voz, em emissoras de rádio, sobre sua demissão, tornam redundante e desnecessária carta formal nesse sentido. O Ministério da Justiça, não pretendendo polemizar, considera que eventuais críticas e conceitos sobre o governo, expedidas sobre o ex-presidente, deveriam ter sido feitas no curso de sua gestão. O ministro salientou que aguarda os relatórios oficiais e não oficiais para fazer uma análise da violência ocorrida contra os índios e os sem-terra, no último final de semana, em Porto Seguro (BA). O secretário executivo do Ministério da Justiça, Antônio Augusto Anastásia, responderá interinamente pela Funai. Ontem, Marés afirmou que Gregori adotou uma postura “anti-indigenista”, “omissa” e de “direita” em relação às questões indígenas. Marés disse que, desde dezembro (1999), vinha alertando o presidente Fernando Henrique sobre o perigo de violência contra os índios durante as comemorações dos 500 anos. Também reclamou do fato de ter sido colocado “à margem” das discussões pelo gabinete de Segurança Institucional da Presidência.

Na matéria e) apontam-se algumas conseqüências administrativas: Frederico Marés, presidente da FUNAI, é demitido por Gregori. A matéria, entretanto, não explicita as razões da demissão de Marés. A informação disponibilizada diz respeito a um momento posterior, quando Marés externa publicamente sua crítica à violência policial. Mesmo não sendo mais um servidor do governo, não poderia emitir opinião contrária. Gregori quer que ele aceite quieto, já fora do governo, o que o governo diz. O ministro da Justiça, José Gregori, vai analisar os relatórios oficiais e não oficiais da violência ocorrida entre índios e sem-terra. Marés avisava FH desde dezembro de 1999 do perigo da violência contra os indígenas. A possibilidade de violência contra os indígenas vinha sendo estudada desde aquela época, no ano anterior.

f) 26/04/00, Zero Hora. Geral, p. 36

A ação da polícia militar da Bahia no Sábado (22/04), durante os festejos do aniversário dos 500 anos do Brasil, foi criticada ontem (25/04) pela Conferência

Nacional dos Bispos do Brasil (CNBB). Durante a operação, dezenas de pessoas foram feridas e mais de 150 detidas. O assunto será discutido durante a 38ª assembléia geral da entidade, que começa hoje no sul da Bahia, com a realização de uma missa de ação de graças em Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia. A pancadaria desagradou até mesmo bispos do Exterior, que ontem começaram a desembarcar na região. – O governo brasileiro perdeu a oportunidade de dialogar com os índios – disse dom Franz Grave, bispo de Essen, Alemanha, e diretor da Adveniat Postfach, entidade de auxílio a comunidades carentes da América Latina. O secretário-geral da CNBB, dom Raimundo Damasceno, não teme que se repitam hoje manifestações como as ocorridas no Sábado. – As pessoas estarão na missa para rezar – afirmou. (...) (A missa) reunirá 600 celebrantes, convidados estrangeiros, como o bispo Carlos Filipe Ximenes Belo, Prêmio Nobel da Paz em 1996, e cerca de 2 mil padres.

Na matéria f) vê-se o segmento religioso (do Brasil e exterior) condenando a atitude da polícia na Bahia, vindo a discutir o assunto em reunião da categoria vendo nisso desinteresse em dialogar com os indígenas. A CNBB não acredita que ocorram manifestações na missa do dia 26/04.

g) 26/04/00, Folha de São Paulo, Brasil 1-4

A CNBB (Confederação Nacional dos Bispos do Brasil) pretende impedir que sejam realizadas manifestações durante a celebração da missa dos 500 anos de evangelização, hoje na praia de Coroa Vermelha, em Santa Cruz Cabralia, a aproximadamente 10 km de Porto Seguro. “O ambiente de celebração será diferente (em relação ao do dia 22). As pessoas estão lá para rezar e não para se manifestar. Não seria o momento. Por isso as manifestações serão impedidas. É uma questão de respeito” afirmou ontem em Porto Seguro, o secretário-geral da CNBB, d. Raimundo Damasceno. A operação de segurança será comandada pelo coronel Wellington Müller, o mesmo responsável pela vigilância da comemoração do Descobrimento, no último Sábado, que terminou com 141 manifestantes presos e pelo menos 30 feridos levemente. “Recomendamos a facilidade de acesso do povo ao lugar. Se soubermos de ações violentas, nos colocaremos contra”, declarou dom Damasceno. “A CNBB não pode interferir na segurança. Isso compete à Polícia Militar. Não há sintomas de manifestações, mas, se houver possibilidade de perturbação do ambiente, teremos de atuar”, disse o tenente-coronel Cristovam Pinheiro, assessor de comunicação do comando-geral da PM. Segundo Pinheiro, 500 homens estarão envolvidos no esquema de segurança do local. Desse total, cerca de cem fazem parte do batalhão de choque. “Eles estarão aquartelados, armados e em condições de serem acionados, caso haja necessidade. Os demais usarão apenas cassetetes. Mas não há expectativa de tumulto. Não fizemos barreiras e todos poderão vir. No dia 22 isso foi feito, porque se os manifestantes tivessem entrado em Porto Seguro, não haveria solenidade.” Por parte da CNBB, de acordo com d. Damasceno, não haverá restrições de público. “Índios e sem-terra serão bem-vindos”, afirmou o bispo. O secretário-geral da entidade disse ainda “lamentar” o confronto entre índios e policiais militares no último Sábado. “Lamentamos e repudiamos o que houve. Rejeitamos toda a ação violenta. Faltou ter aproveitado esse momento para um encontro amigo entre as autoridades e as lideranças indígenas”, declarou. (...) Com duração prevista de 1h30min, a missa contará com a participação de índios e negros e será co-celebrada por bispos brasileiros. (...) Além de 350 bispos e 2.000 padres, também foram convidados para a cerimônia 17 representantes de igrejas de países como Itália, Canadá, Alemanha, Estados Unidos,

Angola, Moçambique, Cabo Verde, Timor Leste e Portugal, entre outros. Em um altar de 250 metros quadrados foi montada uma cruz cenográfica de resina de 13 metros de altura. A cruz, assim como toda infra-estrutura do evento, foi preparada pela Rede Globo. A estimativa dos organizadores da cerimônia é que entre 50 mil e cem mil pessoas participem da cerimônia.

Na matéria g) vê-se que o segmento religioso não acredita que ocorram manifestações no dia da missa. Por uma questão de respeito, segundo o religioso, elas serão impedidas. O segmento religioso também não quer violência, mas deixou a segurança para a PM que colocou 500 homens na segurança local, armados e prontos para atacar. A missa conta com a participação de negros e índios, tendo vários representantes religiosos vindos do exterior. A cruz da missa foi preparada pela Rede Globo.

h) 26/04/00, Folha de São Paulo, p. Brasil 1-5

O Vaticano vetou cantos e trechos da missa que vai celebrar hoje os 500 anos de evangelização do Brasil. As partes excluídas dariam à cerimônia um tom de crítica social bem mais contundente (...). Tanto os cantos quanto os trechos estavam em sintonia com as posições do clero progressista brasileiro, que costuma adicionar análises políticas à retórica religiosa. A Folha apurou que os vetos partiram do próprio cardeal Angelo Sodano, secretário de Estado do Vaticano e segundo homem na hierarquia da Santa Sé. (...) Diante dos vetos, a CNBB reelaborou o roteiro. Muitos dos trechos cortados compunham o ato penitencial – o momento da missa em que o clero pedirá perdão pelos erros cometidos contra negros e índios. A versão original, mais longa, falava não apenas do passado, mas também das injustiças do presente e trazia os períodos que a Santa Sé considerou agressivos. (...) O bispo d. Geraldo Lyrio Rocha, responsável pela comissão da CNBB que organiza a missa dos 500 anos, confirmou, sem dar detalhes, que o Vaticano “deu contribuições” ao roteiro. “A CNBB acolheu todas as indicações apresentadas pela Secretaria de Estado do Vaticano numa atitude de sintonia e comunhão”, afirmou. Disse que a igreja brasileira reconhece o “pleno direito” de Sodano fazer sugestões.

Na matéria h) o alto comando oficial da Igreja Católica fez censura à missa organizada pela ala esquerda da Igreja brasileira: a crítica social era muito forte, pedindo perdão contra negros e índios. Depois que o governo brasileiro desencadeia a maior pancadaria contra negros e índios, a Igreja vem pedir perdão. A Igreja não aceita a violência desencadeada pela polícia. Fica bastante contraditório o fato de pedir perdão quatro dias depois da pancadaria.

i) 26/04/00, Correio do Povo, Nacional/ Internacional, p. 10

Cabrobó – Revoltada com a ação da PM baiana contra os índios na festa do Descobrimento, no último dia 22, em Santa Cruz Cabralia, a tribo truka declarou-se ontem pronta para a guerra. Com foices, facões, arcos e flechas, cerca de 200 índios derrubaram uma torre de transmissão da Companhia de Eletricidade da Bahia em Cabrobó (PE). Segundo eles, os índios do Nordeste exigem desculpas do governo e prometem só deixar o local após o presidente Fernando Henrique se retratar pelos excessos policiais. Se isso não ocorrer, ameaçam destruir a ponte que liga a ilha de Assunção a Cabrobó.

Na matéria i) vê-se possibilidade de novos protestos: uma tribo indígena em Pernambuco, indignada com a violência contra seus irmãos na Bahia, derrubam uma torre de transmissão de energia em Cabrobó, exigindo desculpas do governo. Querem a retratação de FH pela violência dos policiais.

6.2 CAMPOS SOCIAIS E VOZES NA MÍDIA IMPRESSA

Através das matérias da mídia impressa foram identificados os **campos sociais envolvidos**, destacando-se a presença de várias **vozes** institucionais e pessoais: autoridades, políticos, executivos, entidades civis, etnias, ONGs, governo estadual e federal. Deve-se dizer que a mídia dá maiores vez, espaço e voz ao oficialismo na medida em que há uma ênfase no registro da fala das personalidades da vida oficial e política como José Gregori (Ministro da Justiça), César Borges (governador da Bahia), Marcelo Cordeiro (subsecretário da Casa Civil). Nas matérias também apareceram **vozes em conflito**, como por exemplo: FUNAI, PM e Ministério da Justiça; MST, INCRA e Ministério da Justiça; CNBB, Vaticano e cardeal Angelo Sodano. A FUNAI participa da manifestação contra os 500 Anos tendo Marés acompanhando os índios; a PM reprimindo a manifestação, cumprindo ordens do Ministério da Justiça. O MST ocupa o INCRA em Salvador e o Ministro da Justiça se nega a dialogar com os sem-terra. A CNBB redige para a Missa dos 500 Anos discurso que não é aceito pelo Vaticano, que através de Dom Angelo Sodano apresenta a versão oficial.

Concluindo, o protesto e a violência desencadeados durante as comemorações pelos 500 anos foram observados em três atos: no primeiro tem-se a véspera; no segundo, o dia D e no terceiro, o dia seguinte. A mídia impressa, na verdade, antecipa os conflitos da comemoração do dia do Descobrimento (22/04) e o protesto feito pelos índios no dia da Missa (26/04). O protesto e os enfrentamentos foram anunciados previamente na cobertura da mídia

impressa através de várias construções. Neste segmento foram identificadas várias vozes, jornalísticas ou não, que se fizeram enunciar sobre os protestos e a violência. É através desta agenda, especialmente o 1º e 2º atos, que o telejornal é interpretado, conforme será visto no capítulo a seguir sobre o protesto e a violência nos dias 22 e 26 de abril.

7 PROTESTO E VIOLÊNCIA NOS DIAS 22 E 26 DE ABRIL SOB A ÓTICA DOS TELEJORNALIS

Neste capítulo são apresentados e analisados os roteiros de edição das matérias de telejornais que trouxeram o protesto e a violência nos dias 22 e 26 de abril de 2000. As matérias selecionadas foram as que focaram a violência e o protesto nas comemorações dos 500 anos de descobrimento no dia 22 de abril de 2000, dos telejornais da TV aberta - TV Record, TV Bandeirantes e TV Globo - e da TV por assinatura - da RTP (Rede de Televisão Portuguesa) e da BBC (British Broadcasting Corporation). Todos os telejornais selecionados são veiculados no horário noturno: TV Record, às 19h15min; TV Bandeirantes, às 19h30min e TV Globo, às 20h15min; RTP, às 23h50min; BBC, às 00h20min. Do dia da celebração dos 500 anos da Primeira Missa rezada no Brasil foram selecionadas matérias dos telejornais noturnos das TVs Globo (20h15min: Jornal Nacional) e da TV Bandeirantes (00h05min: Jornal da Noite). O Jornal da SBT também foi gravado; porém não apresentou nenhuma matéria sobre a Missa dos 500 anos.

O tema eleito para este trabalho diz respeito ao protesto e à violência, previamente agendados pela mídia impressa e apresentados durante a comemoração pelos 500 anos de descobrimento do Brasil e da primeira missa. Este foi o critério de seleção da imagem. O marco foram as cenas de violência, a pancadaria que os policiais militares e do exército desencadearam contra os índios, sem-terra, negros, estudantes, sindicalistas e excluídos de uma maneira geral, no dia 22 de abril e o protesto apresentado pelos índios no dia da comemoração pela Primeira Missa realizada no Brasil, 26 de abril.

Para a análise dos telejornais, adotou-se o seguinte procedimento: inicialmente é apresentado um **roteiro da edição** de cada matéria, utilizando a **lauda de TV** onde, na coluna da esquerda, é colocado o que se refere ao Vídeo e na coluna da direita, ao Áudio. A leitura de uma lauda de TV é feita sempre na horizontal, isto é, a todo vídeo corresponde um áudio. Caso não exista referência na coluna vídeo para o áudio, significa que permanece a última imagem (esta última imagem, no caso, possui uma duração mais longa). Algumas vezes, o Áudio tem vários correspondentes em vídeo, o que significa que a imagem é “picotada”; tem vários cortes. Desde a época da máquina de escrever manual, a lauda de TV era uma folha dividida ao meio onde a coluna Áudio tinha espaço para 32 caracteres por linha, isto é, se datilografava até 32 caracteres, o que, em tempo correspondia mais ou menos a dois segundos

por linha (na época da máquina de escrever estes caracteres eram padrão). Era uma maneira de se saber o tempo da matéria: somava-se o número de linhas multiplicado por dois. Hoje em dia, com o computador, utiliza-se, na coluna Áudio, a fonte *Times New Roman*, tamanho catorze, o que permite conservar a contagem de tempo. Na coluna Vídeo, utilizamos fonte *Times New Roman*, com tamanho 9 a 12, para descrever toda imagem. A imagem é alterada muito mais vezes do que o áudio. Para uma frase, existe uma possibilidade variada de cortes.

A linguagem cinematográfica e os vários conceitos apresentados no capítulo 3 vão ficar expressos na coluna vídeo, através de planos, enquadramentos (GPG, PG, PA, PM, PC, PP, PPP)¹, movimentos de câmera (panorâmica, *travelling*) e movimentos de lente (*zoom in*, *zoom out*)². Quanto ao áudio, também fazem parte da linguagem cinematográfica, o *sobe som* (quando se dá a voz a alguém que tem um depoimento a emitir, ou simplesmente se aumenta

¹ Nos **planos cinematográficos**, o grande plano geral (GPG) tem como função descrever o cenário. É um plano com ângulo de visão muito aberto, sendo impossível perceber a ação ou identificar os personagens, apresentando grande quantidade de pormenores. O plano geral (PG) proporciona um ângulo de visão menor que o GPG. Nele se percebe a figura humana, mas é difícil reconhecer os personagens e a ação. Caracteriza-se como um plano descritivo, servindo para mostrar a posição dos personagens em cena. O plano conjunto (PC) apresenta personagem ou grupo de pessoas no cenário e permite reconhecer atores e movimentação em cena. A ação não é visualizada nos mínimos detalhes, sendo um de caráter descritivo e narrativo, com tendência maior para a descrição. As ações não são totalmente percebidas. O plano médio (PM) tem como objetivo enquadrar o ator em toda sua altura. Sua função é narrativa, pois a ação tem maior impacto na totalidade da imagem. O plano americano (PA) enquadra os personagens acima do joelho ou abaixo da cintura e privilegia a ação em relação ao cenário. O primeiro plano (PP) é o enquadramento que corta o personagem na altura do busto. É um plano de caráter psicológico, pois se percebe o estado emocional dos atores e a direção dos olhares, havendo pequena quantidade de detalhes no quadro. O primeiríssimo plano (PPP) é aquele em que o rosto ou parte do rosto ocupa toda a tela. A ação não é percebida, dando-se atenção ao lado emocional, transmitido pela expressão facial do ator. É um plano de função indicativa. O plano detalhe (PD) é aquele que destaca pormenores do rosto ou do corpo do ator, sendo uma imagem de impacto visual e emocional. É um plano de função indicativa. Devido às dimensões exageradas da imagem, necessita de tempo reduzido para a identificação dos objetos em cena. Nos **enquadramentos para TV**, o grande plano geral (GPG) permite um maior ângulo de visão do estúdio. Para criar sensação de maior espaço, a cabeça do personagem deve estar próxima à parte superior da tela. O plano geral (PG) mostra o personagem de corpo inteiro. Ao enquadrar o ator, é deixado um pouco de espaço acima da cabeça e abaixo dos pés (diferença 10% imagem fita e visor). O plano conjunto (PC) é aquele que corta o personagem na altura dos joelhos ou pouco abaixo. O plano médio (PM) mostra o ator da cintura para cima. Os olhos do personagem ficam a 2/3 da altura do quadro. O primeiro plano (PP) é aquele que corta o ator na altura do busto, sendo utilizado em diálogos ou entrevistas. Os olhos ficam a 2/3 da altura do quadro. O primeiríssimo plano (PPP) mostra cabeça do ator, com um plano de impacto visual. Os olhos ficam a 2/3 da altura do quadro. O plano detalhe (PD) mostram apenas parte do rosto. É um plano de forte impacto visual.

² **Movimentos de câmera** ou de eixo e **movimentos de lente** ou de objetiva. Panorâmica (PAN) é o movimento em que a câmera gira ao redor de um eixo imaginário qualquer, sem deslocar-se mostrando uma paisagem ou cenário. (PAN h – pan horizontal; PAN v – pan vertical ou *tilt*). Chicote (*whip pan*) é um movimento muito rápido que deixa a imagem embaralhada. *Travelling* (trav) é o deslocamento da câmera em qualquer direção. *Zoom* são os movimentos de lente, e dependem da variação do ângulo de visão da objetiva. Girando-se o anel do *zoom*, desloca-se um conjunto de lentes no interior da objetiva, produzindo a sensação de aproximação (*zoom in*) ou afastamento (*zoom out*) dos elementos do cenário em relação à câmera. *Zoom in* mostra ao espectador um detalhe específico da cena. *Zoom out* mostra elementos existentes no cenário, fundamentais para ação. Nas mudanças de enquadramento, o corte é a maneira mais simples de realizar a passagem de um plano a outro.

o áudio do som ambiente) e o *off* (a narração do repórter ou apresentador). A voz do *off* é a voz da empresa jornalística.

No roteiro de edição, coluna de Vídeo, colocam-se os planos, as cenas e o Gerador de Caracteres (GC)³. No GC se identificam os entrevistados, repórter, apresentador e alguns créditos de matérias. Através dos planos é possível perceber o ponto de vista do câmera e do editor. Trata-se, no roteiro de edição, de identificar as melhores cenas que vão “cobrir” o áudio, isto é, que vão ilustrar o áudio. As sonoras ou depoimentos apresentam o ponto de vista dos entrevistados na matéria.

Das imagens dos telejornais transmitidas pela TV no dia 22, muitas não tinham nitidez. Foi um dia de muita chuva e correria. Essas foram descartadas, porque da captura para a impressão seria impossível identificar o que acontecia no momento. Selecionaram-se, portanto, as imagens que melhor se identificaram com o protesto e a violência expressas no dia e no local de comemoração dos 500 anos de descobrimento do Brasil (22/04) e do protesto feito pelos índios na comemoração pela Primeira Missa rezada no Brasil (dia 26/04).

Inicialmente, tem-se a análise dos roteiros de edição dos telejornais. O negrito e o itálico na parte de áudio foi feito para ressaltar aspectos que vão ser comentados. Após cada roteiro de edição é feita uma análise de cada um, tanto em termos de vídeo como de áudio. Num segundo momento, é feita uma leitura dos *frames*⁴ de protesto e violência, procurando mostrar novamente a presença da linguagem cinematográfica.

Por mais descritivo que possa ser um roteiro de edição, muitas vezes ele não consegue traduzir a potência da imagem. Para tanto, **num segundo momento** são apresentadas algumas imagens selecionadas das matérias dos dias 22 e 26 de abril, sobre o protesto e a violência que se desenrolaram em Porto Seguro, Coroa Vermelha e Santa Cruz Cabrália, para fazer uma leitura de alguns *frames* das matérias. O *frame*, ou quadro, é fotograma, como se se tivesse posto em pausa o vídeo, congelando a imagem. O movimento, que é a essência do vídeo e do cinema, fica estacionado. É nesse momento que podemos resgatar o impacto da imagem e as marcas deixadas por ela. Assim inserimos os roteiros e depois será analisada a incidência de aspectos da linguagem cinematográfica já repercutindo sobre o roteiro.

³ **GC: Gerador de Caracteres.** Dispositivo desenhado para disparar a seqüência de sinais requerida para formar caracteres alfanuméricos num tubo de raios catódicos. Cada um dos elementos que compõem um conjunto de letras, números e símbolos que podem ser impressos ou apresentar-se em um monitor ou terminal.

⁴ **Frame:** a menor parte de uma imagem gravada em *videotape*. Corresponde a 1/30 do segundo e equivale ao quadro ou fotograma do filme de cinema.

TV RECORD	
Programa: Jornal da Record Data: 22/04/00,19h15min	Matéria: Manifestações no descobrimento Tempo: 2min49Seg
VIDEO	ÁUDIO
Plano Médio Boris	(cabeça Boris) Os quinhentos anos do descobrimento.// <i>Confrontos, detenções e manifestantes feridos marcaram os protestos de índios, negros, estudantes e sem-terra na região de Porto Seguro, no sul da Bahia./ Mas a chamada cidade do descobrimento, isolada pela polícia, teve a festa garantida.//</i>
GPG caravelas no mar; PG homem em cima de árvore zoom out	(OFF) Olho no mar./ Era a chegada das caravelas que repetiam a rota de Cabral./
PG encenação da chegada de Cabral	Na terra por onde o Brasil foi apresentado ao mundo, tudo era festa./
PG ruas cheias de turistas	<i>Comemorações que aconteceram num porto seguro para turistas./</i>
GPG helicópteros no ar, navios da marinha e caravelas n'água	<i>A cidade estava cercada./</i>
GPG policiamento nas estradas, carros sendo fiscalizados	<i>Helicópteros, navios da marinha e bloqueios intensificados nas estradas./</i>
PC policiais militares de costas e bandeiras do MST ao fundo; sem-terra com bandeiras	

<p>GPG filas de ônibus parados na estrada; PC ônibus com portas bagageiro abertas, homens sentados; turistas em cima de carros</p> <p>PPP turista 1, sonora</p>	<p><i>Na rodovia que liga Eunápolis à Porto Seguro, os sem-terra foram impedidos de passar./ Os turistas também foram parados e reclamaram bastante.//</i></p> <p>(SOBE SOM TURISTA1)</p> <p><i>“Nós não somos manifestantes coisa nenhuma./ Tira a gente do turismo que estamos aqui e deixa a gente passar para Porto Seguro, para a pousada./ Nós queremos curtir os quinhentos anos.”//</i></p>
<p>PPP turista 2, sonora; PC manifestantes andando pela estrada vestidos com bandeiras e bonés do MST</p>	<p>(SOBE SOM TURISTA 2)</p> <p><i>“Diz que é movimento sem-terra, não tem nada a ver./ Eu acho que é ignorância de uma equipe do governo do estado./ Inclusive burrice do governo do Estado.”//</i></p>
<p>PG MST em marcha, PP fogo em pneus, fumaça</p>	<p>(OFF)</p> <p><i>Os sem-terra saíram em passeata pela BR./ Colocaram fogo em pneus e bloquearam a estrada por uma hora.//</i></p>

<p>Panorâmica horiz PC/PG policiais militares perfilados na estrada sem identificação</p> <p>PM repórter</p> <p>GC: Maria Paula Santa Cruz de Cabralia- BA</p> <p>PC manifestantes correndo de costas com bandeiras</p> <p>PC policiais de choque armados com escudos e cacetetes correndo na estrada</p> <p>PC policiais de choque disparando balas de borracha e gás lacrimogênio</p> <p>PPP estudante mostrando hematomas nas pernas</p> <p>PG manifestantes sentados e policiais de choque perfilados ao fundo; panorâmica horiz PM uniforme de policiais</p>	<p>(DE OFF P/ STAND-UP)</p> <p><i>Outro grande bloqueio foi montado na entrada de Coroa Vermelha, onde três mil índios estavam concentrados em uma conferência./</i></p> <p>A agenda do presidente Fernando Henrique Cardoso previa uma visita à cidade onde ele iria inaugurar um monumento pelos quinhentos anos do descobrimento./</p> <p><i>Mas por causa do clima tenso, nem o presidente veio à Coroa Vermelha, nem os índios conseguiram chegar à Porto Seguro.//</i></p> <p>(OFF)</p> <p><i>Foram dois enfrentamentos pela manhã. /</i></p> <p><i>Estudantes e negros que queriam se juntar aos índios foram barrados por policiais que escondiam a identificação./</i></p> <p><i>Os disparos de balas de borracha e gás lacrimogênio feriram alguns manifestantes./</i></p> <p><i>Cento e quarenta pessoas foram detidas em meio a muita confusão.//</i></p>
---	---

<p>PP procurador, sonora</p> <p>GC: Rogério Nunes Procurador da República</p>	<p>(SOBE SOM PROCURADOR)</p> <p><i>“Parece que querem impedir qualquer tipo de manifestação popular./ O que é absolutamente legal e constitucional./ A segurança tem que ser feita do evento, mas as manifestações populares têm direito constitucional de serem realizadas, então isso é absolutamente absurdo.”//</i></p>
<p>PP câmera alta, índios pintados em marcha</p> <p>PG estrada, manifestantes, ao fundo fumaça, bombas de gás lacrimogênio</p> <p>PG perfil estrada, polícia de choque armada correndo</p>	<p>(OFF)</p> <p><i>A tarde, os índios pintados e enfeitados saíram em marcha para Porto Seguro./</i></p> <p><i>Encontraram uma cortina de gás lacrimogênio./</i></p> <p><i>Houve tumulto e correria.//</i></p>
<p>PC manifestantes, estudantes, sem-terra gritando</p>	<p>(SOBE SOM GRITARIA MANIFESTANTES)</p> <p>(OFF)</p>
<p>PC polícia de choque avança com escudos e cacetetes na estrada sob chuva</p>	<p>O comandante da operação foi taxativo.//</p>
<p>PP coronel, sonora</p> <p>GC: Cel. Müller/PM-BA Cte Operação</p>	<p>(SOBE SOM COMANDANTE)</p> <p><i>“Trata-se da Segurança do presidente da República.”//</i></p>

<p>PG zoom out ônibus</p> <p>PG pessoas se dirigindo aos ônibus</p> <p>PM índios</p> <p>PPP perna com três curativos</p> <p>PPP índio 1, sonora GC: Jaime Fernandes Índio Pataxó</p> <p>PP índio 2, sonora em espanhol</p> <p>GC: Americo Arena Índio Corubo</p>	<p>(OFF)</p> <p><i>Depois de cuidar dos feridos, os índios começaram a ir embora./ Carregando na bagagem muita revolta./ Como é que machucou o senhor ali?/ O que acertou?//</i></p> <p>(SOBE SOM ÍNDIO 1)</p> <p><i>“Jogou uma bomba para acabar com a gente.”//</i></p> <p>(SOBE SOM ÍNDIO 2)</p> <p><i>“Nos recibió como si fuéramos “bicho del mato”./Yo no esperaba.../ Pensaba que blanco era civilizado!”//</i></p>
---	--

Quadro 4 – Script TV Record

No telejornal da TV Record, a voz da empresa fica caracterizada pela voz do **apresentador**⁵, no caso Boris Casoy, pela voz em **off**⁶, quando aparecem as imagens e pelo **stand-up**⁷ da repórter (Maria Paula). As outras vozes que falam nesta matéria da Record são: os dois turistas, o procurador da República (Rogério Nunes), o coronel Müller e os dois índios, Jaime Fernandes e Américo Arena. Essas são as vozes que falam na matéria, os atores da matéria.

⁵ Apresentador- Profissional (jornalista ou radialista) condutor de um programa. Lê as várias notícias que compõem um telejornal a partir do estúdio. É o elemento de ligação, introdução e explicação da ação no estúdio.

⁶ Off- Texto gravado pelo repórter sem que o rosto dele esteja no vídeo. Vozes ou sons presentes numa gravação sem o aparecimento da imagem da fonte geradora. Vem de “Off the record”, que significa informação fornecida ao repórter cuja fonte não quer ou não pode ser identificada. Em televisão, refere-se ao texto lido sobre as imagens, podendo ser ao vivo ou pré-gravado.

⁷ Stand-up- Designa a transmissão de informações pelo repórter no local do acontecimento. Normalmente o repórter está de pé – daí o nome stand-up -, em plano médio e permanece na tela durante o tempo de transmissão da matéria. Pode ser ao vivo ou gravado.

Em termos de textos, a **cabeça**⁸ da matéria do Boris fala do confronto, das detenções, dos feridos, dos protestos, mas uma festa garantida pela polícia. O off da primeira lauda da Record fala da festa e da segurança para os turistas, com a cidade toda cercada. Os turistas querem “curtir” os 500 anos e discordam do esquema de segurança montado pelo governo. O off continua com a passeata dos sem-terra colocando fogo em pneus, bloqueando a estrada. Novo bloqueio é feito na entrada da reserva indígena, onde os índios estão concentrados em conferência. O primeiro enfrentamento é entre os estudantes e negros e os policiais; estes últimos utilizam balas de borracha e gás lacrimogêneo, ferindo manifestantes. A tarde os índios se encontraram com os policiais, novamente os policiais utilizaram gás lacrimogêneo. Os índios vão embora carregando muita revolta. O procurador defende o direito à manifestação, enquanto o coronel Müller, defende a ação policial por se tratar da segurança do presidente da República. Os depoimentos dos índios apontam para o sentimento de humilhação, tristeza, desapontamento que eles sentiram por um enfrentamento que não foi previsto. Eles queriam só se manifestar, fazer o protesto; não previam o uso da violência pelo lado da polícia. De uma maneira geral, podemos dizer que o off é simplesmente descritivo das imagens que estão aparecendo.

Em termos de imagens, na coluna vídeo, o GPG (Grande Plano Geral) e o PG (Plano Geral) apresentam na primeira lauda da Record o cenário das comemorações, identificando o espaço onde ocorrem as comemorações com as caravelas, helicópteros, policiamento e engarrafamento (segunda lauda da Record). O PPP (primeiríssimo primeiro plano) dos turistas é para identificar seu depoimento, quem está falando tem que estar mais próximo da lente da câmera. O PG do MST em marcha, PP fogo em pneus, fumaça apresenta um item importante de manifestação: o bloqueio com os pneus. A panorâmica do PC (Plano Conjunto) para o PM (Plano Médio) da repórter, serve para dar credibilidade no que a repórter está falando, isto é, ela está próxima aos policiais sem identificação. O PC dos manifestantes e depois dos policiais, significa que eles estão em grupos. O PG com **zoom out**⁹ dos ônibus (última lauda da Record) é apresentar uma distância, um distanciamento dos indígenas, eles estão indo embora.

⁸ Cabeça- Abertura de uma notícia. É a narração do fato, logo no início. A função é despertar o telespectador para o assunto. A cabeça introduz a matéria para o repórter dar continuidade no texto, no corpo.

⁹ **zoom out**- termo em inglês que significa o afastamento da imagem do objeto ou cenário. Movimento ótico executado com a variação da distância focal da lente da câmera.

TV Bandeirantes

Programa: Jornal da Band

Matéria: Conflitos em Porto Seguro

Dia: 22/04/00, 19h30min

Tempo: 2min50Seg

VIDEO	ÁUDIO
PP Marcos GC: Marcos Hummel	(cabeça Marcos) Boa noite./ <i>500 anos do Brasil./</i> <i>No meio da festa, muita confusão./</i> <i>Índios, sem-terra e negros tentaram chegar a Porto Seguro mas não conseguiram./</i>
PP 2 janelas com os dois apresentadores	Janine Borba está em Porto Seguro e é para lá que nós vamos agora./ Janine.//
PP Janine CG: Janine Borba, Porto Seguro/BA	(Cabeça Janine) Boa noite./ <i>Foi um dia de correria, bombas de gás, feridos./</i> <i>O confronto entre índios e a tropa de choque da polícia terminou em tumulto na estrada que liga Coroa Vermelha a Porto Seguro.//</i>
Câmera alta, PG índios pintados em marcha GC: festa violenta	(OFF) Os índios estavam reunidos em Santa Cruz de Cabralia, desde Terça-feira./

<p>Travelling PG pessoas aplaudindo</p> <p>PP índios pintados de perfil carregando faixa</p> <p>PG câmera alta multidão, faixas, bandeiras</p> <p>PM faixa “Dignidade indígena”</p>	<p><i>Eles participaram de uma conferência./Hoje de manhã eles saíram para fazer uma manifestação em Porto Seguro./Debaixo de chuva, os 600 índios tomaram a estrada.//</i></p>
<p>PG índio pintado gesticulando em marcha</p>	<p>(sobe som índio língua indígena)</p> <p>(OFF)</p>
<p>PP índios em marcha</p>	<p><i>Eles caminharam 10 quilômetros e encontraram a primeira barreira policial./</i></p>
<p>PA índios correndo, saindo da estrada</p> <p>Panorâmica PG grupo de manifestantes parados na estrada sob chuva</p>	<p><i>Foram recebidos com bombas de gás lacrimogêneo./</i></p>
<p>Câmera alta PG pessoas gritando, saindo com a boca coberta; nuvem de gás ao fundo</p>	<p><i>Houve muita correria e empurra-empurra./</i></p>
<p>PG estrada, pessoas correndo; bomba de gás na estrada, índio pega e atira de volta para policiais</p>	<p><i>Os índios não sabem se ficam na estrada ou se fogem da polícia./</i></p>
<p>PG câmera alta, pessoas correndo e bombas explodindo</p>	<p><i>Os policiais correm para tentar prender os manifestantes./</i></p>
<p>PG policiais na estrada/ perfil zoom out policiais Pchoque jogando bombas de gás e correndo</p>	<p><i>A cavalaria chega para ajudar./</i></p>
<p>PG cavalaria na estrada sob chuva fazendo barreira</p>	<p>Um vidro do carro da polícia é quebrado com uma pedrada./</p>
<p>PP acento dianteiro de carro, mão recolhendo vidro quebrado</p>	<p><i>Esta índia estava na linha de frente da caminhada e foi atingida por uma bomba./</i></p>
<p>PP/PC duas índias carregando outra índia</p>	<p><i>A ambulância socorre os feridos./</i></p>
<p>PG ambulância na estrada sob chuva</p>	<p></p>

<p>PG tropa de choque avançando na estrada, panorâmica, policiais batendo com os cacetetes nos escudos</p>	<p><i>A tropa de choque chega e marcha para intimidar os índios./</i></p> <p><i>O comando da Polícia Militar defende a ação.//</i></p>
<p>PP Coronel Wellington</p>	<p>(sobe som coronel)</p> <p><i>Brasil outros 500 veio aqui para tumultuar o processo, inclusive jogando pedra nos índios./</i></p> <p><i>Eles feriram os índios para dizer que foi a Polícia Militar.//</i></p>
<p>PA câmera alta índios em marcha</p>	<p>(OFF)</p> <p><i>Depois de muita discussão e violência, os índios recuam e dizem que não esperavam uma resistência tão grande.//</i></p>
<p>PP indígena</p> <p>GC: Ailson, índio trucá</p>	<p>(sobe som índio)</p> <p><i>Nós queríamos ir a Porto Seguro, mas numa marcha passiva, sem estar agredindo ninguém, sem estar brigando./</i></p>
<p>PG Pchoque em barreira policial e índios em marcha</p>	<p><i>Infelizmente fomos agredidos sem reação, sem a gente reagir.//</i></p>

PP Marina GC: Marina Silva, senadora PT/Acre	(sobe som Marina) <i>A democracia continua sendo apenas para a casa grande./</i> <i>O povo excluído continua na senzala.//</i>
---	--

Quadro 5 – Script TV Bandeirantes I

Na matéria da Bandeirantes, a voz da empresa fica caracterizada pela cabeça do apresentador (Marcos Hummel), da apresentadora/ repórter em Porto Seguro (Janine Borba), pela voz em off. Outras vozes desta matéria são do coronel Wellington, do índio Ailson e da senadora do PT, Marina Silva. Estes são os atores da matéria.

Quanto aos textos, a cabeça de Marcos fala de festa com confusão e da tentativa frustrada dos índios, negros e sem-terra chegarem a Porto Seguro. Na cabeça de Janine em Porto Seguro ela fala de bombas de gás, correria e feridos, além do confronto de índios e a tropa de choque. A voz em off fala da conferência dos índios, da marcha, das barreiras policiais, das bombas de gás, da correria, do enfrentamento entre manifestantes e policiais, dos feridos. O coronel acusa o movimento Brasil Outros 500 de atingir os índios. Os índios alegam que não queriam agredir ninguém, estavam só em marcha e foram agredidos. A senadora Marina Silva conclui dizendo que a democracia é para poucos, aqueles que tem poder. Os excluídos, ficam à margem do processo. Há, portanto uma multiplicação de vozes.

Esta matéria começa com o tempo no passado, algo que aconteceu, mas em vários momentos o tempo da matéria é o presente, como se ela estivesse sendo produzida no momento que está no ar; como se o relato fosse a testemunha do presente, do acontecimento, começando com a apresentadora/ repórter no local do acontecimento, em Porto Seguro. Também no off da segunda lauda da Band “Os índios não sabem se ficam na estrada ou se fogem da polícia./ Os policiais correm para tentar prender os manifestantes./ A cavalaria chega para ajudar./ Um vidro do carro da polícia é quebrado com uma pedrada./ Esta índia estava na linha de frente da caminhada e foi atingida por uma bombas./ A ambulância socorre os feridos./ A tropa de choque chega e marcha para intimidar os índios./ O comando da

polícia militar defende a ação./” O cinegrafista grava as imagens e a repórter as identifica no off. É um exemplo de presencialidade da TV.

Nas imagens, a *câmera alta*¹⁰/ PG (plano geral) dos índios pintados em marcha, permite ver a extensão, a quantidade de indígenas em marcha, a pintura de seus rostos, e a identificação dos indígenas de tronco seminu. O *travelling*¹¹ PG pessoas aplaudindo, mostra várias pessoas aplaudindo a passagem dos indígenas. Outros momentos de câmera alta: PG câmera alta faixas bandeiras, mostra a quantidade de faixas. Câmera alta PG pessoas gritando, saindo com a boca coberta, nuvem de gás ao fundo: mostra grande número de pessoas correndo, desesperadas, com a boca coberta. PG câmera alta, pessoas correndo e bombas explodindo: mostra a grande quantidade de pessoas correndo, o cenário todo com as bombas explodindo, a nuvem de fumaça. É o contexto do desespero do momento. Em outro momento, PA (plano americano) câmera alta índios em marcha, como é um plano mais fechado se compararmos com PG, a sensação é de opressão, os índios estão tristes, de cabeça baixa. A TV capta tensões, registro de tensões via imagens. O PP do coronel Wellington e de Marina Silva marcam os depoimentos dos dois entrevistados no momento. São eles as autoridades que prestam depoimento no momento, um acusando o movimento Brasil Outros 500 pela repressão aos índios e a outra, dizendo que poucos tem direito à democracia, a maior parte está a margem o processo; e de forma metafórica: “A democracia continua sendo apenas para a casa grande./ O povo excluído continua na senzala./”

¹⁰ **câmera alta**- quando a câmera se encontra numa altura superior ao enquadramento normal da imagem. Quando se refere a pessoas, por exemplo, acima da altura das cabeças das pessoas.

¹¹ **travelling**- movimento de câmera para acompanhar uma cena, um objeto ou pessoas que se deslocam.

Programa: Jornal da RTP
Data: 22/04/00, 23h50min

RTP

Matéria: Manifestações nos 500 anos

Tempo: 2min06seg

VIDEO	ÁUDIO
<p>PP apresentadora Chromakey Selo 500 anos Brasil</p> <p>PG polícia choque avançando com escudos e bastões</p> <p>PG índio seminu com cocar, arco e flecha</p> <p>GC: Luís Felipe Fonseca, jornalista</p> <p>PPP perna com hematoma, ferida aberta com pus e sangue</p> <p>PG várias pessoas sentadas no chão</p> <p>PM policiais agarrando manifestantes, manifestantes revidando</p>	<p>(cabeça apresentadora)</p> <p><i>O dia dos quinhentos anos fica também para a história como um dia de protestos e de violência./</i></p> <p><i>Índios, negros, sem-terra e estudantes tentaram levantar a voz contra a injustiça social./</i></p> <p><i>A polícia respondeu./</i></p> <p><i>A bastonada.//</i></p> <p>(OFF)</p> <p><i>Uma festa feita a força./</i></p> <p><i>As comemorações dos quinhentos anos da descoberta do Brasil ficaram marcadas pela repressão./</i></p> <p><i>Coroa Vermelha, a terra que há chegado Pedro Álvares Cabral, foi hoje palco de violentos confrontos./</i></p> <p><i>Sindicalistas, estudantes e negros protestaram contra o governo brasileiro e contra as comemorações do achamento./</i></p>

<p>PM policial jogando manifestante no chão</p> <p>PC soldados e manifestantes apartando briga</p> <p>PM índios pintados e caracterizados em marcha</p> <p>PPP índio, câmera baixa</p> <p>PG polícia de choque na estrada sob chuva, jogando bombas de gás lacrimogênio</p> <p>PG polícia choque de costas em marcha pela estrada sob chuva</p> <p>PM polícia choque com escudos avançando e atirando balas de borracha</p> <p>PP índio pintado, sonora</p> <p>GC: Angelo Xavante, dirigente índio</p> <p>PP mulher negra ao fundo com microfone</p> <p>PP FHC cercado de pessoas</p> <p>PP índio xavante</p>	<p><i>A polícia carregou sobre os manifestantes com gás lacrimogênio e balas de borracha./</i></p> <p><i>Mais de cem pessoas foram detidas./</i></p> <p><i>De Coroa Vermelha partiu também uma marcha de índios./</i></p> <p><i>O objetivo era chegar a Porto Seguro, onde queriam fazer ouvir a voz dos povos indígenas./</i></p> <p><i>Não caminharam durante muito tempo./</i></p> <p><i>A polícia militar tinha ordens precisas./</i></p> <p><i>Nada podia manchar as comemorações oficiais do achamento./</i></p> <p><i>Mais uma vez o dia dos descobrimentos foi um dia negro para gentes que lá estavam, quando os portugueses chegaram ao Brasil.//</i></p> <p><i>(SOBE SOM ÍNDIO)</i></p> <p><i>Estão comemorando a invasão dessa terra, a invasão que eles fizeram, que tomaram o que era nosso./ Para nós, não temos nada a comemorar desses quinhentos anos.//</i></p>
--	--

<p>PG agricultores parados</p> <p>PC idosa com camiseta grande com dizeres: “Fora FHC e o FMI” e chapéu: “O sonho acordou”</p> <p>PG ônibus parados em fila, pessoas andando a pé GPG câmera alta ônibus e manifestantes na estrada, bandeiras vermelhas</p> <p>PG manifestantes em pé com bandeiras vermelhas PSTU, CUT, MST</p> <p>PC manifestantes de braços dados gritando com bandeira da CUT e uniforme da EBCT, zoom in</p> <p>PP passeio faixa branca “500 anos de Merda” PM polícia batendo em manifestantes no RJ</p> <p>PPP manifestante sonora</p> <p>GC: Monica Caverni Manifestante</p>	<p>(OFF)</p> <p><i>Os agricultores sem-terra não tiveram melhor sorte./</i></p> <p><i>As estradas para Porto Seguro estavam cortadas./</i></p> <p><i>Protestam contra as desigualdades e exigem uma profunda reforma agrária./</i></p> <p><i>Vivem num país que se orgulha de ser a nona potência mundial./</i></p> <p><i>Mas essas pessoas pouco ou nada tem./</i></p> <p><i>O dia foi agitado, mas a onda de violência e protestos não chegou a eles./</i></p> <p>Na quinta-feira no Rio de Janeiro, o cenário foi este.//</p> <p>(SOBE SOM MANIFESTANTE)</p> <p><i>Estão festejando o quê, né?/ O que tem para comemorar?/ Todo mundo fodido./ Ninguém gastando milhões de grana aí./ Para comemorar uma coisa e o povo passando fome, a miséria instaurada no país.//</i></p>
---	---

<p>PM polícia de choque com escudos e bastões passando por cima de manifestantes, pisando nos manifestantes deitados no chão</p> <p>PC manifestantes com bandeiras gritando, chicote de câmera; do outro lado, polícia de choque</p>	<p>(OFF)</p> <p>A polícia deteve três manifestantes./</p> <p><i>Na memória fica a marca da violência sobre uns e tempo de festa para outros.//</i></p>
--	--

Quadro 6 – Script TV RTP

Na matéria da RTP, as vozes são da apresentadora na cabeça, do jornalista da matéria que fica em off (o GC¹², gerador de caracteres, identifica que a matéria é do jornalista Luís Felipe Fonseca), da voz em off como um todo. Essas são as vozes da empresa. Outras vozes são do indígena Angelo Xavante e da manifestante no RJ, Mônica Caverni. Essas são as vozes da matéria.

Existe uma forte incidência textual: o texto da cabeça da apresentadora é todo em tom de crítica: “O dia dos 500 anos fica também para a história como um dia de protestos e violência./ Índios, negros, sem-terra e estudantes tentaram levantar a voz contra a injustiça social./ A polícia respondeu. A bastonada.//” O forte da pancadaria já sai da fala do apresentador. Após, a voz em off fala da força, da repressão, dos confrontos, dos protestos (primeira lauda RTP), segue nas laudas seguintes a voz em off em tom irônico: “A polícia militar tinha ordens precisas. Nada podia manchar as comemorações oficiais do achamento. Mais uma vez o dia dos descobrimentos foi um dia negro para gentes que lá estavam, quando os portugueses chegaram ao Brasil.//” Mais adiante, também no off: “Protestam contra as desigualdades e exigem uma profunda reforma agrária./ Vivem num país que se orgulha de ser a nona potência mundial. Mas essas pessoas pouco ou nada tem.//” Depois, no final: “Na memória fica a marca de violência sobre uns e tempo de festa para outros.//” O texto da RTP é analítico, ele contextualiza as manifestações e a violência dentro de um cenário político e econômico, algo que vai além simples registro de enfrentamento do momento. É uma matéria que pensa o que está acontecendo, não fica só no relato da pancadaria.

Nas imagens, as cenas apresentam a testemunhalidade: o primeiro contraste é apresentado pelo PG da polícia avançando com escudos e PG do índio seminú com cocar,

¹² Gerador de caracteres: equipamento eletrônico construído para permitir a inserção de letras e números no vídeo. É usado para colocação de títulos, créditos, frases ou legendas sobre a imagem.

arco e flecha e logo após o PPP da perna com hematomas: vários policiais equipados com escudos e bastões, um índio com cocar, arco e flecha e uma perna com hematoma, ferida aberta. Isto é, vários policiais enfrentam um número ínfimo de índios, resultando em ferimentos. No enquadramento seguinte, PG de várias pessoas sentadas no chão, PM policiais agarrando manifestantes, manifestantes revidando, PM policial jogando manifestante no chão, PC soldados e manifestantes apartando a briga. É uma seqüência onde se identifica o coronel Müller em PM. Um grande número de manifestantes estão sentados sob o controle dos policiais. Um tenta revidar e é jogado ao chão, sobre outros manifestantes. O PG da polícia de choque jogando bombas de gás, PG marchando sob a chuva e PM atirando balas de borracha mostra a seqüência da ação da polícia. Os dois PG mostram os policiais a distância enquanto o PM identifica a ação. Os depoimentos através dos PP e PPP das pessoas que dão os depoimentos (o índio e a manifestante) servem também para identificar aqueles que estão tendo voz na matéria. Os protestos aparecem nas cenas: o PC nos manifestantes de braços dados gritando com a bandeira da CUT e uniforme EBCT, zoom in permite perceber melhor os manifestantes, de vários encontramos também um funcionário da EBCT que também reclama da falta de reajuste desde FH assumiu. O PC nos manifestantes gritando chicote de câmara , do outro lado polícia de choque, no final da matéria dá a impressão que o cinegrafista que está gravando a matéria dá a impressão que foi atingido pelos policiais. De uma maneira geral, se compararmos, com a Band e Record, a RTP utiliza mais imagens em PC e PM que as outras duas emissoras, isto é, está mais próxima do acontecimento (mesmo sendo uma emissora estrangeira).

TV BBC	
Programa: BBC News	Matéria: 500 anos do Brasil
Data: 23/04/00, 00h20min	Tempo: 1min44Seg
VIDEO	ÁUDIO
PM apresentador	(cabeça) <i>(...) os protestos incluíram muitos indígenas no nordeste do Brasil em Porto Seguro, onde os presidentes do Brasil e Portugal participaram das celebrações pelos 500 anos./</i>
QP PG mapa Brasil, localizando Porto Seguro	<i>A marcha foi parada por gás lacrimogêneo e balas de borracha, no local onde o navio português chegou há cinco séculos atrás.//</i>
PG FHC descendo do avião seguido p/ Jorge Sampaio	(OFF) As celebrações pelos cinco séculos do Brasil começaram com a chegada em Porto Seguro do presidente Fernando Henrique Cardoso e seu colega português Jorge Sampaio./
GPG regata no mar	As comemorações foram vistas do ponto mais alto da cidade histórica, incluindo uma regata com uma réplica do navio português da época de Cabral./
PG réplica da nau de Cabral	Próximo de Porto Seguro, <i>os turistas</i>

<p>PM policial detendo manifestante, PC jogando manifestante no chão, sobre outros manifestantes sentados</p>	<p><i>do local presenciaram protestos contra a exclusão social./</i></p>
<p>PPP manifestantes com lenço no rosto</p>	<p><i>Autoridades no local disseram que estavam tentando preservar a ordem./</i></p> <p><i>Os protestos incluíram um grande número de sem-terra e foram intencionalmente pacíficos.//</i></p>
<p>PM manifestantes gritando em coro</p>	<p>(sobe som: “Nossos direitos, nossos direitos”)</p>
<p>PPP casal se abraçando e chorando</p>	<p>(OFF)</p>
<p>PC indígenas em marcha com chocalhos</p>	<p><i>Num dos momentos mais acalorados da manifestação, os policiais utilizaram gás lacrimogêneo e balas de borracha contra os manifestantes./</i></p>
<p>PP câmera baixa pernas dos indígenas</p>	<p><i>A marcha dos indígenas também foi barrada pela ação dos policiais.//</i></p>
<p>PPP perfil rosto pintado de indígena</p>	<p>(Stand-up)</p>
<p>PG panorâmica do mar para st-up</p>	<p><i>A maior parte dos brasileiros, de origem branca, negra ou indígena, independente de sua posição política, são orgulhosos de seu país./</i></p>
	<p>O processo todo começou quando os</p>

	<p>portugueses chegaram a esta praia há 500 anos atrás./</p> <p><i>Sobre as comemorações, as pessoas daqui dizem que existe exploração e exclusão social há meio milênio./</i></p> <p><i>E sobre o futuro, eles dizem que deve ser de luta./</i></p> <p>Steven Spice, para BBC News, do nordeste do Brasil.//</p>
--	---

Quadro 7 – Script TV BBC I

TV BBC	
Programa: BBC News	Matéria: manifestações 500 anos Brasil
Data: 23/04/00, 00h20min	Tempo: 2min08Seg
VIDEO	ÁUDIO
PM apresentador	(Cabeça apresentador) Nosso correspondente Iain Bruce, em Porto Seguro, descreve os últimos acontecimentos de hoje.//
QP PP fotografia Iain Bruce ao lado de QP PG foto manifestação	(sobe som telefone- OFF correspondente) <i>Esta deveria ser a grande de festa de aniversário do Brasil./</i> <i>Mas foi o maior enfrentamento racial público feito por autoridades do governo brasileiro./</i>
GC: 500 anos de aniversário no Brasil Povos indígenas protestam contra as celebrações oficiais	Eu estava na linha de frente da marcha, com umas 3 mil pessoas, entre indígenas e negros./ E foi muito desagradável./
PM violência policiais contra manifestantes; PG policiais em pé, manifestantes no chão	<i>Era um movimento pacífico indo pela estrada com indígenas xavantes, com corpos pintados, falando sua língua, em marcha, no seu caminho./</i> <i>Eles estavam felizes, tranquilos em sua marcha, caminhando./</i> <i>Então a estrada foi bloqueada por um batalhão de choque./</i>

<p>PPP casal de manifestantes chorando</p> <p>PPP manifestantes com lenço no rosto</p> <p>PG manifestantes gritando em coro</p>	<p><i>A marcha parou./</i></p> <p><i>Não houve nenhum tipo de provocação./</i></p> <p><i>A polícia começou a lançar gás lacrimogêneo na multidão./</i></p> <p><i>Inclusive eu fiquei com boca cheia de gás lacrimogêneo./</i></p> <p><i>Os policiais vieram agressivos, batendo, xingando e correndo atrás das pessoas.//</i></p>
<p>PM apresentador</p>	<p>(Cabeça apresentador)</p> <p><i>Isso teria sido organizado por alguém?/ Pela polícia local?/</i></p> <p>(OFF correspondente)</p>
<p>PC indígenas em marcha ritmada</p> <p>Repete fotos Iain e manifestação</p>	<p><i>Com certeza./ Eles fizeram toda essa bagunça./ É difícil pensar que alguém tenha organizado aquela confusão toda./ Eram solicitações de indígenas pelos seu direitos, daquilo que lhes foi roubado./ Há cinco séculos atrás, os europeus mataram 90% dos indígenas brasileiros./ É difícil se imaginar esse tipo de coisa novamente./ Policiais atirando gás lacrimogêneo e balas de borracha numa manifestação de indígenas, depois de 500 anos.//</i></p>

PM apresentador	(Cabeça apresentador) Você acha que pode haver mais problemas?/
Repete fotos Iain e manifestação	(OFF correspondente) Acho que não./ <i>Acho que agora terminou./ Os dois presidentes foram embora./ Os índios finalizaram a conferência de uma semana./ Agora os índios vão pegar seus ônibus e bagagem começando uma longa jornada./ Foram uns 3 ou 4 mil quilômetros para essa marcha./ Eu acho que tudo terminou./ Mas eu acho que nos restou um gosto muito amargo.//</i>
PM apresentador	(Cabeça apresentador) Iain nos deu as últimas notícias.//

Quadro 8 - Script TV BBC II

Nas matérias da BBC as vozes são do apresentador, do off, do repórter que está em Porto Seguro e do correspondente que participou da marcha dos índios, estas são as vozes da mídia. Não são apresentadas vozes externas à empresa, nas duas matérias.

Quanto aos textos, desde a cabeça do apresentador, falam dos protestos e da repressão policial, fazendo referência aos 500 anos de história, é um texto mais analítico: “...os protestos incluíram muitos indígenas no nordeste do Brasil. Aqui o que os turistas presenciam não é uma festa, mas protestos contra a exclusão social: “Próximo de Porto Seguro, os turistas do local presenciaram protestos contra a exclusão social. Autoridades no local disseram que

estavam tentando preservar a ordem./ Os protestos incluíram um grande número de sem-terra e foram intencionalmente pacíficos./” O stand-up do repórter fala das várias etnias que compõem o povo brasileiro, desde a chegada do colonizador português, e da exploração e exclusão social que existe há mais de meio milênio. Na segunda matéria da BBC, o texto do correspondente que acompanhou a marcha dos índios, descreve a repressão policial contra os indígenas e compara com a ação exercida com a chegada dos portugueses no Brasil: “Há cinco séculos atrás, os europeus mataram 90% dos indígenas brasileiros. É difícil se imaginar esse tipo de coisa novamente. Policiais atirando gás lacrimogêneo e balas de borracha numa manifestação de indígenas, depois de 500 anos./”

Nas imagens da BBC, assim como da RTP, existe uma maior utilização de enquadramentos em PP, PPP, PC e PM. Em termos de imagens, isso vai além do relato, passa de uma função narrativa de imagem (PC da marcha dos indígenas) para uma função psicológica, indicativa (o desespero, a agonia dos manifestantes que estão sentados com o lenço no rosto ou o casal chorando abraçados). Na segunda matéria da BBC, enquanto o apresentador conversa com o correspondente e se repetem as imagens do manifestante sendo derrubado pelo coronel além do isolamento dos manifestantes, todos sentados no chão, com policiais em pé ao redor, isso apresenta uma ênfase no controle policial, na repressão às manifestações, que conforme dizem o repórter e o correspondente, “era uma manifestação pacífica” e a ação partiu dos policiais. A repetição da imagem é útil para a compreensão. No cinema, no lugar de repetição chamamos de duplicação, isto é, o uso de distintos meios para expressar o mesmo, serve para recordar a informação que havia sido dada anteriormente, por diferentes maneiras.

TV Globo	
Programa: Jornal Nacional Data: 22/04/00, 20h15min	Matéria: Porto Seguro e os 500 anos Tempo: 3min03Seg
VIDEO	ÁUDIO
PM Chico Pinheiro	(Cabeça Chico Pinheiro)
GC: Chico Pinheiro	Boa noite./
	<i>Festa e protesto nos 500 anos de descobrimento do Brasil./</i>
	<i>A cidade de Porto Seguro, palco das comemorações oficiais, foi cercada por barreiras da polícia./</i>
	O aniversário foi comemorado em terra e no mar.//
	(OFF)
GPG cidade Porto Seguro PG palmeiras balançando ao vento	O vento sul chegou na madrugada./
	Porto Seguro amanheceu deserta./
PG turistas	Mas <i>alguns turistas enfrentaram a tempestade e foram homenagear o Brasil./</i>
	(sobe som turista1)
PP turista GC: Maria Madalena Scheren, prof.	Se não fosse a chuva, Cabral não teria aportado aqui.//
	(OFF)
PP turista argentina	Esta senhora argentina veio conhecer a terra que tanto admira.//

<p>GPG turistas nas ruas</p> <p>PP turistas Panorâmica PM banda municipal</p> <p>PM repórter</p> <p>GC: José Raimundo Porto Seguro, Bahia</p> <p>GPG marcha sem-terra Câmera baixa, PP pés caminhando</p> <p>PM manifestantes e policiais em barreira Câmera alta, GPG bandeiras PSTU, MST</p> <p>GPG queimando pneus nas ruas, PP pneu em fogo e manifestantes</p>	<p>(sobe som turista2)</p> <p>E viva o Brasil./</p> <p>(OFF)</p> <p>O sol não apareceu./</p> <p>Mas a chuva parou./</p> <p>Visitantes e moradores comemoraram na praça.//</p> <p>(stand-up Raimundo)</p> <p><i>Quem não amanheceu hoje em Porto Seguro, dificilmente conseguiu chegar à cidade./</i></p> <p><i>Os acessos foram bloqueados./</i></p> <p><i>A polícia recebeu ordem de impedir a entrada de manifestantes na festa dos 500 anos.//</i></p> <p>(OFF)</p> <p><i>Os sem-terra ficaram acampados em Eunápolis a 62km./</i></p> <p><i>Por causa das barreiras policiais, eles decidiram não ir à Porto Seguro./</i></p> <p><i>Mas interditaram a BR 101 por 45 minutos para protestar./</i></p>
---	---

<p>GPG barreiras policiais ônibus zoom in</p> <p>PM 2 Pchoque c/ cacetetes e escudos batendo em um negro, derrubando-o no chão</p> <p>PM mulher gritando c/ Pchoque, zoom out GPG Pchoque empurrando mulher p/ grupo Pchoque</p> <p>PM marcha índios, câmera alta, PA passeata</p> <p>PG Pchoque avançando sob chuva com escudos e cacetetes; PM contraplano Pchoque avançando; PG atirando balas de borracha e gás lacrimogêneo</p> <p>GPG índio de joelhos e braços abertos sob a chuva na estrada; PG índio levanta e tenta impedir Pchoque; PG Pchoque avançando e atirando; PG índio na estrada, deitado e Pchoque passando por cima, jogando bombas de gás e balas de borracha</p> <p>GPG manifestantes sob chuva; PM índio sendo carregado para ambulância</p> <p>PP mulher</p>	<p><i>Em Santa Cruz da Cabrália, a 22 km de Porto Seguro, o primeiro confronto de manifestantes com a polícia militar./</i></p> <p><i>Estas imagens, feitas por um cinegrafista amador, mostram um homem sendo agredido por policiais./</i></p> <p><i>A mulher dele foi cobrar explicações e acabou sendo empurrada./</i></p> <p>Os índios que estavam em Cabrália, decidiram seguir para Porto Seguro./ E foram acompanhados por outros manifestantes./</p> <p><i>De longe, a polícia lançou bombas de gás, para dispersar./</i></p> <p><i>Este índio se afastou do grupo e foi pedir calma para os policiais./</i></p> <p>Quatro manifestantes ficaram feridos.//</p> <p>(sobe som mulher)</p> <p><i>Deveria ser uma festa./ Está sendo uma baderna.//</i></p>
--	--

<p>PG índios caminhando</p>	<p>(OFF) A polícia acabou liberando os índios./ <i>Quem não passou, tentou negociar./</i> <i>Mas não houve acordo.//</i></p>
<p>PP Cel. Wellington discutindo e empurrando manifestante</p>	<p>(sobe som manifestante/ coronel) Baixa o dedo, também./ Não me empurra, não.//</p>
<p>PM 2 homens chegando; GPG Pchoque ao fundo; PM falando com policiais</p>	<p>(OFF) O conflito foi resolvido pelo juiz de Santa Cruz da Cabrália que liberou os manifestantes para irem embora./</p>
<p>GPG cais do porto</p>	<p>No fim da tarde, a festa foi no cais de Porto Seguro./</p>
<p>PG câmera alta, bandeira Brasil, pessoas acenando; GPG 2 barcos chegando zoom in PG família acenando do barco</p>	<p>Uma multidão foi aguardar a chegada da família Schurmann./</p>
<p>PP casal se abraçando</p>	<p>Depois de quase dois anos e meio dando a volta ao mundo pelo mar, o veleiro do capitão Vilfredo atracou no porto./</p>
<p>GPG aviões esquadrilha da fumaça</p>	<p>A aventura mereceu saudação da esquadrilha da fumaça.//</p>
<p>PP Vilfredo GC: Vilfredo Schurmann, velejador</p>	<p>(sobe som Vilfredo) De voltar a minha pátria./ De ver essa gente, essa alegria./ Eu não tenho o que falar./</p>

<p>PA menina c/ bandeira Brasil</p> <p>PA menino índio zoom in, panorâmica crianças se encontrando</p> <p>PG menina dá bandeira p/ PM menino índio PM crianças se abraçam</p>	<p>Eu tô muito emocionado.//</p> <p>(OFF)</p> <p><i>Keti, a caçula da família Schürmann, fez uma homenagem ao filho de um cacique pataxó./</i></p> <p>A bandeira do Brasil e o abraço, simbolizam um pedido de paz.//</p>
---	---

Quadro 9 – Script TV Globo I

Na matéria da Globo, as vozes são apresentadas pela cabeça de Chico Pinheiro, pelo off e o stand-up do repórter, enquanto vozes da empresa Globo. As vozes externas são das duas turistas (brasileira e argentina), da mulher e de Vilfredo.

Quanto aos textos, a Globo traz na cabeça a festa e o protesto no palco das comemorações, em Porto Seguro. O off começa a identificar o cenário das comemorações, com o entusiasmo das turistas. O stand-up traz os bloqueios a entrada de manifestantes. O off a seguir, fala das barreiras, dos protestos, dos confrontos, enfrentamentos e termina a matéria com o “final feliz” a chegada da família Schürmann no Brasil. É o lado pitoresco da matéria. Depois do protesto, do enfrentamento, da repressão, tudo termina bem: é a felicidade de brasileiros que viajavam pelo mundo e retornam ao Brasil. O encontro da caçula dos Schürmann com o filho de um índio pataxó, entregando a bandeira brasileira com o abraço simbolizando o pedido de paz. Na verdade, mesmo que a Globo tenha apresentado os protestos e enfrentamentos, o contexto é de festa e comemoração: é o Brasil multirracial, o show das etnias.

Quanto às imagens, na Globo predominam imagens em GPG (grande plano geral), o cinegrafista está distante do que está acontecendo, é um contexto que existe mas está longe, distante. As imagens mais fortes em PM são dos negros que estão enfrentando os policiais, mas são imagens de um cinegrafista amador, não são da empresa. Os PP das matérias são dos turistas e dos Schürmann. Dois momentos de maior trabalho de câmera são a chegada dos Schürmann (GPG 2 barcos chegando zoom in PG família acenando do barco) e o encontro do indiozinho e da menina (PA menino zoom in, panorâmica crianças se encontrando PG menina

dá bandeira p/ menino índio PM crianças se abraçam).É o lado pitoresco da matéria. O maior trabalho de câmera é para o lúdico e não para o protesto e violência. Um Brasil com várias etnias que convivem juntas e o abraço entre duas crianças de etnias diferentes tem um valor maior e perdoa qualquer protesto ou ação de violência. É a maneira que a emissora atenua o protesto e a violência nos 500 anos.

TV Globo	
Programa: Jornal Nacional	Matéria: missa do descobrimento
Data: 26/04/00, 20h15min	Tempo: 1min10seg
VIDEO	AUDIO
PP Fátima	(cabeça Fátima) <i>Os 500 anos da primeira missa</i> no Brasil foram comemorados hoje em Coroa Vermelha na Bahia, <i>com um pedido de perdão da Igreja.</i> //
PP panorâmica índios GC: Coroa Vermelha, BA	(off) <i>Os índios pataxós só aceitaram participar da missa se pudessem se manifestar.</i> /
PG índios sentados cobertos com lona preta	E logo no começo da celebração, o presidente da CNBB, <i>d. Jayme Chemello fez o pedido de desculpas.</i> //
PG altar com cruz e praia ao fundo	(sobe som d. Jayme)
PM d. Jayme Chemello	<i>Nós queremos hoje pedir perdão ao índio.</i> /
PPP índio; PC d. Jayme e d. Angelo Sodano	<i>Também nós queremos pedir perdão à raça negra.</i> //
PC/PM negras baianas	(off)
PG índios em fila carregando faixa preta, PA/PG subindo as escadas	<i>A caminho do altar, os índios carregaram uma faixa preta em sinal de luto.</i> /
PG índios e cruz ao fundo; PPP índia	<i>Depois pediram a demarcação para</i>

<p>PP índio idoso</p>	<p><i>as terras e respeito pelos povos indígenas.//</i></p> <p>(sobe som índio)</p>
<p>PPP índio fazendo discurso</p>	<p><i>500 anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito./</i></p>
<p>PG altar c/ índio discursando e cruz ao fundo zoom out PPP rosto de índio pintado</p>	<p><i>Aonde vocês estão pisando, vocês tem que ter respeito./</i></p>
<p>PG altar com índios e platéia de religiosos vestidos de branco</p>	<p><i>Porque essa terra pertence a nós.//</i></p> <p>(off)</p>
<p>PP Daniela Mercury cantando</p>	<p>Debaixo de chuva, a cantora Daniela Mercury encerrou o encontro cantando Ave Maria de Vicente Paiva e Jaime Redondo./</p>
<p>PG carregando imagem de Santa PPP bandeira do Brasil</p>	<p>(sobe som Daniela cantando)</p>

Quadro 10 – Script TV Globo II

Na matéria da Missa, as vozes da Globo são a cabeça de Fátima, a voz em off, como vozes da empresa Globo. As vozes externas estão em sobe som, isto é, não é dado o depoimento, a entrevista, mas se capta o som do momento, e são de d. Jayme, do índio e de Daniela Mercury cantando.

Quanto aos textos, a cabeça de Fátima fala do pedido de perdão da Igreja. A voz em off fala da participação dos índios através de uma manifestação durante a missa e do protesto dos indígenas com a faixa preta e o discurso do índio. O depoimento do índio através do sobe som registra o preconceito e a exclusão social (“500 anos de sofrimento, de massacre, de

exclusão, de preconceito. Aonde vocês estão pisando, vocês tem que ter respeito. Porque esta terra pertence a nós.”). O final é feliz: Daniela Mercury cantando Ave Maria.

As imagens da Globo tem predomínio de imagens em PG, o cinegrafista está longe do acontecimento. Quando se quer mostrar o cenário, o contexto, se utilizam imagens em PG. Por outro lado, a Igreja pedindo perdão também é algo distante, como se junto corresse no tempo e não fizesse mais parte do presente de quem vê essas imagens. As imagens em PP são dos índios: aqueles que estão recebendo o perdão e que sentem excluídos socialmente, aqueles que, em outras palavras, estariam sendo homenageados.

TV Bandeirantes

Programa: Jornal da Noite

Matéria: protestos na missa

Data: 27/04/00, 00h05min

Tempo: 1min37Seg

VIDEO	ÁUDIO
PM Sérgio Rondino	(cabeça Sérgio) <i>Protestos e um pedido de perdão da Igreja para os índios marcaram a missa dos 500 anos de cristianismo no Brasil./</i> A celebração foi debaixo de chuva./ 20 mil pessoas assistiram a missa rezada por 300 religiosos em Santa Cruz Cabrália, na Bahia.//
PG caravela no mar zoom out	(off) No mar, uma réplica de caravela./
PG pessoas caminhando sob chuva	Na terra, gente vinda de todo o país./
PG panorâmica público c/ guarda-chuvas	E no céu, muita chuva./
PG panorâmica público e altar	<i>A missa dos 500 anos reuniu menos fiéis do que o esperado./</i>
PG cruz, altar e mar ao fundo	Na homilia, o legado pontifício do Vaticano, <i>o cardeal Angelo Sodano,</i>
PM cardeal Angelo Sodano	<i>lembrou a evangelização brasileira, o papel da igreja na família e destacou as riquezas das terras brasileiras.//</i>
PP público câmera alta	(stand-up Kiko)
PG mulher negra baiana subindo escada c/ religioso negro	<i>Os índios tiveram voz na missa dos 500 anos./ E não deixaram passar a</i>
PP Kiko	
GC: Kiko Ribeiro, Santa Cruz Cabrália, BA	

	<p><i>oportunidade para fazer um relato de 5 séculos de violência e extermínio.//</i></p>
PG altar com índios zoom out	<p>(off)</p> <p><i>O índio matalauê pataxó foi duro com a sociedade brasileira e com a Igreja.//</i></p>
PP índio discursando	<p>(sobe som índio)</p> <p><i>Aonde vocês estão aí pisando, aí é nossa terra./</i></p>
PG altar e público	<p><i>Aonde vocês estão pisando, vocês tem que ter respeito./</i></p> <p><i>Porque essa terra pertence a nós.//</i></p>
PA/PC 3 religiosos PPP negro	<p>(off)</p> <p><i>A Igreja pediu perdão, não só aos índios mas aos negros, também.//</i></p> <p>(sobe som Angelo Sodano)</p>
PP d. Angelo discursando	<p>Se pudéssemos parafrasear o Santo Padre, diríamos que <i>Deus renovou sua aliança com o Brasil.//</i></p>
PG altar com religioso discursando e mar ao fundo	<p>(off)</p> <p>No final, Daniela cantou sob chuva forte.//</p>
PA Daniela perfil cantando sob chuva	

	(sobe som Daniela cantando)
--	-----------------------------

Quadro 11 – Script TV Bandeirantes II

As vozes da missa transmitida pela Band são da cabeça de Sérgio Rondino (o apresentador), da voz em off, e do repórter como vozes da Band. As vozes externas são também em sobe som: do índio, de d. Angelo e Daniela cantando.

Quanto aos textos, a cabeça de Sérgio (o apresentador), inicia com o protesto e o pedido de perdão. O primeiro off fala da celebração da missa e o conteúdo da homilia: a evangelização brasileira, o papel da igreja na família e as riquezas das terras brasileiras. Esse off não dá continuidade à cabeça; aparentemente está deslocado, como se necessitasse de um texto para utilizar as imagens captadas. O texto do repórter é sobre a voz dos índios na missa e o relato de 5 séculos de violência e extermínio. O off continua com um pedido de perdão também aos negros. É a conjunção de etnias brasileiras concluída com o sobe som de d. Angelo: “Se pudéssemos parafrasear o Santo Padre, diríamos que Deus renovou sua aliança com o Brasil.” No final o off sobre Daniela cantando sob forte chuva. Nem a meteorologia ajudou.

Quanto às imagens, a Band utiliza muitos enquadramentos em PG (altar, público) mas equilibra com o PP (índio, negro e d. Angelo). É o contraponto do cenário com o “ator”. Dá indícios, em termos de imagem, que a celebração da missa é algo distante, mas que possui seus representantes que estão em PP. As imagens são um relato do evento.

7.1 FRAMES DOS TELEJORNALIS COM ELEMENTOS DA LINGUAGEM CINEMATOGRAFICA

Neste momento é analisada a unidade da informação televisiva, isto é, o *frame*¹³. Para tanto, foram selecionadas imagens das matérias dos telejornais dos dias 22 e 26 de abril sobre o protesto e a violência durante as comemorações dos 500 anos. Do segmento anterior, foram identificadas vozes, texto e imagens e seccionadas partes de vídeo (e áudio correspondentes), organizados por assunto, procurando identificar as marcas de protesto e violência através de conceitos da linguagem cinematográfica.

Os telejornais (Jornal da Band, Jornal Nacional, Jornal da Record, Jornal da RTP e BBC News) foram gravados do ar, enquanto estavam sendo retransmitidos, no sistema PAL-M. Eles foram transcodificados para NTSC para serem trabalhados no programa Adobe Premiere. Daí foram isolados *frames* representativos do protesto e da violência nas comemorações dos 500 anos.

Num primeiro momento os *frames* são organizados por assunto. Para análise, são utilizados os conceitos apresentados no capítulo 3: quadro, marco, campo, fora de campo, perspectiva, profundidade de campo, planos e enquadramentos, movimentos de câmera e lente, seqüência, ponto de vista, movimento, ritmo e segmento sonoro.

O **protesto** pela comemoração dos 500 anos de Descobrimento do Brasil e pela Primeira Missa fica registrado através da marcha, do fechamento das estradas com queima de pneus, de vestimentas, de faixas de protesto no Rio de Janeiro e em Coroa Vermelha, pelas bandeiras e através do discursos na forma de imagens. Em primeiro lugar, será analisada a marcha.

¹³ *Frame*: quadro. Imagem eletrônica completa, constituída por um número determinado de linhas de varredura. No padrão brasileiro PAL-M, corresponde a 525 linhas e dura 1/30 de segundo.

Marcha



Figura 1 – Marcha (Jornal da Band)

Na Bandeirantes (Jornal da Band, 22/04/00, 19h30min), as imagens estão em câmera alta, PP/PG índios pintados em marcha (perfil), com o texto em *off* “Os índios estavam reunidos em Santa Cruz Cabralia, desde terça-feira./ Eles participaram de uma conferência./ Hoje de manhã eles saíram para fazer uma manifestação em Porto Seguro.”/



Figura 2 – Marcha (JN)

Nas imagens da Globo (Jornal Nacional, 22/04/00, 20h15min), tem-se câmera baixa, PP pés caminhando, com o texto em *off* “Os sem-terra ficaram acampados em Eunápolis a 62km”./



Figura 3 – Marcha (Jornal da Record)

Nas imagens da Record (Jornal da Record, 22/04/00, 19h15min), a cena está em PP/PG câmera alta, índios pintados em marcha, com texto em *off* “A tarde, os índios pintados e enfeitados saíram em marcha para Porto Seguro.”/

O marco dessas três imagens é a marcha de índios e sem-terra. O campo é a caminhada que eles pretendem fazer para chegar ao palco das comemorações dos 500 anos, Porto Seguro. O fora de campo dessas três imagens está determinado pelo espaço *off* e pelos índios que não ficam completamente enquadrados e o corpo dos sem-terra, que são vistos somente da canela para baixo. Quanto à profundidade de campo, as imagens da Record e da Band possuem um primeiro plano (PP) nos índios, mostrando profundidade de campo para identificar a quantidade de índios (PG) que estão em marcha. Na imagem da Globo, a imagem dos pés dos sem-terra é quase chapada, isto é, os pés estão todos a uma mesma distância (PP), trilhando um caminho. Pensando sobre a escala, as imagens de primeiro plano dos índios na Record e na Band mostram a direção dos olhares, a expressão facial daqueles que estão mais próximos da câmera. A imagem da Globo apresenta os pés com chinelos e sandálias. O ponto de vista dos índios é feito por uma câmera alta; dos sem-terra, por uma câmera baixa; nas três imagens identifica-se uma grande quantidade de manifestantes. O som das três imagens é identificado somente pelo *off*.

Fechamento das Estradas



Na Record (Jornal da Record, 22/04/00, 19h15min), as imagens estão em PP fogo e fumaça, GPG manifestantes ao fundo, com texto em *off* “Os sem-terra saíram em passeata pela BR. / Colocaram fogo em pneus e bloquearam a estrada por uma hora.”//



Figura 4 – Fechamento das Estradas (Jornal da Record)

Na Globo (Jornal Nacional, 22/04/00, 20h15min), as imagens em PP fogo, PM/PA manifestantes; GPG pneu fogo e manifestantes; é seqüência com o *off* “Mas interditaram a BR-101 por 45 minutos para protestar.”/

O quadro ou *frame* do Jornal da Record apresenta a fumaça e o fogo em primeiro plano e os manifestantes ao fundo. A imagem em si não apresenta uma conexão direta entre a ação de primeiro plano (fumaça/fogo) com os manifestantes ao fundo. Enquanto que o primeiro quadro da Globo dando um primeiro plano para o fogo e a metade do quadro para dois manifestantes, com a menina rindo, dá uma sensação de relação, de autoria da ação, do fogo que está queimando. O segundo quadro da seqüência localiza dois pneus queimando entre manifestantes, dando idéia do cenário, da localização onde isso acontece. O marco na imagem da Record e na seqüência da Globo é o fogo produzido pela queima dos pneus. O fogo nos pneus, nas duas emissoras, tem por objetivo comunicar a interdição e o bloqueio da estrada pelos sem-terra como meio de protesto. Este é o espaço fora de campo, o *off*. O campo é a estrada, a BR. A profundidade de campo no quadro da Record apresenta um distanciamento dos manifestantes com o fogo (alguns manifestantes estão de costas para o fogo queimando); enquanto que no primeiro quadro da Globo, a profundidade de campo é menor, o quadro está quase que dividido simetricamente dando um indício de proximidade dos jovens com o fogo. No segundo quadro da Globo, algumas pessoas estão voltadas para o fogo, como se ele tivesse algum sentido para elas. O ponto de vista no quadro da Record é de uma fumaça resultante de um fogo que queima, independente de quem o tenha causado. O agente do fogo fica esclarecido no *off* (sem-terra). No quadro da Globo, o fogo pode ter sido causado por um casal de jovens, que estão inseridos num grupo que está voltado para este fogo. A seqüência dos quadros da Globo apresenta o fogo produzido dentro de um contexto onde mais de um pneu está sendo queimado. Quanto ao som, nas duas emissoras é predominante o *off* do repórter, a narração do repórter. No quadro da Record, o som ambiente da gritaria nos manifestantes está junto com o *off*, mixado. Na seqüência da Globo, no segundo quadro, é dado um “sobe som” ao som ambiente, à gritaria dos manifestantes.

Vestimenta



Figura 5 – Vestimenta (Jornal da RTP)

Na RTP (Rádio e Televisão Portuguesa) (Jornal da RTP, 22/04/00, 23h50min), as imagens em PM/PA mostram manifestante com chapéu onde está escrito “O sonho acordou” e camiseta “Fora FHC e FMI”, contraplano chapéu “Revolução” e camiseta “CNESP”¹⁴ é seqüência. O *off* “As estradas para Porto Seguro estavam cortadas./ Protestam contra as desigualdades e exigem uma profunda reforma agrária./”

O protesto é expresso pela vestimenta. O marco do quadro é a manifestante idosa com um grande chapéu com as frases “O sonho acordou” e camiseta com a chamada “Fora FHC e FMI”, contraplano chapéu “Revolução” e camiseta “CNESP”. O campo é o espaço onde estão os manifestantes. A profundidade de campo apresenta primeiramente a manifestante com chapéu e camiseta com uma pequena distância entre os outros manifestantes do DCE, PSTU e MST que estão em plano geral no primeiro *frame* e grande plano geral, plano geral e plano médio no segundo *frame*. Trata-se de movimento da senhora que aparece de frente e se vira de costas; esta imagem seqüencial possui um movimento físico. O único som da matéria é do *off* do repórter; a matéria não apresenta o som ambiente. A manifestante se destaca do grupo por vestir uma camiseta maior que ela, com palavras de ordem de protesto. São letras brancas escritas sobre fundo preto, tanto na camiseta como no chapéu. O movimento físico da manifestante de virar-se, mostrando que o protesto está na frente e nas costas, na camiseta e no chapéu, mostra que o protesto também se movimenta e dá sua assinatura CNESP. CNESP é quem diz que “O sonho acordou”, “Fora FHC e FMI” e “Revolução”; o CNESP pensa que deve-se estar alerta para os sonhos e exigir a saída de FHC e do FMI, através da revolução. O protesto ambulante é radical.

¹⁴ CNESP: Coordenação Federal dos Servidores Públicos Federais.

Faixa no Centro do Rio de Janeiro



Figura 6 – Faixa no Rio (Jornal da RTP)

Na RTP (Jornal da RTP, 22/04/00, 23h50min), as imagens estão em PM da faixa, panorâmica horizontal, com *off* “Na Quinta-feira no Rio de Janeiro, o cenário foi este.”

No Centro do Rio de Janeiro, manifestantes protestam contra as comemorações dos 500 anos. O quadro da imagem procura enquadrar a faixa de protesto. O marco da imagem é a faixa de protesto. O campo da imagem é o centro do Rio de Janeiro onde ocorrem os protestos contra as comemorações dos 500 anos. O espaço fora do campo é mostrado de várias maneiras através do *off* do repórter; da faixa, pois ela não é mostrada por inteiro, tem-se uma panorâmica horizontal sobre ela; do olhar da moça que está paralelo à faixa e também não aparece por inteiro; da moça que está em frente à faixa. O foco da imagem se dá para a faixa e se faz uma panorâmica horizontal sobre ela. O ponto de vista se concentra nos dizeres da faixa “500 anos de merda”. O movimento é determinado pelo eixo da câmera que passeia sobre a faixa. O segmento sonoro é expresso somente pelo *off* do repórter. O discurso da faixa é enfatizado.

Faixa na comemoração pela Primeira Missa rezada no Brasil em Coroa Vermelha



Figura 7 – Faixa Primeira Missa (JN)

Na Globo (Jornal Nacional, 26/04/00, 20h15min), as imagens estão em PP/PC panorâmica horizontal índios e PM/PG índios sentados cobertos com lona preta, câmera alta; é seqüência. O *off*: “Os índios pataxós só aceitaram participar da missa se pudessem se manifestar.”

O primeiro quadro apresenta os pataxós em primeiro plano, juntos. No segundo quadro, em seqüência apresenta os índios sentados em fila lateral de plano médio para plano geral, cobertos com lona preta. O marco são os índios. O campo é a celebração pelos 500 anos da Primeira Missa rezada no Brasil com a presença dos descendentes de nativos que aqui já existiam. O fora do campo é representado pela voz em *off* do repórter. No primeiro quadro, a profundidade de campo é percebida com os religiosos que se encontram atrás dos índios; os índios estão no primeiro plano da lente. A profundidade de campo do segundo quadro fica clara com os índios sentados lado a lado com a faixa estendida sobre eles. O índio que está mais próximo da lente está em plano médio; os outros aparecem sucessivamente em plano geral, dando idéia de um grande número de índios cobertos pela lona. A seqüência dá indícios que os nativos da terra, mesmo com a presença dos religiosos, protestam e para tornar isso claro apresentam a faixa preta, que é algo comum entre eles (são vários os que estão sentados em fila cobertos pela faixa preta). O ponto de vista é que estão presentes e não aceitam o que está sendo comemorado. O ritmo é rápido; o protesto é evidenciado a partir da exibição inicial dos índios (em PP e PM no mesmo quadro) seguida da caminhada com a faixa de protesto até o altar: é uma seqüência. O segmento sonoro é apresentado pelo *off* e a música de fundo. Neste segmento o sobe som ambiente é da música que está sendo cantada.



Figura 8 – Faixa Primeira Missa (JN)

Na Globo (Jornal Nacional, 26/04/00, 20h15min), as imagens estão em PA/GPG com índios em fila carregando lona preta; PA/GPG índios carregando lona preta e subindo o altar;

é seqüência. O *off* “A caminho do altar, os índios carregaram uma faixa preta em sinal de luto”.

O quadro destes dois *frames* são os indígenas carregando uma faixa preta em meio a vários celebrantes da Primeira Missa rezada no Brasil. Em ambos os *frames* os indígenas estão simetricamente colocados: o espaço foi dado a eles. O marco é a praia de Coroa Vermelha onde se realizam as comemorações pela Primeira Missa rezada no Brasil. O campo é o altar construído para as comemorações pela Primeira Missa. Os que estão ao redor dos índios em capa branca, na maioria religiosos, têm os rostos voltados para a fila dos indígenas, sendo esse também o espaço de campo. O espaço fora de campo é o *off* que acompanha a seqüência, junto com a música que fica em *back ground*, além dos olhares dos indígenas que estão andando em fila reta e subindo as escadas do altar, que estão fora do campo. A profundidade de campo se expressa pelo plano americano do primeiro índio da fila carregando a faixa, e os que estão bem mais atrás em grande plano geral. No segundo *frame*, através do plano americano do índio que está mais próximo da lente do grande plano geral dos índios carregando lona preta e subindo o altar, além de todos que estão com capa branca ao fundo. Pela montagem da seqüência e relacionando com a imagem anterior onde os indígenas aparecem sentados com a faixa, linearmente, conclui-se que eles se levantaram das cadeiras, ajeitaram a faixa e subiram as escadas em direção ao altar, como se isso estivesse dentro do protocolo da cerimônia. O ponto de vista é o de quem estava à margem (sentados, cobertos com a lona preta); depois se centralizam, se organizam (formam fila) e chegam ao altar (sobem ao altar para protestar). O segmento sonoro se dá através do *off* e da música cantada ao fundo que, no final do *frame*, fica em “sobe som”.

Discurso

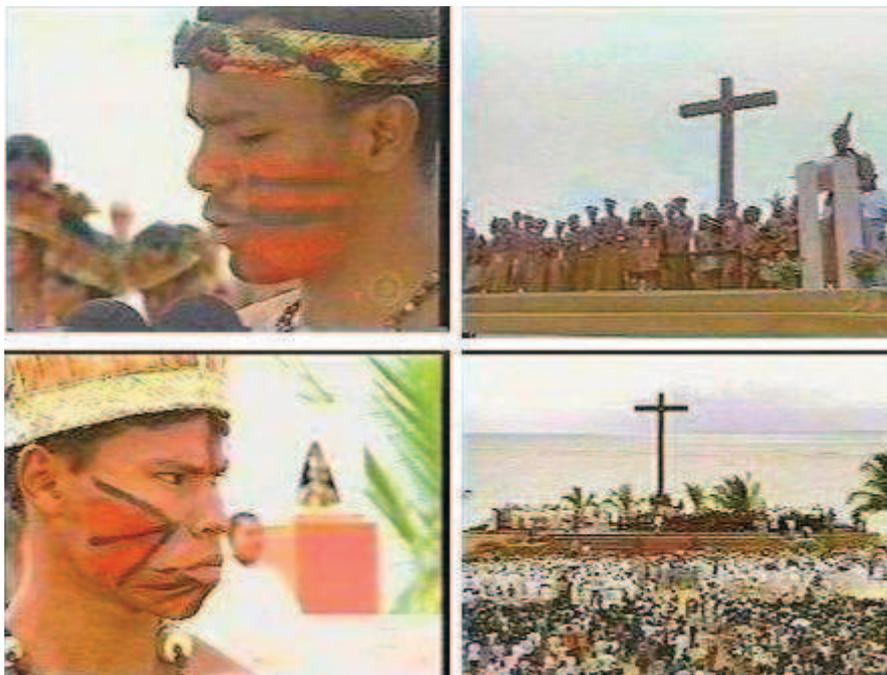


Figura 9 – Discurso (JN)

Na Globo (Jornal Nacional, 26/04/00, 20h15min), as imagens estão em PPP índio fazendo discurso (perfil); PG altar com índio discursando *zoom out*; PPP índio pintado (perfil); PG altar com índios e platéia de religiosos com capa branca; é seqüência com *off* “500 anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito./ Aonde vocês estão pisando vocês tem que ter respeito./ Porque esta terra pertence a nós./”

O quadro desta seqüência é o discurso de protesto dos indígenas no altar onde estão sendo celebrados os 500 anos pela Primeira Missa rezada no Brasil na praia de Coroa Vermelha. O marco dessa seqüência é o discurso de protesto dos indígenas pelos 500 anos de sofrimento, de massacre, de exclusão, de preconceito. O campo é o altar na praia de Coroa Vermelha. O fora de campo está no texto que o índio está lendo e não está sendo mostrado; o fora de campo está na direção do olhar dos indígenas; está no espaço que o índio pintado está olhando; o fora de campo está na direção para qual a platéia está voltada e no *off* do índio quando este está falando e estão aparecendo os três *frames* anteriores (excetuando o primeiro *frame* onde aparece em primeiríssimo plano o índio que discursa). A profundidade de campo é percebida no segundo *frame* quando do altar em plano geral onde o índio está discursando é feito um *zoom out* (afastamento) da imagem focalizada. No quarto *frame*, também se percebe a profundidade de campo pela distância que se estabelece entre o índio que está discursando

no altar e toda platéia. O primeiro e terceiro *frames* estão em primeiríssimo plano, ficando a imagem chapada na lente, isto é, a imagem dos índios é o elemento de destaque nos quadros, tornando percebida sua expressão facial. O movimento de afastamento da objetiva, *zoom out*, mostra o cenário geral da celebração da missa: o altar na praia de Coroa Vermelha, tendo ao fundo o mar, cercado de platéia. A seqüência de primeiríssimo plano para plano geral, nos dois momentos, permite localizar os indígenas no altar da praia de Coroa Vermelha, tendo como elemento duplicado tanto o índio como o altar; é uma referência de localização e de autoria do protesto. O ponto de vista desta seqüência é dado pela expressão de seriedade dos indígenas em primeiríssimo plano tanto da leitura do discurso como do olhar e do contexto em que se apresenta o altar na praia rodeada de público. O movimento é físico; de mudança de ponto de vista a partir do enquadramento (de primeiríssimo plano para plano geral). O ritmo é rápido. O segmento sonoro nesta seqüência é dado pelo discurso do índio em quadro e em *off*, quando o índio fala e são mostrados *frames* do altar e de outro índio.

Além dos protestos contra a celebração dos 500 anos de descobrimento do Brasil e da Primeira Missa realizada no Brasil, os telejornais também apresentaram a demonstração de força do aparato militar. É o que se vê a seguir.

Demonstração de Força dos Militares

A demonstração de força pelo aparato militar pode ser identificada pelos policiais de choque (Pchoque) em quantidade e sem identificação, armados e bem preparados correndo com escudos e cassetetes atrás dos manifestantes.

Na Record (Jornal da Record, 22/04/00, 19h15min), as imagens estão em panorâmica horizontal PG/PC policiais perfilados na estrada sem identificação com *off* “Outro grande bloqueio foi montado na entrada de Coroa Vermelha, onde três mil índios estavam concentrados em uma conferência.”

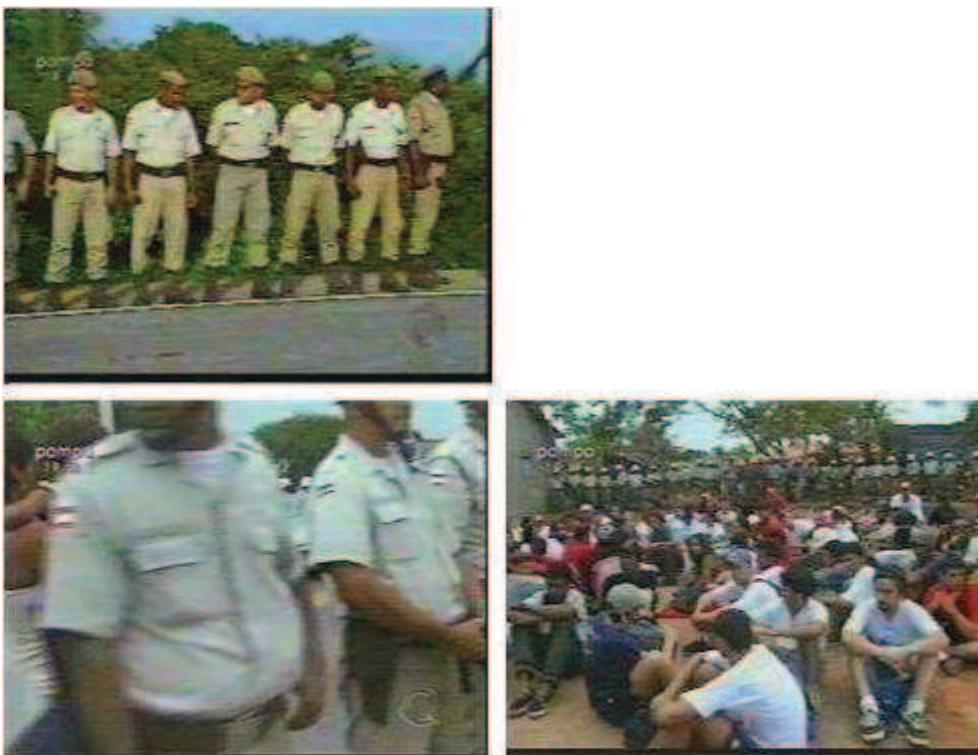


Figura 10 – Demonstração de força (Jornal da Record)

Na Record (Jornal da Record, 22/04/00, 19h15min), as imagens estão em GPG, exibindo manifestantes sentados e policiais perfilados ao fundo; panorâmica horizontal PM tronco de policiais sem identificação. É seqüência. O *off*: “140 pessoas foram detidas em meio a muita confusão./”

Nos três *frames* os policiais estão sem identificação e perfilados, de maneira organizada; os policiais formam um todo homogêneo. Estão distribuídos em fileiras nos três *frames*. O marco desses três *frames* é paradoxal: a organização militar não deve ser identificada. O campo desses *frames* é a repressão policial que não quer ser identificada. O fora de campo é produzido pelo *off*, sendo que, no primeiro segmento, não corresponde à imagem apresentada. O fora de campo também se encontra neste último *frame* através do movimento de panorâmica horizontal no tronco dos policiais, não apresentando o rosto deles, somente o tronco. A profundidade de campo se apresenta no segundo *frame* de seqüência, pelo espaço criado entre a lente da câmera, passando pelos manifestantes sentados e chegando aos policiais. No terceiro *frame*, o movimento de panorâmica horizontal, passando pelo tronco dos policiais dá indícios de grande número de policiais perfilados. No segmento de seqüência a montagem valoriza os policiais perfilados em detrimento dos manifestantes, revelando

também o ponto de vista. O movimento é dado somente pela câmera, tanto no primeiro como no terceiro *frame*. O segmento sonoro dos três *frames* é dado somente pelo *off* da repórter.

Policiais com Escudos e Cassetetes



Figura 11 – Policiais (Jornal da RTP)

Na RTP (Jornal da RTP, 22/04/00, 23h50min) (imagens da Globo, ver selo inferior), as imagens estão em PG da Pchoque avançando com escudos e cassetetes lateral; PG índio seminu com arco e flecha, de costas. É seqüência. O *off* “Uma festa feita a força”.



Figura 12 – Policiais (Jornal da Record)

Na Record (Jornal da Record, 22/04/00, 19h15min), as imagens estão em PA/PG Pchoque avança com escudos e cassetetes na estrada, sob chuva, com *off* “O comandante da operação foi taxativo”.

O quadro do primeiro e terceiro segmento é o aparato militar. O segundo *frame* apresenta um índio armado com arco e flecha; ele é um só, sem calçado e seminu, disperso no quadro. Nos dois outros *frames* os policiais estão juntos, armados com cassetetes, escudos, vestidos de corpo inteiro e calçados. O marco do primeiro e terceiro *frames* é a força corporativa do aparato militar; o marco do segundo *frame* é a fragilidade de um índio sozinho e mal preparado para um confronto. O campo nas três situações é a reserva indígena de Coroa Vermelha e a estrada que leva a Porto Seguro. O fora de campo é dado pela voz em *off* mixada ou em *back ground* com sobe som ambiente das palavras de ordem ritmadas dos policiais de choque e a gritaria dos manifestantes. O fora de campo também aparece na

seqüência da RTP com os corpos dos militares e índios voltados para fora do quadro. A profundidade de campo no segmento da Record é mais evidente; no primeiro *frame* da RTP, a profundidade de campo aparece na quantidade de policiais perfilados correndo. A seqüência dos *frames* da RTP apresenta a contradição quase hilária de um homem só, armado e mal vestido contra muitos, bem armados e bem vestidos. O ponto de vista da seqüência é comparativo; enquanto que, na Record, o ponto de vista é da força do aparato militar, não havendo comparações. O movimento da seqüência da RTP dá indícios dramáticos: a força e quantidade dos militares facilmente acabariam com um só índio. O ritmo da seqüência da RTP é rápido; e do *frame* da Record é muito rápido; ele é só um *insert* para cobrir o *off*, sem relação com este último; é apenas um acessório de montagem. O segmento sonoro da seqüência da RTP é formado pelo *off* da apresentadora mixado com o som ambiente das palavras de ordem ritmadas dos policiais e a gritaria da tensão local em *BG (back ground)*, isto é, a gritaria toda fica por baixo do *off*, num nível de audição menor. O mesmo acontece com o *insert* da Record.

Violência: Bombas, Balas e Feridos

A comemoração pelos 500 anos de Descobrimento do Brasil ficou marcada por bombas de gás lacrimogêneo, balas de borracha e ferimentos diversos naqueles que protestaram contra o evento.

Bombas na Estrada



Figura 13 – Bombas na estrada (Jornal da Band)

Na Bandeirantes (Jornal da Band, 22/04/00, 19h30min), as imagens estão em câmera alta PG, com pessoas gritando e saindo com a boca coberta; nuvem de gás ao fundo; PG pessoas correndo; GPG bomba de gás na estrada índio pega e atira de volta para os policiais; PG policiais na estrada/ perfil *zoom out* policiais Pchoque jogando bombas de gás e correndo. É seqüência. O *off* “Foram recebidos com bombas de gás lacrimogêneo./ Houve muita correria e empurra-empurra./ (...) Os policiais correm para tentar prender os manifestantes./”

O quadro da seqüência são as bombas jogadas pelos policiais. Um índio tenta revidar uma bomba, retornando-a para os policiais de choque (Pchoque). O campo é a estrada; o fora de campo está representado pelo *off* e para o espaço da estrada que não sabemos para onde se dirigem os manifestantes. A profundidade de campo é percebida na seqüência nos quatro *frames*: nos dois primeiros, com a câmera alta, tem-se ao fundo as explodindo; no terceiro *frame*, a faixa branca da estrada dá a clara visão de perspectiva; o quarto *frame*, uma linha contínua de policiais correndo pela estrada. A escala fica no plano conjunto (vêm-se muitas pessoas em três *frames*) com plano geral/ grande plano geral. O terceiro *frame* do índio revidando a bomba, num grande plano geral, mostra a solidão numa situação de desespero, como única arma, a dos agressores. O ponto de vista, nos três primeiros *frames*, é dos manifestantes, percebendo as bombas, tentando se proteger ou fugindo e tentando revidar com a arma dos agressores. O ponto de vista do quarto *frame* é dos policiais de choque, numa ação contínua; eles estão de perfil. O ritmo e o movimento são acelerados: confusão, correria; ou corre ou morre. Quem sabe? A leitura da montagem dá uma sensação de falta de perspectiva, no sentido de futuro, para os manifestantes. O segmento sonoro é caracterizado pela voz em *off* e pela gritaria e bombas explodindo ao fundo.

Balas na Estrada

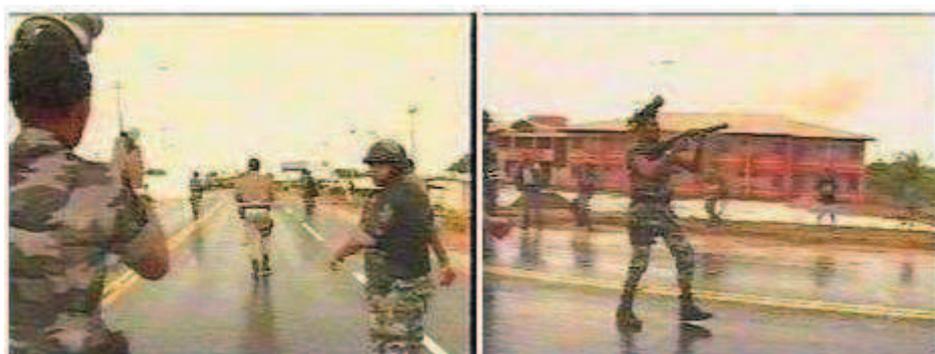


Figura 14 – Balas na estrada (JN)

Na Globo (Jornal Nacional, 22/04/00, 20h15min) as imagens estão em PM Pchoque de costas armado na estrada; GPG Pchoque perfil atirando balas de borracha. É seqüência. O *off* “De longe a polícia lançou bombas de gás para dispersar”.

O quadro dessa seqüência são os policiais de choque atirando balas de borracha, de costas e de perfil, mostrando que estão em ação. O marco é a ação dos policiais na estrada. O campo é a estrada. O fora de campo é a voz em *off*, que não é coerente com a imagem pois fala de bombas de gás quando os policiais estão atirando balas de borracha. O fora de campo também é o espaço para onde eles estão se dirigindo, no primeiro *frame* ao fundo, ao longe; e no segundo *frame*, na estrada, onde também não se sabe para onde. A perspectiva e a profundidade de campo ficam evidentes no primeiro *frame* com as duas faixas na estrada. A seqüência é do contraplano de costas do policial de choque em plano médio para grande plano geral em perfil, como se houvesse uma virada de 90° com profundidade e escala. O ponto de vista é dos policiais de choque agindo contra os manifestantes. O movimento e o ritmo são acelerados, como as balas que estão sendo atiradas. O som característico desta seqüência após a voz em *off* é o sobe som das balas e bombas explodindo.

Ferimentos



Figura 15 – Ferimentos (Jornal da Record e Jornal da RTP)

Na Record (Jornal da Record, 22/04/00, 19h15min), as imagens estão em PP perna com três esparadrapos com *off* “Como é que machucou o senhor ali? O que acertou?”

Na RTP (Jornal da RTP, 22/04/00, 23h50min) as imagens estão em PPP perna com hematoma, ferida aberta com pus e sangue com *off* “[As comemorações dos quinhentos anos da descoberta do Brasil] ficaram marcadas pela repressão./”

O quadro das duas imagens são os ferimentos causados pela violência policial. O primeiro plano e o primeiríssimo plano apresentam a consequência da violência desencadeada contra os manifestantes. O marco dos *frames* é a parte do corpo que foi atingida. O campo é o corpo dos manifestantes, nos dois casos, nas pernas. O fora de campo é o resto dos corpos dos manifestantes, isto é, não vemos quem foi atingido, só os ferimentos. O fora de campo também é definido pela voz em *off*. A perspectiva fica mais evidente no segundo *frame*, aparecendo o braço do manifestante mais acima. Os enquadramentos das lesões estão em primeiro plano e primeiríssimo plano, dando ênfase para as feridas. O ponto de vista é dos manifestantes que foram atingidos. O movimento e o ritmo são muito rápidos, parecendo quase um *insert* de imagem. Nos dois *frames*, o segmento sonoro é dado somente pela voz em *off*.



Figura 16 – Ferimentos (JN)

Na Globo, (Jornal Nacional, 22/04/00, 20h15min), as imagens estão em PC/PA índio sendo carregado para ambulância com *off* “Quatro manifestantes ficaram feridos./”

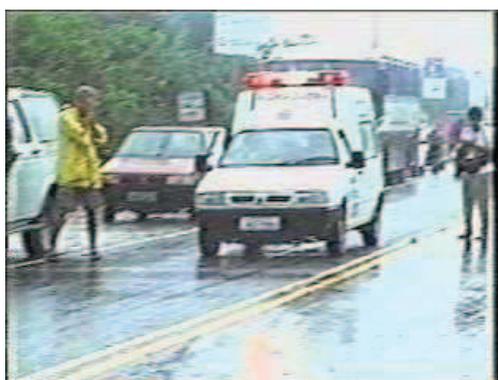


Figura 17 – Ferimentos (Jornal da Band)

Na Bandeirantes (Jornal da Band, 22/04/00, 19h30min), as imagens estão em PP/PC duas índias carregando uma terceira, o *off* “Esta índia estava na linha de frente da caminhada e foi atingida por uma bomba./” PG ambulância na estrada sob chuva. (*off*) “A ambulância socorre os feridos./” Os dois *frames* do Jornal da Band são uma seqüência.

O quadro dos três *frames* são as vítimas da violência, os índios, que estão sendo carregados para serem atendidos pelo serviço médico. O marco são os índios atingidos pela violência. O campo é a estrada onde a polícia tenta deter os manifestantes. O fora de campo é determinado pelos olhos das índias que parecem estar olhando para o chão e por uma ambulância que vem de um lugar que não se sabe de onde. Estaria acompanhando a marcha dos manifestantes? O fora de campo também é definido pela voz em *off* e pelo corpo das pessoas que não aparecem de todo e que carregam o índio no primeiro *frame*. A perspectiva se vê no *frame* da ambulância, com as faixas de segurança pintadas no chão da estrada. A profundidade de campo aparece no primeiro *frame*, com o corpo do índio que é carregado; outra evidência de profundidade de campo é a ambulância na estrada, paralela a um grande numero de automóveis e o plano conjunto das três índias: a que aparece em primeiro plano parece ser a mais forte. O plano seqüência do Jornal da Band mostra o socorro médico que é dado aos índios na estrada. O ponto de vista tanto da Bandeirantes, como da Globo, é dos índios enquanto vítimas da violência policial. O segmento sonoro é caracterizado pela voz em *off* e pelo sobe som da sirene da ambulância.

Enfrentamentos



Figura 18 – Enfrentamentos (JN)

Na Globo (Jornal Nacional 22/04/00, 20h15min), as imagens estão em PC/PG/PA 2 Pchoque batendo em negro, derrubando-o no chão. O *off* “Estas imagens feitas por um cinegrafista amador, mostram um homem sendo agredido por policiais.” É uma seqüência que continua com a próxima.



Figura 19 – Enfrentamentos (JN)

Na Globo (Jornal Nacional, 22/04/00, 20h15min), as imagens estão em PM mulher negra gritando com Pchoque zoom out GPG Pchoque empurrando mulher para dentro de grupo de Pchoques. É seqüência que vem junto com a anterior (do homem negro). O *off* “A mulher dele foi cobrar explicações e acabou sendo empurrada./”

O quadro das duas seqüências, do homem e da mulher negra, é a questão da violência contra manifestantes. O marco consitui-se da prepotência dos policiais: primeiro dois a três batendo em um homem só; depois vários contra uma mulher. O campo é o local de enfrentamento dos policiais com os manifestantes, em Santa Cruz Cabrália. O fora de campo é dado pela voz em *off* do repórter e por uma gritaria que não se sabe de onde vem. O fora de campo também fica evidente com a quantidade de policiais de choque que aparecem repentinamente agredindo a mulher. A perspectiva vai aparecer junto com o movimento de lente *zoom out*. A profundidade de campo se caracteriza pelo plano conjunto, plano médio e plano geral do homem sendo derrubado pelos policiais; pelo plano geral do escudo da polícia de choque e plano médio da mulher e dos soldados ao fundo, após aparece ela sendo empurrada pelos policiais para dentro do grupo. As duas seqüências do casal apresentam a lógica de violência e prepotência policial. O ponto de vista, nessas duas seqüências, é duplo, isto é, do agressor (polícia) e dos agredidos (negros manifestantes). O movimento e ritmo das duas seqüências é muito rápido. A montagem das seqüências é uma linearidade de

enfrentamento e abuso de poder policial. O segmento sonoro é dado pela voz em *off* e pelo *background* da gritaria até chegar ao fim do *off* e a gritaria ficar em *sobe som*.



Na RTP (Jornal da RTP, 22/04/00, 23h50min), as imagens estão em PM coronel agarrando manifestante com *off* “Sindicalistas, estudantes e negros protestaram contra o governo brasileiro e contra as comemorações do achamento.”/



* selo da Globo no canto inferior direito

Figura 20 – Enfrentamentos (Jornal RTP)

Na BBC (BBC News, 23/04/00, 00h20min) (*selo da Globo no canto inferior direito), as imagens estão em PA/PC/PM policial detendo manifestante, jogando manifestante sobre outros manifestantes que estão sentados. O *off* “Próximo a Porto Seguro, turistas no local presenciaram protestos contra a exclusão social./”

Esta mesma imagem faz parte da segunda matéria do correspondente da BBC, que tem como *off* : “E foi muito desagradável. Era um movimento pacífico, indo pela estrada com indígenas xavantes, com corpos pintados, falando sua língua, em marcha no seu caminho. Eles estavam felizes em sua marcha, caminhando. Então a estrada foi bloqueada por um batalhão de choque. A marcha parou./” É um plano seqüência dos três *frames*.

O quadro dos três *frames* é a detenção de um manifestante. O marco dos *frames* é a suspensão das liberdades individuais. O campo é a reserva indígena de Coroa Vermelha. O fora de campo é a voz em *off* da apresentadora da RTP e do repórter e correspondente da BBC. Também faz parte do fora de campo a gritaria em *back ground*, ao fundo, da voz em *off*

e uma multidão de manifestantes sentados. A profundidade de campo é visualizada com uma grande quantidade de policiais ao fundo, em pé, um ao lado do outro, havendo muitos manifestantes sentados no chão e o confronto do coronel com o manifestante, num plano mais próximo da lente, em plano conjunto/plano americano. O ponto de vista neste caso é duplo: de quem tem o poder e de quem se manifesta e é preso e agredido frente a seu grupo. O movimento físico da seqüência é rápido, mas paralelo a isso existe uma sensação de lentidão na seqüência: o ritmo é lento. A montagem é linear: detenção, revide e queda. O segmento sonoro se dá pela voz em *off* e pela gritaria dos manifestantes em *BG (back ground)*.

A reserva indígena é cercada por policiais que submetem os manifestantes a ficarem sentados. O Coronel Wellington detém um manifestante que revida e acaba sendo jogado sobre os outros manifestantes que estão sentados no chão. O espaço da cena dá impressão de uma arena, rodeada por policiais que mantêm os manifestantes sentados, sem movimento; quem revida é jogado sobre os outros. Não existe opção. Os manifestantes têm que se submeter à autoridade do poder instituído.



Na BBC (BBC News, 23/04/00, 00h20min), as imagens estão em PG/PC manifestantes sentados gritando com o *off* “Inclusive eu fiquei com a boca cheia de gás lacrimogêneo./ Os policiais vieram agressivos, batendo, xingando e correndo atrás das pessoas./”

*selo da Globo no canto inferior direito

Figura 21 – Enfrentamentos (BBC News)

Na Record (Jornal da Record, 22/04/00, 19h15min), imagens estão em PG/PC pessoas sentadas no chão e policiais em pé, perfilados ao fundo, com o *off* “Cento e quarenta pessoas foram detidas em meio a muita confusão./”

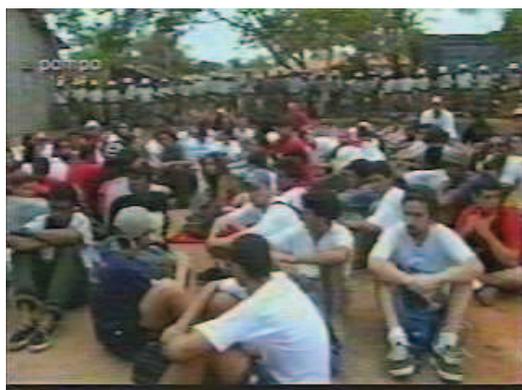


Figura 22 – Enfrentamentos (Jornal da Record)

O quadro destes dois *frames* é a detenção de manifestantes. O marco é o cerceamento de liberdade, impedindo o movimento de ir e vir. O campo é a reserva indígena de Coroa Vermelha. O fora de campo é dado pela voz em *off*, pelos manifestantes que estão presos e aparecem parcialmente e pelos policiais que formam um círculo, uma espécie de cordão ao redor dos manifestantes. A profundidade de campo é vista nos dois *frames* com os manifestantes em diferentes proximidades com a lente e os policiais ao fundo. O enquadramento de plano conjunto dos manifestantes dá sensação de um grande número de pessoas. O mesmo acontece com os policiais ao fundo. Mesmo que diretamente esses *frames* não sejam uma seqüência, eles se complementam e fazem parte da seqüência anterior. O ponto de vista é duplo: de opressão daqueles que estão detidos e de poder daqueles que estão em pé, os policiais. O segmento sonoro se dá pela voz em *off*.



Figura 23 – Enfrentamentos (Jornal da RTP)

Na RTP (Jornal da RTP, 22/04/00, 23h50min), imagens estão em PM policiais batendo em manifestantes no Rio de Janeiro; é seqüência. O *off*: “Na Quinta-feira no Rio de Janeiro, o cenário foi este./”



Figura 24 – Enfrentamentos (Jornal da RTP)

Na RTP (Jornal da RTP, 22/04/00, 23h50min), imagens em PC/PA Pchoque com escudos e bastões passando por cima de manifestantes no Rio de Janeiro; é seqüência. O *off* “A polícia deteve três manifestantes./”

O quadro das duas seqüências é a violência policial desencadeada contra manifestantes. O marco é bater nos manifestantes e pisar ou passar por cima deles. O campo é o centro do Rio de Janeiro. O fora de campo é a voz em *off*, os policiais e os manifestantes que não aparecem de maneira completa. Quanto à profundidade de campo, se observa num plano mais próximo da lente os policiais; num plano mais distante da lente, os manifestantes. A primeira seqüência apresenta os policiais agredindo os manifestantes; a segunda seqüência apresenta os policiais passando por cima dos manifestantes, determinados a acabar de qualquer jeito com a manifestação. Este é o efeito da montagem. O ponto de vista na primeira seqüência é de pancadaria (baixando o cassetete); na segunda seqüência o ponto de vista é de pressão e opressão sobre os manifestantes. O movimento e o ritmo da primeira seqüência sugerem rapidez. Da segunda seqüência, o movimento é rápido e o ritmo é lento: como se os passos sobre os manifestantes que estão embaixo das placas fosse algo que viesse a continuar por mais tempo. A montagem dessas duas seqüências, uma após a outra, somente mediada por uma sonora (um depoimento de manifestante) dá uma sensação completa de repressão e opressão; tem-se aí a força do poder instituído. O segmento sonoro é composto pela voz em *off* e pelo *BG* (*back ground*) da gritaria dos manifestantes.



Figura 25 – Enfrentamentos (JN)

Na Globo (Jornal Nacional, 22/04/00, 20h15min), as imagens em GPG índio ajoelhado no meio da estrada; GPG índio sendo agarrado pela Pchoque; GPG índio deitado na estrada; PP índio deitado na estrada sendo pisoteado por Pchoque. O *off* “Este índio se afastou do grupo e foi pedir calma para os policiais./” Estes quatro frames formam uma seqüência.

O quadro da seqüência é a tentativa do índio de barrar os policiais com seu corpo. O marco da seqüência é o abuso de poder dos policiais que estão perseguindo os indígenas e que nada os fará parar no cumprimento de seu dever, muito menos um mísero índio. O campo é a estrada onde os policiais perseguem os índios que estavam em marcha. O fora de campo é a voz em *off*, os policiais cujos corpos aparecem parcialmente nos *frames* e o indígena que aparece parcialmente sendo pisoteado no último *frame*. A perspectiva fica evidente no primeiro e terceiro *frame*, com as faixas na estrada. A profundidade de campo se evidencia com os policiais mais próximos da lente no terceiro e quarto *frames* e os fotógrafos ao fundo. O ponto de vista é duplo: um índio que busca conversar com os policiais nada consegue; tenta detê-los se jogando no chão e é pisoteado. Por outro lado, os policiais, em grande número, que estão na perseguição dos índios e que não vão se deter por um índio jogado no chão. O movimento da seqüência é lento, e o ritmo é rápido. A montagem mostra o contraste de um

índio tentando parar uma tropa de choque. O segmento sonoro se dá pela voz em *off*, pelas bombas ao fundo explodindo e pela voz em *BG (back ground)* do índio, bem baixinho.

Concluindo este capítulo, pode-se afirmar que as imagens contêm um teor opinativo bastante grande, por exemplo, os pés que são mostrados quando se fala dos sem-terra indicam pés sem-terra. A articulação texto/imagem, em certos momentos, é complementar e, em outros, é contrastante e até paradoxal. É o caso da cena, por exemplo, dos policiais com escudos e cassetetes e na cena posterior um índio com arco e flecha, com o *off*: “Uma festa feita a força.” A linguagem cinematográfica contribuiu para o processo de produção de sentido do texto televisivo, ampliando a compreensão da informação televisiva. O tempo das imagens, de um modo geral, é tempo do passado; é o tempo do que foi gravado e aconteceu. Somente na matéria da Band, do dia 22, é que se tem o tempo presente, como se o repórter acompanhasse o que está acontecendo: imagens em câmera alta PG, pessoas gritando saindo com a boca coberta; nuvem de gás ao fundo; PG pessoas correndo; GPG bomba de gás na estrada, índio pega e atira de volta para os policiais; PG policiais na estrada/ perfil zoom out policiais Pchoque jogando bombas de gás e correndo. O *off*: “Foram recebidos com bombas de gás lacrimogêneo. Houve muita correria e empurra-empurra. Os policiais correm para tentar prender os manifestantes.//” Isto sugere uma proximidade entre espectador e acontecimentos.

Os aspectos da linguagem cinematográfica que aqui foram analisados são importantes para que a TV desenvolva uma cobertura crítica. De um modo geral, um telejornal é um produto que se reporta ao social, no caso, às comemorações. Sendo uma composição de linguagens e uma articulação de umas com outras, é possível à TV criar a impressão desejada em relação ao tema. As imagens selecionados dão mais vez e voz aos manifestantes. Tanto as imagens das emissoras estrangeiras, que na verdade são nacionais, pois têm o selo da Globo, como as nacionais, têm um cunho de denúncia do que está acontecendo, denúncia da marcha, de fechamento das estradas, de vestimenta, das faixas no centro do Rio de Janeiro, das faixas na comemoração da Primeira Missa, do discurso, da demonstração de força dos militares, dos policiais com escudos e cassetetes, das bombas nas estradas, das balas nas estradas, dos ferimentos e dos enfrentamentos.

É preciso destacar a riqueza dos processos de linguagem, em especial a cinematográfica, a erca do sentido que a TV quer dar a esse fato. É preciso destacar que um acontecimento político, cívico, cultural, religioso, etc. é legitimado, covalidado pela questão

da linguagem, neste caso, da linguagem cinematográfica, através dos enquadramentos, por exemplo, quando apresenta os diversos registros das manifestações em diferentes planos.

8 CONCLUSÃO

Esta pesquisa “Telejornal dos 500 Anos: *Frames* de Protesto e Violência” consistiu numa análise do papel do telejornal na construção do acontecimento, a partir de um estudo de caso determinado, levando em consideração a importância das linguagens, especialmente a midiática.

Para tanto, foram desenvolvidas várias etapas. Inicialmente, caracterizou-se a informação televisiva, apresentando suas características e especificidades. Após, foi analisada a questão do processo de produção de sentido na televisão, o código, o texto, o espaço, o tempo e os atores. A partir daí, identificou-se a pertinência da linguagem para análise da informação televisiva, optando-se pela especificidade da linguagem cinematográfica, porque através dela identificavam-se conceitos fundamentais para a análise. São eles: quadro, marco, campo e fora de campo, perspectiva, profundidade de campo, escala, planos cinematográficos e enquadramentos para TV, movimentos de câmera e de lente, seqüência e ponto de vista, temporalidade, movimento, ritmo, montagem e som.

Na segunda parte deste trabalho, foi apresentada a comemoração dos 500 anos através da mídia de um modo em geral, visando descrever o agendamento feito pela mídia principalmente através da mídia impressa, *sites* da *Internet*, TV, música, festa e futebol, relógios de contagem regressiva, fotografia e educação.

Face à contextualização do momento em questão (dias 22 e 26 de abril de 2000, cujos telejornais foram analisados), constatou-se que o agendamento via mídia impressa do protesto dos grupos repercute sobre a construção televisiva.

Por ocasião do projeto de qualificação, havia o desejo de trazer o aspecto histórico para esta análise, mas o Orientador alertava e lembrava que “o programa é de pós-graduação em comunicação”. Entretanto, o tema do agendamento do protesto e da violência, permitiu, de algum modo, que se trouxesse a História para a Comunicação pela recuperação dos registros impressos que seriam reconstituídos parcialmente no processo de protesto e violência contra as comemorações dos 500 anos.

Assim sendo, a mídia impressa, portanto, serviu de apoio e, no caso, como agenda de protesto e violência nas comemorações dos 500 anos. Foram examinados os títulos e as

matérias sobre o protesto e violência contrários às comemorações, dos 500 anos, uma semana antes das comemorações, os quais foram enquadrados em três atos: *os dias de véspera* (a antevisão dos protestos), *os registros de violência* (o dia D) e *o dia seguinte* (os processos avaliativos). Os telejornais dos dias 22 e 26 se enquadram no segundo ato, isto é, relativos à ocorrência de violência. É neste momento que são analisadas as matérias dos telejornais nacionais e estrangeiros que consistem no objeto desta pesquisa. Inicialmente, fez-se uma análise dos roteiros de edição das matérias telejornalísticas, procurando identificar quem fala, isto é, *as vozes*, os textos e as imagens. Para análise das imagens, foram utilizados conceitos da linguagem cinematográfica, imergindo em maior profundidade na análise das imagens. Foram selecionados *frames* que melhor identificavam a idéia de protesto; eles foram separados por assuntos, como: *marcha, fechamento das estradas, faixas no centro do Rio de Janeiro, faixas na comemoração da missa rezada em Coroa Vermelha, etc.* A violência foi apresentada através de registros discursivos sobre a *demonstração de força dos militares, os policiais com escudos e cassetetes, as bombas na estrada, as balas na estrada, os ferimentos, e os diversos enfrentamentos.* Todos esses *frames* foram analisados através dos conceitos cinematográficos: *quadro, marco, campo e fora de campo, perspectiva, profundidade de campo, escala, planos cinematográficos e enquadramentos para TV, movimentos de câmera e de lente, seqüência e ponto de vista, temporalidade, movimento, ritmo, montagem e som.*

Dificuldades encontradas? Muitas e de vários níveis. Foram necessárias mudanças de percurso face às conclusões diante das leituras teóricas referentes ao objeto de estudo. Houve dificuldades ao percebermos que somente os telejornais das duas datas seriam insuficientes face à quantidade de material de mídia impressa existente e que este último não seria um material opcional de apoio; deveria constar e ser analisado no trabalho, o que significava trabalhar com o conceito de agenda. Houve dificuldades também, e principalmente, para apresentação das figuras nos *frames*. A experiência desta pesquisadora era a do trabalho com imagens em TV, que eram passadas para o papel através da decupagem e do roteiro de edição. A edição era feita diretamente em corte seco no suporte magnético ou através de programa de computador. Nunca havia transportado estas imagens via outra linguagem diretamente para o papel. Neste caso, trabalhar com figuras no *Word* foi traumático: muitas vezes, quando abria o arquivo, as figuras sumiam. Mesmo salvando em RTF (*Rich Text Format*), que ocupa mais espaço e requer mais memória, dando uma margem maior de segurança, as figuras saíam do arquivo e se localizavam em qualquer lugar no *winchester* do computador. Cada vez que

inseriria mais texto nessas figuras, estas pulavam para outra área, ou se sobrepunham ou ainda, como já mencionado, se localizavam em qualquer lugar no *winchester*. Vicissitudes inerentes ao trabalho de pesquisa...

À medida que a análise era desenvolvida, percebia-se a necessidade de fundamentação teórica e de conceitos correlatos que a subsidiassem. O trabalho poderia extrapolar para outras interpretações; por isso, havia a necessidade de restrição às fronteiras de sua finalidade.

Por outro lado, uma análise mais ampla, em termos do telejornais gravados durante o mesmo período da mídia impressa (14 à 26 de abril de 2000), também teria sido valiosa e, aí, se fazer a análise comparativa das duas mídias. Infelizmente no período de realização das gravações, não se tinha a dimensão do rumo que a análise viria a tomar. Na época, a mídia impressa serviria como apoio para contextualizar alguma informação, mas não como material de análise. São as tais surpresas de pesquisa.

Quanto ao período, se observarmos que a “marcha dos índios” começou em março de 2000, se a análise abarcasse também esse período, tanto na mídia impressa como na televisiva, seria possível se perceber melhor o conceito de movimento social indígena, por exemplo. Não que parasse aí, pois a luta deles tem mais de 500 anos. Mas desde aí, a marcha tem um propósito definido, tem um objetivo: é o reconhecimento do Estatuto Indígena e a demarcação de terras.

A proposta deste trabalho se vincula à linha de pesquisa Mídia e Processos Socioculturais do PPGCC. Nesse sentido, foi possível delinear e exercitar algumas propostas de análise, em termos de mídia impressa e televisiva. Da mídia impressa, em nenhum momento foram analisadas as fotografias. Fica aqui outra sugestão para estudo futuro: uma análise comparativa das fotografias com os *frames* televisivos.

O que se aprendeu com este trabalho? O que ele proporcionou como resultado? Muita coisa, a começar pelo exercício teórico sobre processos de construção de sentido. Eles são muito complexos, especialmente na mídia televisiva. A imagem, através da própria imagem em movimento, dos gráficos, fotografias e animação, unidos aos sons, de expressão oral, música, som ambiente e silêncios, somados aos textos de cabeça e/ou *off*, resultam no processo de produção de sentido televisivo e se integram para transmitir uma mensagem. Mas já a opção adotada demonstra uma ênfase, uma pontuação, para transmissão da notícia. Os telejornais não são uníssonos. Eles podem ter aspectos semelhantes e/ou divergentes,

dependendo do enfoque que vão dar, seja como um relato de um acontecimento (como se viu através das emissoras brasileiras), ou como análise de processo histórico (como foi visto através das emissoras portuguesa, RTP, e inglesa, BBC). E isso depende de suas estratégias de cobertura.

Por outro lado, as mídias, no caso TV e jornal, dialogam entre si. Muitas vezes a informação que é transmitida por um jornal, não teve um jornalista da empresa lá presente. Foram informações retiradas de outras mídias, sejam impressas, radiofônicas, *on line* (*Internet*) ou mesmo por agências de notícias. São ecos das interdiscursividades.

A televisão trabalha com muitas linguagens pois utiliza sons, imagens e textos. Acreditamos que a linguagem que melhor trabalha todo esse complexo processo de construção de sentido é a linguagem cinematográfica. Somente através da linguagem cinematográfica é possível identificar toda a riqueza da construção da mensagem televisiva em todo seu conjunto, através do quadro, marco, campo, fora de campo, perspectiva, profundidade, enquadramentos, movimentos de lente e câmera, seqüência, ponto de vista, ritmo e segmento sonoro.

De modo mais largo, a linguagem cinematográfica permite uma análise integradora da informação televisiva, resgatando seu sentido como um todo. Os sentidos, na verdade, não existem isoladamente; eles vêm imiscuídos num conjunto de relações. Cada emissora, cada veículo pontua, dá ênfase, destaca aquilo que considera mais importante no acontecimento.

Várias mídias e várias instituições falaram sobre os 500 anos. A fala específica da TV registra a comemoração da sociedade, revelando que a sociedade tem maneiras de mostrar os *frames* desta celebração pelo concurso da linguagem da TV, ou melhor, pela linguagem cinematográfica. Os 500 anos televisivos são apresentados através da capacidade da linguagem cinematográfica em revelar sentidos, em mostrar esses sentidos.

REFERÊNCIAS

BARBOSA, Marialva. Tempo, acontecimento e celebração: a construção dos quinhentos anos de Brasil nos gestos comemorativos da TV Globo. *Comunicação e Sociedade*, São Bernardo do Campo, n. 33, p. 67-88, 2000.

BRAMATTI, Daniel. Índio aponta flecha para o rosto de ACM durante manifestação: membro da tribo suruí quer aprovação de estatuto indígena. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 14 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 14.

British Broadcasting Corporation. **BBC news** [Protestos]. London: BBC, 23 abr. 2000. Programa de TV.

BRITISH KINEMATOGRAPH SOUND AND TELEVISION SOCIETY. *Diccionario de las tecnologías de la imagen*. Barcelona: Gedisa, 1998.

CEBRIÁN HERREROS, Mariano. *Información televisiva: mediaciones, contenidos, expresión y programación*. Madrid: Síntesis, 1998.

COGO, Denise. GOMES, Pedro, SILVEIRA, Fabrício. *Multiculturalismo e esfera midiática: a (re)descoberta dos 500 anos na mídia brasileira: estudo da produção e da recepção das identidades culturais no contexto da midiatização dos 500 anos de Descobrimento do Brasil*. São Leopoldo: Unisinos, 2002. Relatório de pesquisa.

COMPARATO, Doc. *Roteiro: arte e técnica de escrever para cinema e televisão*. Rio de Janeiro: Nórdica, 1983.

CORREIO DO POVO, Porto Alegre, 14 a 26 abr. de 2000.

DAYAN, Daniel; KATZ, Elihu. *A história em directo: os acontecimentos mediáticos na televisão*. Coimbra: Minerva, 1999.

FAUSTO NETO, Antonio. A construção do presidente: estratégias discursivas e as eleições presidenciais de 1994. *Pauta Geral: Revista de Jornalismo*, Salvador, ano 3, n. 3, p. 23-57, ago. 1995.

_____. *Comunicação e mídia impressa: estudo sobre a AIDS*. São Paulo: Hacker, 1999.

FH ficará seis horas no berço do país. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 6, 22 abr. 2000.

FHC promete mais terra a índios. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 1, 23 abr. 2000.

FHC reage a MST e diz que não haverá 'velório': presidente desafia 'baderneiros' a atacar a sua autoridade na festa dos 500 anos. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 1.

FOLHA DE SÃO PAULO, São Paulo, 14 a 26 abr. 2000.

FRACASSA a festa dos 500 anos: em vez de alegria pelas comemorações, país assistiu a muitas cenas de violência, prisões, feridos, atos de vandalismo e protestos. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 1, 24 abr. 2000.

FRANÇA, William. Festa não é convite a 'velório', diz FHC: presidente critica "grupos infiltrados para criar violência" e chama MST de não-democrático. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 10.

FRANCISCO, Luiz. Movimento deve sair de Porto Seguro depois de fazer acordo. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 12.

FRANCISCO, Luiz. Sem-terra ameaçam descumprir acordo: coordenador do MST diz que estuda ficar mais tempo em Porto Seguro, ao contrário do combinado. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 6.

_____. Sem-terra e PMs entram em choque: barreira policial parou viagem do MST a Porto Seguro; entre os 11 presos, há dois turistas da Espanha. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 15 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 11.

FUNAI perde presidente na festa. *Zero Hora*, Porto Alegre, 24 abr. 2000. Especial, p. 4.

GONZALEZ REQUENA, Jesus. *El discurso televisivo: espectáculo de la posmodernidad*. Madrid: Cátedra, 1999.

GREGORI vê imagem arranhada. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 abr. 2000. Internacional, p. 10.

INDÍGENAS revivem 500 anos de humilhação: índios não puderam entregar documento a FHC e retornaram a suas aldeias como fugitivos, à noite, com medo da PM baiana. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 24 abr. 2000. Geral, p. 11.

ÍNDIOS fizeram conferência na região. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 12, 22 abr. 2000.

ÍNDIOS fazem manifestações com MST. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 6.

MACIEL, Pedro. *Jornalismo de televisão*. Porto Alegre: Sagra-D.C. Luzzatto, 1995.

MARQUES, Francisca Ester de Sá. O processo de televisazamento do texto jornalístico. In: PORTO, Sérgio Dayrell (Org.). *O jornal: da forma ao sentido*. Brasília: Paralelo 15, 1997. p. 525-539.

MARTIN, Marcel. *A linguagem cinematográfica*. São Paulo: Brasiliense, 1990.

McCOMBS, Maxwell et al. Candidate images in spanish elections: second level agenda-setting effects. *Journalism & Mass Communication Quarterly*, Columbia, v. 74, n. 4, p. 703-717, winter 1997.

McCOMBS, Maxwell. The agenda-setting function of mass media. *Public Opinion Quarterly*, New York, v. 36, n. 2, p. 176-187, 1972.

NEGROS pretendem denunciar racismo. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 12, 22 abr. 2000.

PARA Gregori, é melhor falar com o índio: ministro defende necessidades concretas e critica branco amigo de indígena, em referência a ONGs. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 17 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 9.

PRESIDENTE cancela parte da programação: houve princípio de tumulto no litoral baiano. *Zero Hora*, Porto Alegre, p. 41, 23 abr. 2000.

PRESIDENTE da Funai é demitido. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 1, 25 abr. 2000.

PRESIDENTE diz que MST passou dos limites. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 1, 22 abr. 2000.

PRESIDENTE reduz agenda na Bahia. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 10.

PROTESTO dia 22 pretende reunir 40 mil. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 20 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 10.

PROTESTO termina com 11 presos no Ceará: Confronto entre PM e grupos estudantis que se manifestavam contra os 500 Anos deixou cinco feridos em Fortaleza. *Zero Hora*, Porto Alegre, 19 abr. 2000. Reportagem Especial, p. 6.

PROTESTOS atrapalham festa dos 500 anos: manifestantes e policiais feridos em conflitos que levaram o presidente Fernando Henrique a mudar a agenda das comemorações. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 1, 23 abr. 2000.

PT e Cimi fazem denúncia à OEA. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 25 abr. 2000. Internacional, p. 10.

RÁDIO E TELEVISÃO DE PORTUGAL. *Jornal da RTP* [Protestos]. Lisboa: RTP, 22 abr. 2000. Programa de TV.

REDE BANDEIRANTES. *Jornal da Band* [Protestos]. São Paulo: Rede Bandeirantes, 22 abr. 2000. Programa de TV.

_____. *Jornal da Noite* [Protestos]. São Paulo: Rede Bandeirantes, 27 abr. 2000. Programa de TV.

REDE GLOBO. *Jornal Nacional* [Protestos]. Rio de Janeiro: Rede Globo, 22 abr. 2000. Programa de TV.

_____. _____. Rio de Janeiro: Rede Globo, 26 abr. 2000. Programa de TV.

REDE RECORD. *Jornal da Record* [Protestos]. São Paulo: Rede Record, 22 abr. 2000. Programa de TV.

REVISTA Reportagem. São Paulo, ano 1, n. 10, maio 2000.

RODRIGUES, Adriano Duarte. *Comunicação e cultura: a experiência cultural na era da informação*. Lisboa: Presença, 1994.

_____. *Estratégias da comunicação: questão comunicacional e formas de sociabilidade*. Lisboa: Presença, 1997.

ROITER, Ana Maria. *Dicionário técnico de TV*. São Paulo: Globo, 1995.

SANTOS, Rudi. *Manual de vídeo*. Rio de Janeiro: Ed. UFRJ, 1995.

SEGURANÇA máxima na festa dos 500 anos: índios, sem-terra, sindicalistas e estudantes ameaçam as comemorações oficiais marcadas para amanhã no sul da Bahia. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 1, 21 abr. 2000.

SEGURANÇA reforçada para receber FH: preocupação é com a participação do presidente em entrega de obras em Coroa Vermelha. *Zero Hora*, Porto Alegre, 21 abr. 2000. Geral, p. 29.

SEM-TERRA promovem nova onda de invasões. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 18 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 1.

SISTEMA BRASILEIRO DE TELEVISÃO. *Jornal do SBT* [Protestos]. São Paulo: SBT, 27 abr. 2000. Programa de TV.

SQUIRRA, Sebastião. *Aprender telejornalismo: produção e técnica*. São Paulo: Brasiliense, 1995.

TENSÃO na festa do Descobrimento: segurança reforçada na região de Porto Seguro não afasta organizadores das manifestações de protesto marcadas para hoje. *Correio do Povo*, Porto Alegre, p. 1, 22 abr. 2000.

TRAQUINA, Nelson (Org.). *Jornalismo: questões, teorias e “estórias”*. Lisboa: Veja, 1999.

TRIBO truka se diz pronta para guerra. *Correio do Povo*, Porto Alegre, 26 abr. 2000. Nacional/Internacional, p. 10.

VERÓN, Eliseo. *A produção de sentido*. São Paulo: Cultrix: Edusp, 1980.

_____. *Construir el acontecimiento: los medios de comunicación masiva y el accidente en la central nuclear de Three Mile Island*. Barcelona: Gedisa, 1995.

VILCHES, Lorenzo. *La lectura de la imagen: prensa, cine, televisión*. Barcelona: Paidós, 1984.

_____. *Manipulación de la información televisiva*. Barcelona: Paidós, 1995.

VILLAFANE, Justo; MINGUEZ, Norberto. *Principios de teoría general de la imagen*. Madrid: Pirámide, 1996.

WATTS, Harris. *On camera: o curso de produção de filme e vídeo da BBC*. São Paulo: Summus, 1990.

WOLF, Mauro. *Teorias da comunicação*. Lisboa: Presença, 1995.

ZERO HORA, Porto Alegre, 14 a 26 abr. 2000.

ZORZAN, Patrícia. Indígenas e MST podem se unir em ato contra comemoração. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 10.

_____. Indígenas e MST podem se unir em ato contra comemoração. *Folha de São Paulo*, São Paulo, 19 abr. 2000. Brasil, Caderno 1, p. 10.

ZUNZUNEGUI, Santos. *Pensar la imagen*. Madrid: Cátedra, 1992.